



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**A ESTRUTURA SEMÂNTICA INTERNA DE ORAÇÕES ADVERBIAIS
TEMPORAIS INTRODUZIDAS POR *QUANDO* E REALIZADAS PELO
FUTURO DO SUBJUNTIVO:
UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

SÃO CARLOS

2024



Universidade Federal de São Carlos

LUCAS HENRIQUE XAVIER DA COSTA FIRMINO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

A ESTRUTURA SEMÂNTICA INTERNA DE ORAÇÕES ADVERBIAIS TEMPORAIS
INTRODUZIDAS POR *QUANDO* E REALIZADAS PELO FUTURO DO
SUBJUNTIVO:
UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA

LUCAS HENRIQUE XAVIER DA COSTA FIRMINO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale.

São Carlos – São Paulo – Brasil

2024

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que Lucas Henrique Xavier da Costa Firmino (PG - Pós Graduação), login 00000012139596469843, não possui pendência nas Unidades do Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar (SIBi).

Após emissão deste documento, o cadastro será inativado

São Carlos - SP, 25/07/2024





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Lucas Henrique Xavier da Costa Firmino, realizada em 15/03/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Flavia Bezerra de Menezes Hirata Vale (UFSCar)

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi Sé (UFSCar)

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes (UFMS)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, que com muita paciência se dedicou a guiar os meus passos e abrir os meus horizontes, a fim de que eu pudesse realizar esta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, que sempre me acolheu nos momentos de dificuldade.

A todos(as) membros(as) da banca, em especial, à Prof^a Dr^a Joceli Catarina Stassi Sé e ao Prof^o Dr^o Michel Gustavo Fontes, que compartilharam comigo um pouco do seu vasto conhecimento.

Aos amigos Ana Flávia Martins, Daniela Guanais, Daniele Souza, Emerson José Simões, Cláudia Catarino, Johnny César dos Santos, Juliana Parise, Luciane Almeida e Rejane Barbosa, por, em muitos momentos, transformarem a escuridão em caminhos de luz.

À minha família, que, no passado, fora alicerce para que isto acontecesse no presente.

A *Ogum*, por abrir os meus caminhos e me manter sempre de cabeça erguida.

*Ogum,
Guerreiro valente e incansável, eu te saúdo com humildade e respeito.
Que sua força e coragem estejam sempre presentes em minha vida!*

RESUMO

O objetivo desta dissertação é descrever e analisar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos na interpretação da estrutura semântica interna das orações adverbiais temporais introduzidas pela conjunção *quando* e realizadas pelo futuro do subjuntivo, no português escrito contemporâneo. Este trabalho encontrou respaldo teórico na Gramática Discursivo-Funcional (2008), sobretudo levando à análise as orações adverbiais temporais aqui foco ao nível representacional da Gramática Discursivo-Funcional. Além disso, outros critérios formais e funcionais foram levados à análise, como: a correlação modo-temporal, a ordem das orações, a coerência referencial, tipo de entidade, referência temporal, factualidade e a pressuposição. Neste estudo, foram considerados 1.003 (mil e três) dados da língua escrita, coletados no *Cópus do Português*, o qual possibilitou a realização de uma análise sincrônica e contemporânea do objeto para este trabalho escolhido. Observou que a correlação modo-temporal entre a oração temporal e a núcleo é, predominantemente, realizada pelo futuro do subjuntivo (na temporal) e presente do indicativo (na núcleo), outros modos e tempos verbais se fazem presentes na oração núcleo o que cria uma variabilidade de combinações modo-temporais e leituras (importante pontuar que o foco desta pesquisa está na análise da adverbial temporal com valor de futuro); além de o verbo ‘estar’ ser o mais produtivo na oração temporal com sentido futuro. Averiguou-se ainda que elas podem figurar-se como sendo de segunda ordem, com referência temporal dependente, não factual e não pressuposta; podem figurar-se como de segunda ordem, com referência temporal independente, sendo não-factual e não-pressuposta e, por último, podem, também, figurar-se como de terceira ordem, com referência temporal independente, sendo não-factual e não pressuposta.

Palavras-chave: orações adverbiais temporais, expressão de futuro, gramática funcional, parâmetros sintáticos-semânticos-pragmáticos.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to describe and analyze the syntactic, semantic and pragmatic aspects involved in the interpretation of the internal semantic structure of temporal adverbial clauses introduced by the conjunction *when* and carried out by the future subjunctive, in contemporary written Portuguese. This work found theoretical support in Discursive-Functional Grammar (2008), especially leading to the analysis of temporal adverbial clauses, here focused on the representational level of Discursive-Functional Grammar. Furthermore, other formal and functional criteria were taken into analysis, such as: the manifest temporal mode, the order of sentences, referential coherence, type of entity, temporal reference, factuality and presupposition. In this study, 1.003 (one thousand and three) data from the written language were considered, found in the *Portuguese Corpus*, which made it possible to carry out a synchronic and contemporary analysis of the object for this chosen work. I observed that the mode-temporal manifestation between the temporal clause and the nucleus is, predominantly, carried out by the future of the subjunctive (in the temporal) and present of the indicative (in the nucleus), other verbal modes and tenses are present in the nucleus clause, which creates a variability of temporal-mode combinations and readings (it is important to point out that the focus of this research is on the analysis of the temporal adverbial with future value); in addition to the verb 'estar' being the most productive in temporal prayer with future meaning. It was also found that they can appear as being of second order, with a dependent, non-factual and non-presupposed temporal reference; can appear as second-order, with independent temporal reference, being non-factual and non-presupposed and, finally, they can also appear as third-order, with independent temporal reference, being non-factual and not presupposed.

Key-words: temporal adverbial clauses, future expression, functional grammar, syntactic-semantic-pragmatic parameters.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|--------------------------------------|
| Figura 1- Componente Conceitual..... | 20 |
| Figura 2- Arquitetura da GDF | 21 |
| Figura 3- Camadas hierárquicas | 22 |
| Figura 4 - Camadas hierárquicas do nível representacional | 24 |
| Figura 5- Estruturação do Nível Morfossintático | 27 |
| Figura 6 - O corpus do português | 62 |
| Figura 7 – bases sintáticas do corpus de análise..... | 63 |
| Figura 8 - Os verbos expressos nas orações temporais | 70 |
| | |
| Quadro 1 - Funções textuais | 17 |
| Quadro 2- Tipos de entidade | 35 |
| Quadro 3– Dependência temporal | 38 |
| Quadro 4- Tipos de entidades e factualidade..... | 39 |
| Quadro 5- Combinação entre tipos de entidade e grau de factualidade | 39 |
| Quadro 6 – Tipos de conjunção temporal..... | Erro! Indicador não definido. |
| Quadro 7– Orações adverbiais temporais e tipos de entidade | 78 |
| Quadro 8 – Continuum de factualidade e morfossintático | Erro! Indicador não definido. |

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– A realização da conjunção quando com outros tempos e modos verbais **Erro!**

Indicador não definido.

Tabela 2 – Conjunções temporais realizadas com o futuro do subjuntivo em números **Erro!**

Indicador não definido.

Tabela 3 - Distribuição das ocorrências de acordo com a referência temporal entre as orações 82

Tabela 4– Explicitação do pronome sujeito na oração temporal..... 75

Tabela 5 - Coerência referencial entre a oração temporal e a núcleo 76

Tabela 6– Correlação modo-temporal entre a oração temporal e a núcleo 67

Tabela 7– Ordem nas orações adverbiais temporais 72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AO – Angola

BR – Brasil

GDF – Gramática Discursivo-Funcional

MZ – Moçambique

PT – Portugal

SUMÁRIO

| | |
|--|--------------------------------------|
| 0 INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | Erro! Indicador não definido. |
| 1.1 Uma breve visão da Gramática Funcional..... | Erro! Indicador não definido. |
| 1.1.1 A Gramática Discursivo-Funcional..... | 22 |
| 1.1.2 O Nível Interpessoal..... | 23 |
| 1.1.3 O Nível Representacional..... | 26 |
| 1.1.4 O Nível Morfossintático | 26 |
| 1.2 As orações adverbiais temporais sob a ótica da Gramática Tradicional..... | 429 |
| 1.3 As orações adverbiais sob o olhar da Gramática Discursivo-Funcional..... | 32 |
| 1.4 Os parâmetros semânticos de Hengeveld (1998) | 35 |
| 2 O OBJETO DE ESTUDO NA LITERATURA | Erro! Indicador não definido. |
| 2.1 Tempo, modo e modalidade | 42 |
| 2.2 O Futuro do Subjuntivo em estudos descritivos..... | 44 |
| 2.3 A conjunção <i>quando</i> na gramática tradicional e em estudos descritivos..... | 50 |
| 2.4 A articulação de orações em estudos tradicionais e funcionalistas | 53 |
| 2.5 A ordem nas orações adverbiais..... | 57 |
| 2.6 A coerência referencial..... | 58 |
| 2.7 A correlação modo-temporal nas orações adverbiais..... | 59 |
| 3 METODOLOGIA DO TRABALHO | 61 |
| 3.1 Da Natureza do <i>Corpus</i> | 61 |
| 3.2 Da Coleta de Dados e Critérios de Análise..... | 62 |
| 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS | 66 |
| 4.1. As Conjunções Temporais Realizadas com o Futuro do Subjuntivo no Português..... | 66 |
| 4.2 A Estrutura Semântica Interna | 66 |
| 4.2.1 Tipo de entidade | 78 |
| 4.2.2 Referência temporal | 81 |
| 4.2.3 Factualidade | 84 |
| 4.2.4 Pressuposição | 85 |
| 4.2.5 A estrutura formal | 66 |
| 4.2.5.1 A coerência referencial..... | 75 |
| 4.2.5.2 A correlação modo-temporal nas orações adverbiais temporais | 66 |
| 4.2.5.3 A ordem nas orações adverbiais temporais | 72 |

| | |
|-------------------------|-----------|
| CONCLUSÃO..... | 91 |
| REFERÊNCIAS..... | 93 |

0. INTRODUÇÃO

Em diferentes línguas naturais, o tempo é codificado de diferentes maneiras; há línguas que sequer codificam essa categoria. Já nas línguas neolatinas, como é o caso do português brasileiro, a codificação de tempo pode se realizar, por exemplo, através da expressão adverbial (*Ontem*, fui à escola), locução adverbial (*À noite*, eu viajo), conjunções (*Depois* de amanhã, irei ao médico), locuções conjuntivas (Ligue para sua mãe, *logo que* chegar à casa), contextualmente e, também, por meio de orações (*Quando o vi, tive certeza do ocorrido*), de acordo com Corôa (2005).

Entre as formas de expressão de tempo no português brasileiro, elege-se como objeto de análise, para esta dissertação, as orações adverbiais temporais, exclusivamente, as introduzidas pelo conectivo *quando* e realizadas pelo futuro do subjuntivo, na modalidade escrita do português do Brasil. A escolha somente pela conjunção temporal *quando* em detrimento de outras locuções conjuncionais como, *assim que, desde que, logo que, depois que, antes que e sempre que*, as quais também exercem um papel de temporalidade na relação entre as orações, em construções adverbiais temporais - de acordo com as gramáticas tradicionais como, Cunha e Cintra (2017, p. 601), Bechara (2005, p. 293) e Rocha Lima (2011, p. 238), e em estudos descritivos, como Castilho (2010, p. 379) e Neves (2011, p. 7878) – se deu em razão da não amplitude demasiada do objeto de análise desta pesquisa. O exemplo abaixo ilustra a estrutura oracional escolhida como objeto de análise:

(1) Quando eu quiser, sairei¹.

A escolha da estrutura oracional temporal, foco de análise, se deu, em primeiro lugar, pelo fato histórico de a língua portuguesa, no processo de evolução das línguas neolatinas², ainda conservar o uso do futuro do subjuntivo nesse tipo de sentença temporal (com sentido de futuro), diferentemente do que acontece na língua espanhola, como se observa abaixo:

¹ Exemplo autoral.

² Esta pesquisa é de caráter sincrônico, e não diacrônico, portanto não se estenderá na abordagem do processo de evolução das línguas neolatinas. Toma-se aqui esse processo evolutivo como justificativa para ilustrar que o fenômeno linguístico em foco difere o português das outras línguas da mesma família linguística.

- (2) Quando eu *quiser*, sairei. (Português: futuro do subjuntivo + futuro do indicativo)³
- (3) Cuando *quiera*, saldré. (Espanhol: presente do subjuntivo + futuro do indicativo)⁴

Os exemplos (2) e (3) ilustram que, de um lado, as ações descritas nas orações principais (sairei e *saldré*, respectivamente) são localizadas em um tempo posterior ao momento do evento descrito na oração temporal. Desse modo, tradicionalmente, assim como os advérbios, as orações adverbiais temporais funcionariam como modificadores do verbo, atribuindo a este um caráter temporal de futuridade.

Por outro lado, uma vez considerado que o uso do futuro do subjuntivo se firma nas adverbiais, as leituras feitas dessas orações adverbiais temporais vão ao encontro, majoritariamente, de prescrições dos contextos sintáticos em que o futuro do subjuntivo é empregado, exprimindo-o como o modo-tempo verbal definidor de um fato que pode acontecer ou não, ou marcador da eventualidade no futuro, ou marcador da não-realidade dos fatos descritos nas orações temporal e principal, ou, ainda, marcador de hipótese.

Nota-se, portanto, que para a leitura das orações adverbiais temporais ora fatores como tempo e modo se sobrepõem, ora são tomados isoladamente para descrevê-las, ora a leitura que se faz delas é puramente sintática. Logo, nesse sentido, vê-se a importância da realização de uma descrição semântica e pragmática das funções desempenhadas pelo conectivo *quando* e pelo futuro do subjuntivo em correlação à oração principal, para que aqui não se prenda às restrições somente formais da oração foco.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho consiste em descrever as orações adverbiais temporais introduzidas pelo conectivo *quando* e realizadas pelo futuro do subjuntivo, à luz da corrente teórico-metodológica do Funcionalismo holandês, levando em consideração os componentes pragmáticos, semânticos e morfossintáticos envolvidos, ao se investigar as motivações funcionais subjacentes à relação entre essas estruturas e as situações conceituais que delas surjam.

³ Exemplo autoral.

⁴ Exemplo autoral.

Com o fito de dar cabo a essa tarefa, toma-se aqui como base teórico-metodológica os parâmetros semânticos propostos por Hengeveld (1998) e o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008). Esses modelos teóricos, de cunho funcionalista, têm como precursor a Gramática Funcional de Dik (1989). A intenção é mostrar, a partir da descrição dessas orações no nível representacional da GDF (articulando a esta os parâmetros pragmáticos e morfossintáticos), como elas criam um molde em escala – por meio das categorias semânticas: conteúdos proposicionais e estados de coisas – da não-realidade que denotam.

A escolha desses modelos teóricos se dá, em primeira instância, porque ambos procuram relacionar as escolhas das estruturas linguísticas às intenções comunicativas, isto é, as unidades linguísticas são descritas com base na intenção comunicativa do falante. Em segunda instância, a partir de um modelo *top-down*, a GDF faz uma distinção detalhada entre os níveis de representação das expressões linguísticas adverbiais. Na GDF, a expressão adverbial ocupa a posição de modificador de um núcleo, que se configura como um estado de coisas dentro de um conteúdo proposicional.

Com vistas a atingir o objetivo geral deste trabalho, objetiva-se especificamente: (i) como a escala de não-realidade pode ser descrita pela GDF; (ii) quais fatores pragmáticos, semânticos e morfossintáticos condicionam a não-realidade nas orações adverbiais temporais com *quando* e futuro do subjuntivo e (iii) como a GDF contribui para a ampliação do aporte teórico das orações adverbiais temporais foco desta dissertação.

Para se chegar aos objetivos delimitados anteriormente, este trabalho está organizado em cinco capítulos: Introdução; Fundamentação teórico-metodológica; Metodologia; Apresentação e análise dos dados e, por fim, a Conclusão.

No primeiro capítulo, discutir-se-á a base teórica que fundamenta esta pesquisa, como, através de Simon Dik e Halliday (1978) e Neves (1994), o funcionalismo. Dentro do escopo teórico do funcionalismo, ver-se-á a teoria da Gramática Discurso Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008) em diálogo com os parâmetros semânticos estabelecidos por Hengeveld (1998).

Ainda no primeiro capítulo, a discussão abrangerá o objeto de estudo desta pesquisa por meio de alguns estudos gramaticais e em alguns estudos descritivos. As discussões levantadas, num primeiro momento, serão a respeito de tempo, modo e modalidade, de acordo com Corôa (2005) e Ilari (2016), Castilho (2010) e Givón (1995). Posteriormente, sobre o futuro do subjuntivo serão discutidas as reflexões de Perini (1978), Comrie e Holmback (1984), Marques

(2010), Reis (2014) e Vesterinen (2017). Na sequência, discutir-se-á a respeito da conjunção *quando*, a partir da literatura gramatical Cegalla (2005), Cunha e Cintra (2017) e de alguns estudos descritivos Halliday e Hasan (1976), Braga e Dall’aglio-Hattner (2008), Sousa (2009), Reilly (1986), Neves (2000), Carmelino (2004), Koch (1987) e Oliveira (2014).

Num quarto momento, se discutirão os conceitos de coordenação, subordinação, parataxe e hipotaxe, segundo a perspectiva tradicional de Faraco e Vieira (2021), e descritiva de Decat (1993), Matthiesen e Thompson (1988), Braga (1997), Maria Lobo (2003), Cristofaro (2003) e Hopper e Traugott (2003).

Num quinto instante, discutir-se-á sobre a coerência referencial, Givón (2001), a ordenação nas orações adverbiais temporais, Givón (1995), Gorski (2000) e Braga (1997) e, também, analisar-se-á a correlação modo-temporal à luz dos pressupostos de Neves (2008).

No segundo capítulo, a partir dos parâmetros semânticos de análise de orações adverbiais de Hengeveld (1998), descrever-se-á sua teoria e os critérios por ele estabelecidos para a análise interna de oração adverbiais.

No terceiro capítulo será discutida a metodologia para coleta e seleção dos dados que servirão de base a este trabalho.

No quarto capítulo, os dados serão levados à análise, a partir dos parâmetros semânticos estabelecidos por Hengeveld (1998) e a partir de aspectos formais também, como coerência referencial, ordem em que as orações adverbiais temporais ocorrem e correlação modo-temporal que figura nas construções analisadas.

No quinto e último capítulo serão apresentadas as conclusões para esta dissertação.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresentará a teoria geral base para a análise de um aspecto de uma língua natural, o português brasileiro. A primeira seção apresentará uma breve visão da Gramática Funcional, apoiado nos autores Halliday (2004), Dik (1978) e Neves (1994). Num segundo momento, versará a respeito do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), esta teoria também de base metodológica para este trabalho. Num terceiro momento, abordar-se-ão as orações adverbiais na GDF e, por último, os parâmetros semânticos de Hengeveld (1998).

1.1. Uma breve visão da Gramática Funcional

Uma abordagem funcionalista de uma língua natural, em linhas gerais, tem como objetivo responder a dois questionamentos, a saber: de que *modo* e *como* as línguas se organizam para a comunicação. Isto porque toma-se, nesse viés teórico, a competência comunicativa como fator central para a análise de línguas naturais, isto é, objetiva-se considerar de que modo e como os falantes de uma língua usam e interpretam as expressões linguísticas de maneira interacional.

Na Gramática Funcional, as estruturas linguísticas servem a diferentes configurações de funções, sendo cada uma destas representativas de significações distintas na oração. Portanto, para além de codificar e decodificar expressões linguísticas, faz-se de igual relevância entender como os indivíduos usam e interpretam essas expressões. Nesse sentido, a Gramática Funcional configura-se como uma teoria geral de organização gramatical de línguas naturais.

Faz-se importante evidenciar que, segundo Mackenzie (1992), a Gramática Funcional tem como hipótese fundamental a existência de uma relação não arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (a gramática). Em síntese, busca-se explicar as regularidades da língua e, através delas, a partir dos seus aspectos recorrentes avaliá-los e descrevê-los tendo em vista o uso que os falantes fazem dela.

Integrada a uma teoria global de interação social, a Gramática Funcional entende que uma descrição completa tem de incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatuto dentro da situação de interação comunicativa. Além de levar em consideração os agentes envolvidos, essa gramática observa as intenções comunicativas dos falantes e ouvintes no processo comunicacional, o que pressupõe o envolvimento do componente pragmático para o entendimento e análise do eixo sintático-semântico dos sistemas oracionais.

Dentro do pensamento funcionalista, duas correntes são importantes para, em primeiro lugar, compreendê-lo, e, em segundo, porque são precursoras da Gramática Discursivo-Funcional, são elas: a de Simon Dik (1978) e a de Michael A. K. Halliday (2004). Na sequência, ambas serão ilustradas de forma breve.

Na concepção de Dik (1978), o funcionalismo difere o sistema da língua e o uso da língua, porém se evita estudar e analisar cada um deles de forma a abstrair um do outro. Isto implica que a forma e a função dos enunciados caminham juntas na descrição de um aspecto de uma língua, sempre levando em consideração a situação de interação determinada socioculturalmente.

Como já posto anteriormente, na situação comunicativa falante e ouvinte ocupam aí papel central, e a relação entre ambos é feita através da mediação da expressão linguística, a qual se subdivide em: (orientada ao falante), i) intenção do falante; ii) informação pragmática e iii) antecipação que ele faz da interpretação do ouvinte; (orientada ao ouvinte), i) expressão linguística; ii) informação pragmática e iii) conjectura sobre a intenção que o falante tenha dito. Nessa esteira, observa-se que a concepção de Gramática Funcional de Dik (1978) pressupõe a adequação pragmática das expressões linguísticas, o que permite a inserção da gramática a uma teoria mais ampla da interação verbal.

No modelo de Dik (1978), os predicados de uma língua são semanticamente interpretados como designadores de propriedades ou de relações, e diferentes categorias de predicados se distinguem, de acordo com suas propriedades formais e funcionais. Os predicados de uma língua correspondem às expressões linguísticas; cada predicado é formado por termos (isto é, expressões que podem ser usadas para referir-se a unidades em um dado mundo) organizados em estruturas de predicado (esquemas que especificam um predicado juntamente com um esqueleto das estruturas nas quais ele pode aparecer – sujeito e objeto, por exemplo).

Um predicado designa propriedades ou relações e se aplica a um certo número de termos, enquanto estes se referem a entidades. A relação entre um predicado e termos produz uma predicação que designa um estado de coisas, ou seja, uma codificação linguística e cognitiva que o falante faz de determinada situação. Um estado de coisa se refere a algo que pode ocorrer em um mundo real ou mental, e pode ser avaliado no espaço, no tempo, pela duração, ser visto, ouvido, ou de alguma forma percebido.

Dik (1978) ainda divide predicação de proposição, sendo a primeira uma expressão (realizada por meio de um estado de coisas) de algo do mundo real ou mental, enquanto que a

segunda designadora de um conteúdo proposicional, ou seja, um fato possível, referindo-se a coisas que podem ser conhecidas ou pensadas, que podem causar surpresa ou dúvida, podem ser negadas, rejeitadas, lembradas, e avaliadas como verdadeiras ou falsas.

Cada tipo de unidade linguística corresponde a um nível de unidade estrutural, conforme ilustra o quadro (1) abaixo:

Quadro 1– Unidade estrutural e tipo de entidade, por S. Dik (1978)

| Unidade estrutural | Tipo de entidade | Ordem |
|---------------------------|-------------------------|--------------|
| Cláusula | ato de fala | 4 |
| Proposição | fato possível | 3 |
| Predicação | estado de coisa | 2 |
| Termo | entidade | 1 |
| Predicado | propriedade/relação | |

Fonte: Neves (1997, p. 123)

Em síntese, na estrutura do predicado estão presentes três tipos de funções: a) semânticas – papéis designados pelos termos nos estados de coisas da predicação (agente, meta, recipiente, etc.); b) sintáticas – perspectiva através da qual o estado de coisas é apresentado na expressão linguística (sujeito e objeto) e c) pragmáticas – estatuto informacional de um constituinte dentro do contexto comunicativo mais amplo em que ele ocorre (tema, tópico, foco, etc.).

O modelo de Halliday (2004) apoia-se numa descrição sistêmico-funcional da língua, na qual a gramática toma a forma de uma série de estruturas sistêmicas, cada estrutura representando as escolhas associadas com um dado tipo de constituinte. Para o autor, a teoria linguística se organiza de duas formas, a cadeia (o sintagma) e a escolha (o paradigma), ou seja, uma gramática sistêmica é paradigmática, reflete no eixo sintagmático as escolhas feitas pelo falante no eixo paradigmático. Tal escolha, que pode ser inconsciente, livre, variar de grau, ou ser explicitamente consciente, implica a consideração de que toda escolha produz significado na língua.

A gramática é, afinal, o mecanismo linguístico que liga umas às outras as seleções significativas que derivam das várias funções da linguagem, e as realiza numa forma estrutural

unificada. As diferentes redes sistêmicas codificam diferentes espécies de significado, ligando-se, pois, às diferentes funções da linguagem, como representa o quadro (2) abaixo:

Quadro 2– Funções textuais

| SISTEMA ↔ FUNÇÃO | |
|-------------------------|--------------|
| Transitividade | ideacional |
| modo (modalidade) | interpessoal |
| tema (informação) | textual |

Fonte: Neves (1997, p. 61)

De acordo com o quadro acima, o sistema de *transitividade* especifica os papéis dos elementos da oração, como “ator”, “meta” etc., codifica a experiência do mundo e liga-se, pois, com a função ideacional; o sistema de *modo* (do qual deriva o de *modalidade*), especifica funções como “sujeito”, “predicador”, “complemento”, “finitude”, e diz respeito aos papéis da fala e liga-se, pois, com a função interpessoal; os sistemas de *tema* e de *informação*, especifica as relações dentro do próprio enunciado, ou entre o enunciado e a situação, dizem respeito à função linguisticamente intrínseca, a função textual.

Halliday (2004) aponta que todas as línguas são organizadas em torno de dois significados principais: o ideacional, ou reflexivo, e o interpessoal, ou ativo. Estes dois significados principais fundamentam todos os usos da linguagem: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal). Associado a esses dois, o terceiro componente metafuncional, o textual, lhes confere relevância. Assim, cada elemento numa língua é explicado por referência à sua função no sistema linguístico total. Portanto, uma gramática funcional é a que constrói todas as unidades de uma língua – suas orações, suas expressões – como configurações orgânicas de funções, e, assim, tem cada parte interpretada como funcional em relação ao todo.

Em suma, os modelos teóricos funcionalistas de Dik (1978) e Halliday (2004) propõem uma análise funcionalista da estrutura linguística, enfatizando a relevância do componente semântico e pragmático na descrição linguística. Para resumir as propostas de cada autor, Dik

(1978) salienta que uma linguagem natural, no paradigma funcional, as expressões linguísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis a, e codeterminadas por determinantes pragmáticos da interação verbal humana. Segundo Halliday (2004), as gramáticas funcionais, assentadas na retórica e na etnografia, são primariamente paradigmáticas, isto é, a multiplicidade funcional se reflete na organização interna da língua e forma a base de sua organização semântica e sintática, ou seja, lexical e gramatical.

A apresentação desses dois autores paradigmáticos e precursores da Gramática Funcional se faz importante para a compreensão da base teórico-metodológica na qual se apoia este trabalho – a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008).

De acordo com Pezatti (2014), a GDF constitui uma gramática estrutural-funcional, isto é, ao mesmo tempo que aceita ser gramática moldada pelo uso, a GDF sustenta que, em termos sincrônicos, a gramática de uma língua é de fato um sistema, que deve ser descrito e correlacionado com funções no discurso. Nesse sentido, ela ocupa uma posição intermediária entre o funcionalismo radical e o formalismo radical.

A GDF prima pela relação entre os níveis linguísticos e o modelo teórico prevê uma organização em que os níveis pragmático, semântico, morfossintático e fonológico, apesar de sua autonomia no que tange a suas categorias, mantêm entre si uma interdependência em razão das motivações pragmáticas e semânticas que regem o sistema linguístico.

A fim de meramente comparar as teorias, a GDF, segundo os autores, constitui um aprimoramento da Gramática Funcional de Simon Dik (1978), pois, uma vez que a língua sofre influências de fatores externos os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos não podem ser tratados como autônomos; as expressões linguísticas, as quais constituem o instrumento de comunicação, devem ter suas propriedades codeterminadas pela informação contextual e situação disponível aos interlocutores. Assim, a GDF se configura como um aparato teórico que estuda a gramática, mas que valoriza os demais componentes compatíveis com uma teoria da interação verbal, sendo assim, simultaneamente, estrutural e funcional.

Na próxima subseção deste capítulo, a organização da GDF será ilustrada com o objetivo de mostrar os níveis linguísticos que a compõem.

1.1.1. A Gramática Discursivo-Funcional (GDF)

Tendo em vista a importância da proposta de Dik (1978) para a Linguística Funcional, era também relevante expandir o modelo proposto; era preciso considerar a interação verbal não só como troca de sentenças isoladas, mas a partir de uma teoria cuja centralidade estivesse pautada na pragmática.

Também no intuito de propor uma gramática que ultrapassasse os limites da sentença e, ao mesmo tempo, sanasse as lacunas da gramática funcional, surge a Gramática Discursivo-Funcional, proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008).

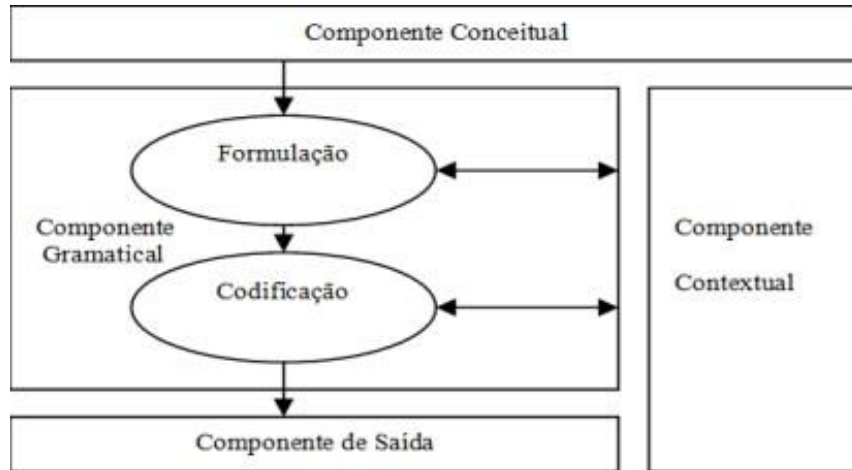
Para os autores, a gramática discursivo-funcional compreende o usuário da língua como conhecedor das unidades funcionais e formais da língua bem como do modo pelo qual as unidades podem ser combinadas.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a gramática discursivo-funcional pode ser caracterizada por sua organização descendente (ou *top-down*), isto é, partindo das intenções linguísticas do falante, passando a outros níveis (formulação, codificação, articulação) até chegar ao nível fonológico, à materialização ou expressão do enunciado, ao contrário do modelo *bottom-up* da gramática funcional. Nota-se, portanto, que nessa teoria o modelo de análise privilegia a intenção comunicativa até se chegar às expressões linguísticas, entendendo que operações realizadas num nível mais alto têm influência nos níveis mais baixos. Dessa forma, a pragmática governa a semântica, a pragmática e a semântica englobam a morfossintaxe e essas três governam a fonologia.

A gramática discursivo-funcional é concebida como o componente gramatical integrado a uma teoria da interação verbal mais ampla e, ainda, dialoga com os componentes conceitual, contextual e de saída.

A figura 1 demonstra a relação entre os componentes:

Figura 1– Componente Conceitual



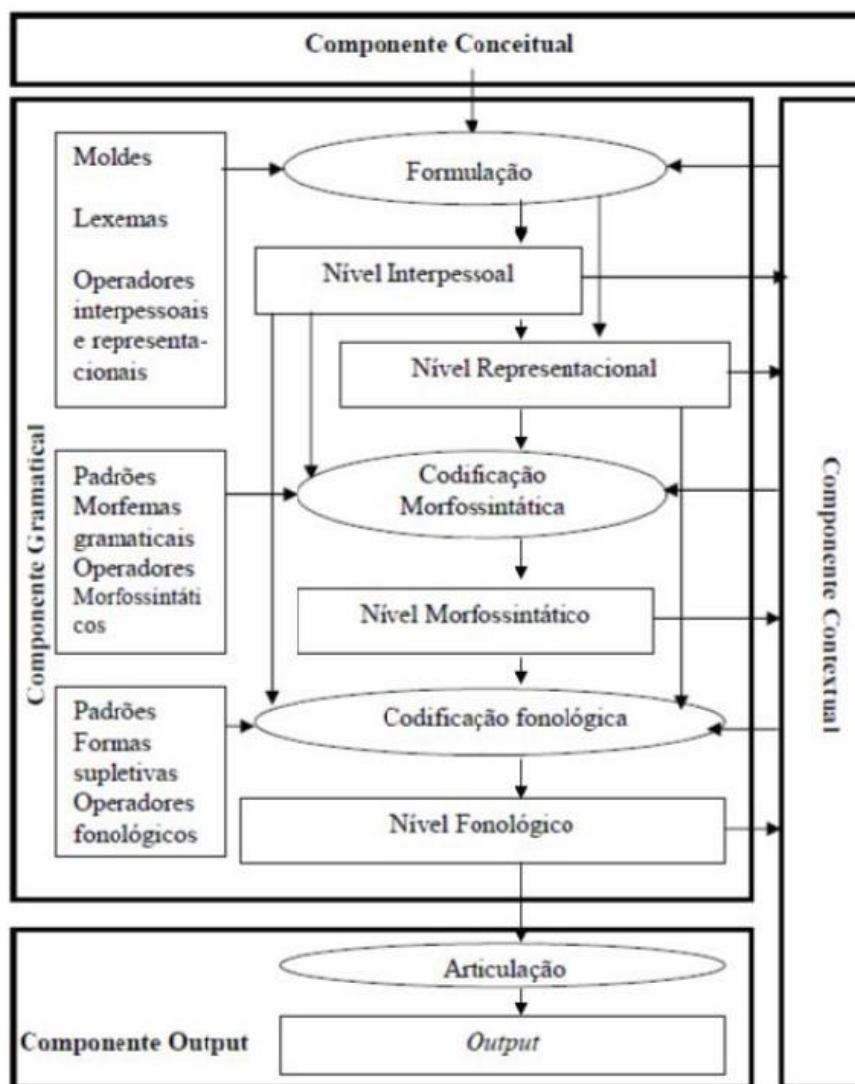
Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 6)

O componente conceitual se refere a uma intenção comunicativa e eventos extralinguísticos relevantes para o construto linguístico em questão. O componente contextual trata de uma descrição do conteúdo e da forma do discurso, englobando o discurso precedente bem como a situação externa em que esse discurso ocorre. O componente de saída gera sinais acústicos ou ortográficos com base na informação recebida pelo componente gramatical.

Em resumo, na GDF o componente gramatical não opera sozinho, mas ao lado dos outros componentes. No uso efetivo da língua, o componente conceitual aciona uma “chave” que ativa o funcionamento do componente gramatical, enquanto que o componente de saída converte o produto do componente gramatical em formas acústicas, gráficas ou de sinais. O componente contextual é compartilhado pelos participantes ao longo da interação verbal.

Feita a exposição dos aspectos gerais da teoria da GDF, na sequência será exposta sua arquitetura (figura 2), da intenção comunicativa à materialização do enunciado.

Figura 2– Arquitetura da GDF



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13)

As elipses contêm operações, as caixas da extremidade esquerda contêm os primitivos utilizados nessas operações e nos retângulos contêm os níveis de representação produzidos pelas operações.

Os níveis superiores, conceitual e contextual, representam intenção comunicativa e representações mentais que serão traduzidas por meio da operação de Formulação, em representações pragmáticas e semânticas nos níveis Interpessoal e Representacional. Já os níveis Morfossintáticos e Fonológicos serão os responsáveis por converterem as representações pragmáticas e semânticas em representações morfossintáticas e fonológicas.

As camadas apresentam sua própria variável, são restringidas por um núcleo e por modificadores (estratégias lexicais – σ) e podem ser especificadas por meio de operadores e de funções (estratégias gramaticais – π).

Na sequência, passar-se-á ao detalhamento das características das camadas mais importantes para esta análise, a saber: Interpessoal, Representacional e Morfossintático.

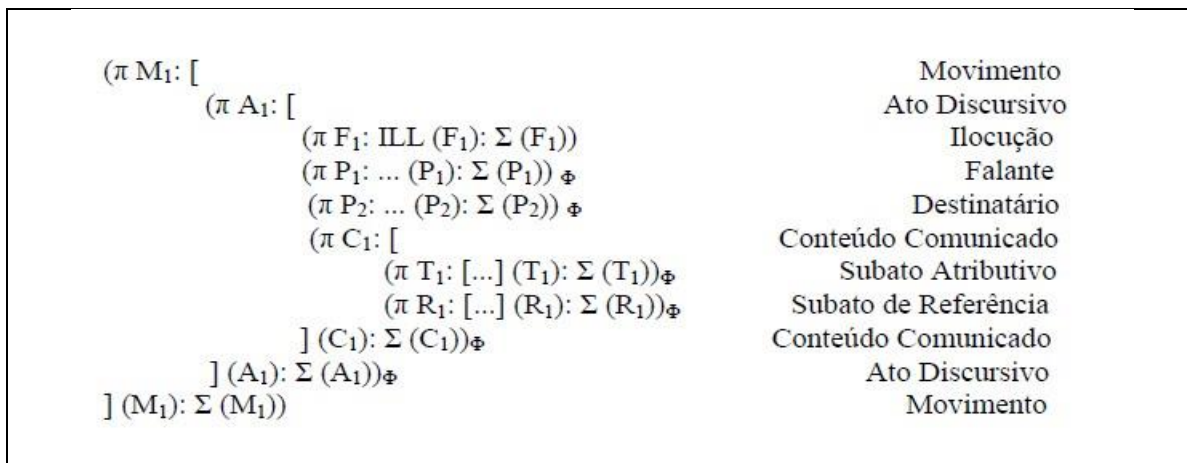
1.1.2. O Nível Interpessoal

De acordo com Hengevel e Mackenzie (2008), o Nível Interpessoal diz respeito a todos os aspectos formais de uma unidade linguística que refletem no processo de interação entre falante e ouvinte. Trata-se do domínio das estratégias empregadas para se conseguir os objetivos comunicativos, estratégias essas fundadas em princípios gerais da retórica e da pragmática.

Para os autores, o falante possui, até certo modo, consciência para selecionar a melhor estratégia comunicativa de modo que seus objetivos sejam alcançados. Esse nível abrange as informações discursivas, somente as que são relevantes para a manifestação linguística.

A figura 3 demonstra as camadas hierárquicas, organizadas de modo descendente:

Figura 3– Camadas hierárquicas do nível interpessoal



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 15)

O Movimento (M) é a maior unidade de interação relevante para a análise gramatical. É sua característica oferecer a possibilidade de reação, que pode ser uma resposta, um argumento ou até mesmo o silêncio. O Movimento pode ser de iniciação e de reação e sempre será expresso por meio de um ou de mais Atos Discursivos, que formam o núcleo (simples ou complexo). Somado a isso, Atos Discursivos podem ser marcados por meio de modificadores e de operadores; os operadores atenuam ou reforçam a força ilocucionária (ILL), já os modificadores podem atuar sobre o (M) como mecanismos de estruturação do discurso (como, por exemplo,

em primeiro lugar, por outro lado) ou como expressão da atitude do falante (exemplo: *infelizmente, corajosamente*, etc.).

Atos Discursivos são expressões linguísticas de sentido completo, formados por dois participantes (P), o Falante e o Ouvinte (S, A), Conteúdo Comunicativo (C) e um esquema Illocucionário (ILL).

O Conteúdo Comunicativo contém a totalidade do que o falante deseja comunicar em sua interação com o destinatário; é no Conteúdo Comunicado que o mapeamento das regras interpessoais, no que diz respeito às intenções do falante, se concretiza e, então, envia informações ao Nível Representacional. O Conteúdo Comunicado (C) é composto por, no mínimo, um Subato, que pode ser atributivo (A), quando o falante tenta evocar uma propriedade, ou referencial (R), quando o falante tenta evocar um referente. Manifestam-se em unidades maiores do discurso como orações, ou em unidades menores como por meio de interjeições, vocativos e holofrases, podendo estas expressões contribuir para o desenvolvimento do discurso.

Atos Discursivos podem relacionar-se entre si e a essa relação atribuem-se dois nomes: equipolência ou dependência. No primeiro caso, o falante atribui aos Atos o mesmo estatuto comunicativo, já no segundo, é estabelecida uma relação hierárquica entre eles, sendo um nuclear e o outro subsidiário.

O Ato Discursivo pode representar uma função retórica no Ato dependente, como motivação, orientação, correção ou concessão. Função retórica se refere ao modo como os componentes discursivos são organizados com o objetivo de que as estratégias comunicativas do falante sejam alcançadas.

Os Atos Discursivos podem, ainda, ser especificados por operadores (π) de ironia, ênfase, e de mitigação, ou, ainda, ser modificados por um elemento lexical, que toma a forma de um restritor (Σ) desse Ato.

Na próxima subseção, será discutido o segundo nível da GDF – o Representacional.

1.1.3. O Nível Representacional

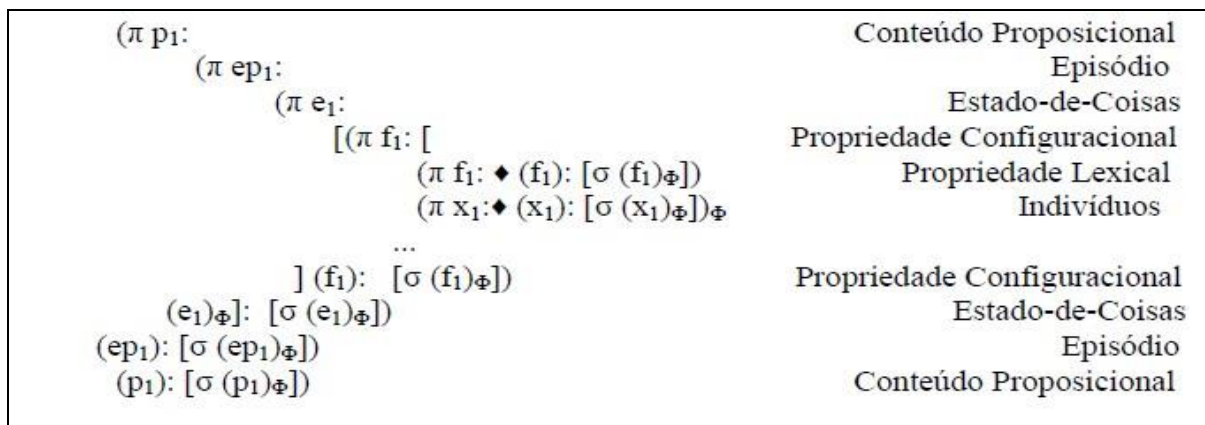
O Nível Representacional está associado aos aspectos semânticos da unidade linguística. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 128), o termo ‘semântico’ abrange o modo como as línguas se relacionam com o mundo extralinguístico descrito e os significados de unidades lexicais e de unidades complexas isolados do modo como são usadas na comunicação.

Nesse nível, as unidades são descritas conforme o tipo de entidade que designam. Tais entidades são classificadas em diferentes ordens: entidades de terceira ordem ou Conteúdos

Proposicionais; entidades de segunda ordem ou Estados-de-Coisas; entidades de primeira ordem ou Indivíduos e entidades de zero ordem ou Propriedades. Somadas a essas categorias, juntam-se as categorias Episódio, Tempo e Lugar, Maneira, Razão e Quantidade.

A figura 4 representa o modelo hierarquicamente descendente referente ao Nível Representacional, e a relação das unidades:

Figura 4– Camadas hierárquicas do nível representacional



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 16)

Nesse nível, um Conteúdo Proposicional (p) ocupa o lugar mais alto das camadas e se configura como um construto mental que não existe no tempo nem no espaço, mas pode ser avaliado em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, crença) ou em termos de sua fonte ou de sua origem (conhecimento partilhado, evidência sensorial, inferência).

Compreende-se por atitude proposicional o grau de comprometimento do falante em relação àquilo que ele expressa. A forma de expressão pode configurar-se como itens lexicais ou gramaticais. Conteúdos proposicionais também podem ser atribuídos a outras pessoas que não sejam o próprio falante, como ilustram os exemplos 4 e 5 de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 144, tradução nossa):

(4) “Jenny acreditava que *talvez* sua mãe fosse visitá-la”⁵.

(5) “Jenny foi para casa porque *talvez* sua mãe fosse visitá-la”⁶.

Nos exemplos anteriores, o Conteúdo Proposicional é atribuído a Jenny, e introduzido na oração núcleo. O Conteúdo Proposicional em (4) é atribuído a outra pessoa, que, no caso, é

5 Jenny believed that *her mother would visit her*.

6 Jenny went home because *her mother would visit her*.

a mãe de Jenny; ele, o (p), foi restringido pelo modificador de dúvida, *talvez*, o que expressa atitude proposicional.

O Episódio é um conjunto de Estados-de-coisas, que representa um bloco tematicamente coerente, com unidade de Tempo, Lugar e Indivíduo. Os eventos que constituem um Episódio são ordenados, geralmente, de acordo com sua subsequência temporal. Os Episódios podem ser modificados por marcadores de Tempo Absoluto, enquanto os Estados-de-coisas, por marcadores de Tempo Relativo. Porém, no interior do Episódio, é possível combinar ambos os tempos, como apontado no exemplo (6) de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 158, tradução nossa):

- (6) “Ao sair, parando para verificar a caixa de correio, dando uma olhada para a calçada e parando para ajustar o seu chapéu, ele caminhou até seu carro”⁷.

Nota-se em (6) que as orações descrevem, juntas, um Episódio, que é localizado no tempo absoluto por meio do verbo na forma finita *caminhou*; os Estados-de-coisa são localizados no tempo relativo pelas formas verbais não-finitas.

Os Estados-de-coisas podem ser modificados por marcadores de lugar, frequência de ocorrência, realidade, cenário físico e cognitivo, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 171, tradução nossa), como indicado nos exemplos de 7 a 12:

- (7) “Sheila trabalha em Londres”⁸. (Lugar)
(8) Sheila foi embora antes do jantar⁹. (Tempo Relativo)
(9) Sheila vai a Londres frequentemente¹⁰. (Frequência)
(10) Sheila é, na verdade, um rapaz¹¹. (Realidade)
(11) Sheila ficou doente por causa das fortes chuvas¹². (Causa)
(12) Sheila ficou em casa para que pudesse assistir à televisão¹³. (Propósito)

7 Coming out, stopping to check the mailbox, taking a look at the drive-way and pausing to adjust his hat, he walked to his car.

8 Sheila works *in London*.

9 Sheila went out *before dinner*.

10 Sheila goes to London *frequently*.

11 Sheila is *actually* a guy.

12 Sheila fell ill *because of the heavy rainfall*.

13 Sheila stayed home *so that she could watch television*.

- (13) Os operadores, por sua vez, marcam o lugar, o tempo relativo, a modalidade (epistêmica e deôntica), a polaridade e a quantificação, como ilustram os exemplos 13 a 18, de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 172-180, tradução nossa): Jan está pescando¹⁴.
(Lugar)
- (14) Amanhã, às três, eles terão entrado¹⁵. (Tempo Relativo)
- (15) Nós, provavelmente, morreremos por falta de água¹⁶. (Modalidade)
- (16) Sheila viu que Pedro saiu¹⁷. (Percepção)
- (17) Ele não é um rei¹⁸. (Polaridade)
- (18) Eles, habitualmente, dormiam às dez horas¹⁹. (Quantificação)

Dadas as principais características do Nível Representacional, na próxima subseção serão apresentadas as características do Nível Morfossintático.

1.1.4. O Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático se refere aos aspectos estruturais da unidade linguística, desde a estrutura de sentenças, orações e de sintagmas, até a estrutura interna das palavras. Nos níveis anteriores, as informações pragmáticas e semânticas representadas, neste nível são codificadas numa representação estrutural, isto é, em unidades formadores do nível Morfossintático, podendo ser: expressões, orações, sintagmas e palavras.

A unidade linguística é examinada a partir de sua configuração sintática. Constituem o Nível Morfossintático informações como as relações de tempo e modos verbais das orações; atribuição de funções sintáticas (sujeito, objeto); as relações de concordância verbal e nominal.

Na figura 5 é apresentado o esquema geral de estruturação do Nível Morfossintática.

A Expressão Linguística (Le), camada mais alta do Nível Morfossintático, refere-se a qualquer conjunto em que ao menos uma unidade pode ser utilizada de forma independente; quando essa camada for formada por mais de um item, eles pertencerão um ao outro morfossintaticamente, embora um não seja parte do outro. Orações e Sintagmas são exemplos de unidades que podem ser combinadas dessa forma, seja entre si ou uns com os outros, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 308).

14 Jan is fishing.

15 Tomorrow at three they will have entered.

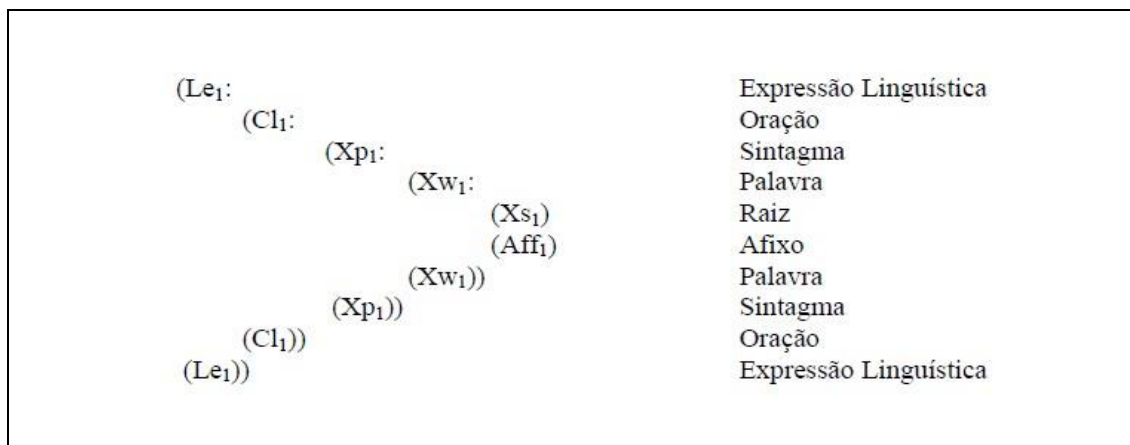
16 We'll probably die for lack of water.

17 Sheila saw that Peter had left.

18 He is not a king.

19 They habitually go to bed at ten o'clock.

Figura 5– Estruturação do Nível Morfossintático



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 291)

Na cama da Expressão Linguística ocorrem os processos de Equiordenação, Cossubordinação, Extraoracionalidade, Coordenação e Listagem. Cada um deles é definido em função da (in)dependência existente entre os membros que formam determinada Expressão Linguística.

A Equiordenação acontece quando há mútua dependência entre duas orações ou sintagmas. No processo de Cossubordinação ocorre dependência unilateral apenas entre orações; já na Extraoracionalidade ocorre dependência unilateral entre sintagmas. Os processos de Coordenação e Listagem ocorrem, respectivamente, entre orações e sintagmas e configuram processos onde não há dependência entre seus componentes.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 18) afirmam que a Oração (Cl) é formada por um grupo de Sintagmas ou Palavras e é caracterizada por uma espécie de molde que tem a função de estabelecer a ordem de seus constituintes e das expressões morfológicas que propiciam a conexão entre eles.

O Sintagma (Xp) consiste em uma configuração sequencial de Palavras, outros Sintagmas e Orações encaixadas. Este constituinte é formado por um núcleo lexical, oriundo dos níveis pragmáticos ou semânticos, e pode ser de vários tipos: verbal, nominal, adjetival, adverbial, entre outros.

Por fim, averigua-se que a GDF parte das unidades formais e funcionais das línguas naturais e examina como o falante e ouvinte, motivados por seus objetivos comunicativos, organizam essas unidades, a fim de que comuniquem eficientemente.

Partindo, por conseguinte, de escolhas funcionalmente motivadas no nível interpessoal (pragmático), a Gramática Discursivo-Funcional permite analisar como os outros níveis representacional (semântico) e o morfossintático são codeterminados por aquele, e, assim

sendo, para este trabalho possibilitará uma análise separada, em níveis, por camadas, dos componentes que envolvem a enunciação das orações adverbiais temporais introduzidas por *quando* e realizadas pelo futuro do subjuntivo. Ao mesmo tempo, permitirá a compreensão de como se dá a interação entre esses níveis, do pragmático ao morfossintático, de forma a chegar à organização linguística sistemática.

Na Gramática Discursivo-Funcional, as orações são consideradas como uma categoria universal da estrutura morfossintática e “podem ocorrer como constituintes de outras orações como orações adverbiais, completivas e predicativas”. Assim, “uma questão importante do ponto de vista da Gramática Discursivo-Funcional tem relação com quais fatores interpessoais, representacionais e morfossintáticos são responsáveis pela escolha de um determinado tipo de oração subordinada”²⁰(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 352, tradução nossa).

Nesse sentido, faz sentido a análise que aqui se pretende, examinar as orações foco desta pesquisa sob o ponto de vista de sua estrutura semântica interna, de acordo com os parâmetros estabelecidos por Hengeveld (1998) – tipo de entidade, factualidade, pressuposição e dependência temporal - os quais possibilitarão a identificação e classificação das relações estabelecidas entre a orações nuclear e a adverbial.

Tendo em vista as considerações a respeito da GDF, e a partir dela, dos níveis que a constituem e que são pertinentes para esta pesquisa, passar-se-á, na próxima seção a observar, primeiramente, como a Gramática Tradicional caracteriza as orações adverbiais e, na sequência, como a GDF caracteriza as orações adverbiais.

20 “Clauses may occur as constituents of other Clauses as adverbial, complement, or predicate Clauses. [...] An important question from an FDG point of view is which interpersonal, representational, and morphosyntactic factors are responsible for the choice of a certain type of subordinate Clause”.

1.2. As orações adverbiais temporais sob a ótica da Gramática Tradicional

Sob a perspectiva da gramática tradicional, os manuais de referência que descrevem as orações subordinadas adverbiais, no português brasileiro, tratam-nas como aquelas que expressam circunstâncias, isto é, elas passam informações adicionais ao verbo da sentença matriz e são introduzidas por uma das conjunções subordinativas, como ilustrado nos exemplos (19), (20) e (21) retirados de Cunha e Cintra (2017, p. 619-620):

- (19) “Não veste com luxo **porque o tio não é rico**”. (Machado de Assis, *OC*, II, 204.)
- (20) “Tudo vale a pena **se a alma não é pequena**”. (F. Pessoa, *OP*, 19.)
- (21) “**Quando estiou**, partiram”. (C. de Oliveira, *AC*, 19.)

Nos exemplos acima, nota-se que as partes negritadas explicitam informações adicionais às ações principais descritas em cada sentença. A tradição gramatical capta essas informações adicionais, extraíndo delas uma tipologia para as orações, como, por exemplo, em (19) a parte adverbial em negrito expressa uma causa para *vestir*; em (20) a adverbial submete *valer a pena* a uma condição e em (21) a adverbial localiza *partir* no tempo. Nos exemplos (19) e (20) as conjunções “*porque*” e “*quando*” são factuais, isto é, introduzem situações reais e em (21), ela [a conjunção] se apresenta como não-factual, introduzindo uma situação não real.

Em relação a sua forma, as orações adverbiais temporais podem figurar como desenvolvidas (conforme ilustram os exemplos de 22 a 25), reduzidas de infinitivo (Viajante que deixaste as ondas do Panamá, vela **ao entrares no porto** aonde o gigante está! (Fagundes Varela, *VA*, 76.)), gerúndio ou particípio (**Ansiado**, agarrou-se à árvore (FC, 126.)). As Gramáticas Tradicionais tratam as orações adverbiais ora a partir de sua similaridade com advérbios ou adjuntos adverbiais, ora pelas conjunções que as introduzem, como ilustram os trechos abaixo:

- (22) “Funcionam como adjunto adverbial de outras orações e vêm, normalmente, introduzidas por uma das conjunções subordinativas.” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 601)
- (23) “Exercem a função dos advérbios (adjunto adverbial).” (CEGALLA, 2005, p. 379)
- (24) “Funcionam como adjunto adverbial da sua oração principal.” (BECHARA, 2009, p. 405)

- (25) “Assim se denominam porque, equivalente a um advérbio, figuram como adjunto adverbial da oração a que se subordinam.” (LIMA, 2011, p. 405)

Depreende-se então, por uma perspectiva, que do ponto de vista estrutural e sintático, de acordo com a Gramática Tradicional, as orações adverbiais se portariam como advérbios, sendo, portanto, responsáveis pela modificação do verbo ou de todas as classes gramaticais (exceto artigo e interjeição) e até mesmo da oração. Por outra, a estreita e, por vezes, indissociável relação estabelecida nas definições acima entre forma e função impossibilita a análise dessas orações a partir de sua real natureza.

Acredita-se que a vinculação das orações adverbiais aos advérbios e/ou aos adjuntos adverbiais é imprecisa e pouca efetiva para a análise que aqui se pretende, sobretudo para os casos em que as sentenças adverbiais possam manifestar comportamento heterogêneo²¹ àqueles descritos, por exemplo, nos exemplos de (26 a 28).

As orações adverbiais temporais podem expressar tempo anterior, simultâneo ou posterior ao da matriz, sendo introduzidas por *quando*, *enquanto*, *ao mesmo tempo em que*, *à medida que*, *antes que*, *depois que*. Aquelas introduzidas pelo conectivo *quando* - foco desta pesquisa - encerram a noção de tempo em relação à matriz, como nos exemplos 26 a 28:

- (26) “**Quando os tiranos caem**, os povos se levantam”. (CEGALLA, 2005, p. 401):
(27) “Lá pelas sete da noite, **quando escurecia**, as casas se esvaziavam”.
(CEGALLA, 2005, p. 401)
(28) “**Quando você chegar**, eu já terei comido toda a sobremesa”. (CASTILHO, 2010, p. 379)

Na sentença (26), a correlação modo-temporal (*caem – levantam*), em presente do indicativo, entre a oração temporal e a matriz, aciona uma leitura semântica de que o fato descrito na principal (*se levantam*) é simultâneo ao descrito na oração de tempo. No exemplo (27), a correlação modo-temporal (*escurecia – esvaziavam*), no pretérito imperfeito, aciona uma leitura de que ambas as ações ocorriam no tempo passado, indicando, ainda, certa

²¹ Esses casos heterogêneos seriam aqueles não previstos pelos estudos tradicionais, como por exemplo: a anteposição da oração núcleo à oração temporal; a não correlação modo-temporal entre as orações núcleo e a temporal; a intercalação entre as orações núcleo e a temporal por outro sintagma oracional, separados por vírgulas, casos estes que contribuem para a geração de efeitos de sentidos diferentes do que simplesmente a vinculação das orações adverbiais aos advérbios ou adjuntos adverbiais os quais são responsáveis pela expressão unicamente temporal nessas orações.

regularidade/habitualidade da ação no passado. Em (28), a correlação modo-tempo entre futuro do subjuntivo na oração temporal e o futuro do presente composto na oração matriz é avaliada em termos de posterioridade, isto é, o evento descrito na sentença matriz acontece antes do evento descrito na sentença de tempo.

Em alguns manuais de referência, em relação às ações descritas nas sentenças classificam-nas, no que tange ao tempo que exprimem, em termos de existência, ocorrência ou realidade. Seriam, então, (26) e (27) sentenças reais ou factuais, enquanto (28) não-real ou não-factual. No entanto, percebe-se que em tal definição existe certa relação imbricada e pouco precisa entre tempo²² e modo²³ veiculados por essas orações, o que impossibilita a visualização do seu real valor semântico pelo prisma modo-temporal.

Ainda sob o ponto de vista de algumas gramáticas tradicionais, nestas figuram as orações subordinadas adverbiais temporais, introduzidas por *quando* e realizadas por futuro do subjuntivo, levando em sua composição três aspectos formais: a correlação modo-temporal entre as orações; a posição em que as orações aparecem (oração nuclear e temporal) e o valor que exprimem, como ilustram os exemplos na sequência:

(29) “Quando puder, passarei por aqui”. (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 489)

(30) “Quando puder, venha ver-me”. (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 489)

(31) “Venha quando você quiser”. (CEGALLA, 2005, p. 293)

Sobre o primeiro aspecto, a correlação modo-temporal entre os verbos da oração nuclear e temporal, há predileção para que seja entre futuro do subjuntivo (na oração temporal) e futuro do presente (na oração nuclear), para orações que expressam futuro, posterioridade ou eventualidade, como é o caso da sentença (29); nas sentenças (30) e (31) essa correlação acontece entre futuro do subjuntivo na oração temporal e imperativo afirmativo (3ª pessoa) na oração núcleo; correlação diferente da anterior, porém envolvendo participantes distintos na enunciação, isto é, primeira pessoa na temporal e primeira pessoa na oração nuclear com retomada anafórica do pronome em (29) e terceira pessoa em ambas as sentenças em (29 e 30), sem retomada anafórica do pronome em (30).

22 Entende-se aqui como categoria Tempo não só as formas temporais que fixam cronologias dos estados-de-coisa, situando-os num tempo real, mensurável pelo relógio (em passado, presente e futuro) e, sim, como aquela categoria que exprime as necessidades expressivas do falante. (Castilho, A. 2010, p. 431)

23 A categoria Modo ou *modus*, no português, corresponde à avaliação que o falante faz sobre o dito ou *dictum*, considerando-o real, irreal, possível ou necessário. (Castilho, A. 2010, p. 437)

Tradicionalmente nos manuais de referência, essas orações aparecem com uma posição definida, a saber: a oração temporal antecede a oração núcleo, como ilustram os exemplos (29 e 30), no entanto, destoantes do exemplo (31), no qual a oração núcleo antecede a temporal. A respeito do último aspecto, as gramáticas tradicionais exprimem o valor dessas orações como eventual, posterior ou futuro, isso pelo fato de nelas figurarem a forma do futuro do subjuntivo, tempo verbal definido tradicionalmente como aquele que expressa eventualidade, incerteza ou irrealidade, por vezes, responsável por expressar noções não bem precisas como as expressas pelas formas do indicativo, de acordo, por exemplo, com a definição de Cunha e Cintra (2010, p.487).

A fim de dar sequência ao tratamento do objeto de estudo desta pesquisa, na próxima subseção será exposta o modo como a GDF caracteriza as orações adverbiais.

1.3. As orações adverbiais na Gramática Discursivo-Funcional

Hengeveld e Mackenzie (2008), ao analisarem a subordinação, postulam que as orações subordinadas se identificam na camada da oração e podem ocorrer como constituintes de outras orações (na forma de oração adverbial, completiva ou predicativa), isto é, podem ocorrer como complemento ou podem figurar também como predicado ou como um constituinte modificador (adverbial ou adjetival) de outra oração.

Na Gramática Discursivo-Funcional, as orações subordinadas podem ser formalmente distinguidas umas das outras pela presença ou pela ausência de: (i) conjunção; (ii) formas verbais especiais e (iii) marcas especiais de argumentos. Na língua portuguesa, por exemplo, a relação temporal na subordinação adverbial pode vir expressa pela conjunção *quando* e realizada pelo futuro do subjuntivo, na oração temporal, e na principal, ela pode vir expressa por outras formas verbais, como mostram estes exemplos:

(32) Quando eu quiser, sairei²⁴.

(33) Quando eu quiser, vou sair²⁵.

(34) Quando eu quiser, saio²⁶.

²⁴ Exemplo autoral.

²⁵ Exemplo autoral.

²⁶ Exemplo autoral.

A conjunção temporal quando se mantém nos exemplos acima (de 32 a 34) denota temporalidade futura a essas orações. No entanto, somado à noção de temporalidade, as orações temporais acima descritas parecem fornecer um valor semântico de não-factuality às ações que descrevem nas orações principais, isto é, parece haver uma escala, entre as orações acima, em relação ao grau de não realização das ações.

As conjunções podem, ademais de juntar as orações, participar da expressão de seu significado, o que, de acordo com os autores, é certamente o caso das conjunções adverbiais, que servem também para expressar a função semântica da oração adverbial dentro de sua principal, como se nota no exemplo (34), em que o uso da conjunção *quando* garante a expressão da relação temporal.

Posições de argumento e modificador podem ser ocupadas por qualquer camada do Nível Representacional. No caso de unidades comunicativas serem referidas, as camadas do Nível Interpessoal podem também adentrar o Nível Representacional. Assim, as construções subordinadas devem ser classificadas em termos das camadas a que estão sujeitas. A restrição dessas camadas é feita diferentemente de acordo com o tipo de oração subordinada.

Segundo a arquitetura da GDF, uma camada mais alta geralmente contém todas as camadas mais baixas. Portanto, construções subordinadas podem ser classificadas em termos de camadas mais altas que elas contêm. Ademais, uma vez que toda camada tem seu próprio conjunto de operadores e modificadores, pode-se dizer quais operadores e modificadores uma subordinada contém.

Ainda segundo a visão desses autores, na GDF, as orações são consideradas como uma categoria universal da estrutura morfossintática e podem ocorrer como constituintes de outras orações como orações adverbiais, completivas e predicativas. Assim, uma questão importante do ponto de vista da GDF diz respeito à relação com quais fatores interpessoais, representacionais e morfossintáticos são responsáveis pela escolha de um determinado tipo de oração subordinada.

A oração subordinada introduzida pela conjunção *quando* e realizada pelo futuro do subjuntivo, no nível representacional, se relaciona aos aspectos da unidade linguística, ou seja, ao modo como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que ela descreve ou aos significados de unidades lexicais e unidades complexas, independentemente de como essas unidades são usadas na comunicação. No nível representacional, as estruturas linguísticas são descritas em termos de denotação que fazem de uma entidade e, pois, a diferença entre as unidades desse nível é feita em termos da categoria denotada.

As ocorrências levantadas neste trabalho serão analisadas no Nível Representacional de acordo com a Gramática Discursivo-Funcional. No Nível Representacional, a relação temporal é codificada como uma entidade *t* e ocupa a posição de modificador de um núcleo, que pode ser um estado de coisas ou um episódio. A relação que se estabelece, então, é a de núcleo-modificador. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), esse tipo de relação ocorre entre dois membros de um par, em que o elemento morfossintaticamente marcado é o modificador. Em construções subordinadas, a oração temporal constitui uma especificação opcional do núcleo e, por isso, é marcada morfossintaticamente. Em português, essa marca é representada pela conjunção.

Já no Nível Morfossintático, a relação que se estabelece entre a oração temporal e a oração principal é de núcleo-modificador, portanto, um caso de subordinação, em função de aquela oração ser um constituinte desta.

Ainda neste nível pode-se reconhecer camadas como: Conteúdo Proposicional, Episódio, Estados de Coisas e Propriedade. Para este trabalho, no entanto, interessam apenas as camadas do Conteúdo Proposicional, Estados de Coisas e Propriedade, as quais podem ser resumidas como segue:

- 1) Conteúdo Proposicional (p): quando diz respeito a conhecimento ou crenças sobre o mundo, poder ser factual, mas quando corresponde a desejos ou expectativas sobre um mundo imaginário pode ser não factual.
- 2) Estado de Coisas (e): é uma entidade de segunda ordem e pode ser localizado no tempo relativo e avaliado em termos de seu estatuto de realidade. Ele pode ocorrer em algum ponto de um intervalo de tempo. Estados de coisas e conteúdos proposicionais se distinguem unicamente por seu traço temporal.
- 3) Propriedade (f): a propriedade não pode ser caracterizada em termos dos parâmetros de tempo e espaço, visto que não tem existência independente; só pode ser avaliada em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidade ou à situação que ela descreve.

Em outras palavras, a oração adverbial foco deste trabalho, no nível representacional, constitui um modificador do núcleo representado pela principal, isto caracteriza no Nível Morfossintático, uma subordinação. Isso se reflete na ordenação e na coerência referencial dessas orações dentro da expressão linguística.

Nesse sentido, utilizar-se-ão aqui os parâmetros semânticos propostos por Hengeveld e Mackenzie (2008), os quais permitirão a análise da estrutura semântica interna da oração, sob o ponto de vista da Gramática Discursivo-Funcional, para que outras marcas – além do

conectivo *quando* e do futuro do subjuntivo – sejam levadas em análise para a descrição dessas orações.

Ainda, levar-se-á em consideração a proposta de Hengeveld (1998) segundo a qual quatro parâmetros semânticos devem ser considerados na classificação das orações adverbiais: tipo de entidade; factualidade; pressuposição e dependência temporal. Além desses parâmetros semânticos internos, parâmetros como coerência referencial, a correlação modo-temporal nas orações adverbiais temporais e a ordem em que figuram serão levados à análise, mecanismo que podem permitir, dentro da GDF, uma abordagem da escala de não-factualidade do objeto de análise desta pesquisa. Uma vez que esta proposta de trabalho é investigar a estrutura semântica interna da oração subordinada adverbial e sua relação com a principal, as teorias propostas por Hengeveld e Mackenzie (2008) e Hengeveld (1998) mostram-se adequadas para nortear esta investigação.

Na sequência, discutem-se os parâmetros propostos por Hengeveld (1998).

1.4. Os parâmetros semânticos de Hengeveld (1998)

Hengeveld (1998), como ilustrado na subseção anterior, propõe parâmetros semânticos de análise para as orações adverbiais, os quais são: factualidade, tipo de entidade, referência temporal e pressuposição. Na sequência, serão ilustrados os parâmetros de análise segundo a proposta do autor.

De modo a ampliar os estudos de Lyons (1977), Hengeveld (1998) argumenta que as orações adverbiais devem ser analisadas sob o ponto de vista de sua estrutura semântica interna, e, então, propõe que se considerem quatro parâmetros de análise a fim de identificar e classificar as relações estabelecidas entre a oração principal e a subordinada, os quais serão levados em consideração para a análise do *corpus* desta pesquisa. Os parâmetros são estes: tipo de entidade, factualidade, pressuposição e referência temporal, e suas características serão ilustradas abaixo.

De acordo com Hengeveld (1998), no nível semântico as orações adverbiais podem ser avaliadas segundo o tipo de entidade que designam, conforme o quadro (2):

Quadro 1– Tipos de entidade

| Tipo de entidade | Descrição | Avaliação |
|-------------------------|------------------------|------------------|
| Zero ordem | Propriedade ou relação | Aplicabilidade |

| | | |
|----------------|------------------------|-----------------|
| Primeira ordem | Indivíduos | Existência |
| Segunda ordem | Estado-de-coisas | Realidade |
| Terceira ordem | Conteúdo proposicional | Verdade |
| Quarta ordem | Ato de discursivo | Informatividade |

Fonte: Hengeveld (1998, p. 345-346)

O tipo de entidade de primeira ordem corresponde a indivíduos, localiza-se no espaço e pode ser avaliada em termos de existência; o tipo de segunda ordem corresponde a estado-de-coisas,²⁷ ou eventos, localiza-se no espaço e no tempo e pode ser avaliada em termos de realidade; o de terceira ordem corresponde, por sua vez, ao conteúdo proposicional, não podendo localizar-se no espaço tampouco no tempo, e só pode ser avaliada em termos de verdade; e, por fim, o tipo de entidade de quarta ordem designa atos de fala em termos de sua informatividade. O tipo de entidade de zero ordem corresponde a propriedades ou relações que não têm existência independente e por isso dependem da predicação de outros tipos de entidades, podendo ser avaliada em termos de sua adequação e aplicação a esses outros tipos de entidades. Os exemplos 35 a 38, Hengeveld (1998, p. 345-346), os tipos de entidade:

(35) “They escaped by sliding down a rope”.

“Eles escaparam deslizando por uma corda” (Propriedade – primeira ordem)

(36) “The fuse blew because we overloaded the circuit”.

“O fusível explodiu porque nós sobrecarregamos o circuito” (Causa – segunda ordem)

(37) “Jenny went home because her sister was going to visit her”

“Jenny foi para casa porque sua irmã iria visitá-la” (Razão – terceira ordem)

(38) “Jenny isn’t here, that’s why I don’t see her”.

“Jenny não está aqui, por isso eu não a vejo” (Explicação – quarta ordem)

A diferença entre (35) e (36) está no fato de que em (37) toda a oração descreve um único evento, enquanto que em (38) a oração adverbial descreve um evento independente em relação ao qual a ocorrência do evento descrito na principal pode ser entendido.

A distinção entre os tipos de segunda e terceira ordem reside também na diferenciação entre estados-de-coisas e conteúdos proposicionais. Em (35), a oração subordinada descreve o evento que está causando o evento da oração principal, sem que haja envolvimento intencional por parte de um agente no evento da oração principal. Em (37) a razão adverbial não causa o

27 Os estados-de-coisas caracterizam-se enquanto acontecimentos/eventos que sucedem independentemente dos usuários, já o conteúdo proposicional pode ser afirmado, conhecido, negado, questionado, ou seja, é uma entidade que está a serviço das atitudes (crença, expectativa, julgamento) do falante (HENGEVELD, 1998).

evento da oração principal em sentido literal, mas representa a consideração, ideia, isto é, o conteúdo proposicional que levou um participante no evento da oração principal a se engajar naquele evento da oração principal.

A diferença entre a razão em (35) e a explicação em (38) é que, enquanto a fonte da razão em (35) é a participação de Jenny na oração principal, a fonte da explicação em (37) é o envolvimento do falante. Consequentemente, a oração adverbial não pode ser interpretada como a razão pela qual o evento da oração principal ocorreu.

A classificação dos tipos de entidades acima serve como base para a hierarquização que, vai da aplicabilidade (zero ordem) à informatividade (quarta ordem), a qual segue:

❖ zero ordem > primeira ordem > segunda ordem > terceira ordem > quarta ordem

Em relação à referência temporal, Hengeveld (1998) se refere à dependência temporal da oração adverbial em relação à da oração-núcleo.

(39) “The fuse blew because we overloaded the circuit”.

“O fusível explodiu porque sobrecarregamos o circuito”.

(40) “I found out about the accident when she arrived at the house”.

“Eu soube do acidente quando ela chegou à casa”.

Ambas as orações (39 e 40) descrevem estados-de-coisas, isto é, são de segunda ordem. A diferença entre elas é que a oração em (39) é expressa por uma expressão finita, já a oração simultânea em (40) é expressa por uma expressão finita. A diferença central entre orações de causa e de simultaneidade pode ser descrita em termos de dependência temporal.

O autor distingue dois tipos de oração: a que se realiza com referência temporal dependente (RTD), e a que se realiza com referência temporal independente (RTI). Logo, orações de simultaneidade têm tempo de referência dependente (RTD), enquanto que orações de causa possuem tempo de referência independente (RTI). É possível que realizar uma hierarquia (que representa: quanto mais dependente temporalmente, maior o grau de dependência entre as orações adverbial e a principal; quanto mais independente, menor o grau de dependência entre essas orações) para a expressão de dependência temporal estabelecida entre orações, como a que segue:

❖ tempo de referência dependente (RTD) > tempo de referência independente (RTI)

O parâmetro de referência de tempo é relevante apenas dentro da classe adverbial de segunda ordem, uma vez que as adverbiais de ordem zero têm necessariamente uma referência de tempo dependente, enquanto as adverbiais de terceira e quarta ordem têm, necessariamente, referência de tempo independente, como ilustrado no quadro 3:

Quadro 2– Dependência temporal

| Zero ordem | Segunda ordem | Terceira ordem | Quarta ordem |
|-------------------|----------------------|-----------------------|---------------------|
| Propriedades | RTI Causa | Razão | Explicação |
| | RTD | | |
| | Simultaneidade | | |

Fonte: Hengeveld (1998, p. 347-349)

A factualidade, segundo Hengeveld (1998), diz respeito à classificação das orações em: factuais e não factuais. São factuais estados-de-coisas reais e conteúdos proposicionais verdadeiros; são não factuais estados-de-coisas não reais e conteúdos proposicionais não verdadeiros, como ilustram os exemplos 41, 42 e 43 de Hengeveld (1998, p. 349-351):

- (41) “I found out about her coming when she got home”.
 “Eu soube da vinda dela quando ela chegou em casa”.
- (42) “I’ll know she’s coming when she gets home”.
 “Eu vou saber da vinda dela quando ela chegar em casa”
- (43) “We brought you this shirt for you to wear on your birthday”.
 “Nós trouxemos esta camiseta para que você a vista em seu aniversário”.

Nas orações de simultaneidade (41) e (42) o evento descrito na oração adverbial é necessariamente simultâneo ao evento descrito na principal; já na oração proposicional (42) o evento descrito na oração adverbial é necessariamente posterior ao evento da principal. Há, portanto, uma diferença no que diz respeito às formas que são usadas nos casos em que as orações, tanto principal quanto subordinada, apresentam formas verbais diferentes: uma oração adverbial de simultaneidade pode ser expressa por formas verbais independentes como em (41) e por formas verbais dependentes como em (42), porém em orações adverbiais proposicionais somente é possível usar formas verbais independentes como em (43).

A diferença crucial entre orações de simultaneidade e as proposicionais, responsável pelo uso de formas verbais diferentes em cada caso, tem a ver com a expressão da factualidade,

isto é, orações de simultaneidade são factuais, ou seja, descrevem um evento como algo real a partir da perspectiva do ponto de referência temporal da oração principal, enquanto que orações proposicionais são não factuais, ou seja, descrevem um evento como algo não real a partir da perspectiva do ponto de referência temporal da oração principal. Torna-se possível apreender a factualidade em uma hierarquia, como se observa:

❖ Factual > Não factual

A oposição factualidade/não factualidade não se aplica somente aos eventos cujas formas verbais sejam dependentes, mas também tal dicotomia constitui um parâmetro independente que pode ser aplicado a várias outras entidades, como exemplificado na sequência indicada no quadro 4:

Quadro 3–Tipos de entidades e factualidade

| Tipos de entidade | Factual | Não factual |
|--------------------------|----------------|--------------------|
| Zero ordem | aplicada | não aplicada |
| Segunda ordem | real | não real |
| Terceira ordem | verdadeira | não verdadeira |
| Quarta ordem | assertiva | não assertiva |

Fonte: Hengeveld (1998, 349-351)

Dentro do domínio das adverbiais, podemos distinguir as combinações indicadas no quadro 5:

Quadro 4– Combinação entre tipos de entidade e grau de factualidade

| | Zero ordem | Segunda ordem | Terceira ordem | Quarta ordem |
|--------------------|-------------------|-----------------------------|-----------------------|---------------------|
| Factual | Propriedade | RTI Causa | Razão | Explicação |
| | | RTD Simultaneidade | | |
| Não factual | ----- | RTI Circunstância potencial | Condição potencial | ----- |
| | | RTD Propósito | | |

Fonte: Hengeveld (1998, p. 349-351)

Os exemplos 44 a 46, extraídos de Hengeveld (1998, p. 351) ilustram orações adverbiais não factuais:

(44) “He won’t get the job if he doesn’t have qualifications”.

“Ele não conseguirá o trabalho se não tiver qualificações”. (Condição potencial – terceira ordem)

(45) “I will go tomorrow in case Ann wants me”.

“Eu irei amanhã no caso de que Ann me queira”. (Circunstância potencial – segunda ordem RTI)

(46) “I left early to catch the train”.

“Eu saí cedo para pegar o trem”. (Propósito – segunda ordem RTD)

A pressuposição, último parâmetro, diz respeito à maneira como o falante elabora o conteúdo de sua mensagem baseado no conhecimento prévio que ele imagina que o ouvinte possua, ou seja, o falante pressupõe que o conteúdo veiculado é pressuposto (real/verdadeiro) ou não pressuposto (não real/não verdadeiro) para o ouvinte, de acordo com os exemplos 47 a 51:

(47) “The fuse blew because we overloaded the circuit”.

“O fusível explodiu porque nós sobrecarregamos o circuito”.

(48) “In addition to being very busy, my passport has expired”.

“Além de estar muito ocupado, meu passaporte expirou”.

(49) “In addition to cooking dinner, I take care of the garden”.

“Além de cozinhar o jantar, eu cuido do jardim”.

(50) “The cat will scratch/scratch/scratch you if you pull its tail”.

“O gato te arranhará/vai arranhar/arranha, se você puxar a cauda dele”.

(51) “If he had told me to accompany him, I would have warned you”.

“Se ele tivesse dito que eu o acompanhasse, teria te avisado”.

A oração causal em (49) e as de adição em (50) e (51) compartilham algumas propriedades: elas designam entidades de segunda ordem, têm referência de tempo independente e são factuais. Ainda, orações como em (50) e (51) podem ser expressas por formas verbais dependentes ou independentes, enquanto que orações como em (51) só podem ser expressas por formas verbais independentes.

De modo análogo, orações condicionais não reais e as condicionais potenciais ilustradas em (50) e (51) designam entidades de terceira ordem e são não factuais. As condicionais potenciais como em (51) podem ser expressas por formas verbais independentes, enquanto que

em (51) as condicionais não reais podem ser expressas por formas verbais independentes ou dependentes.

As diferenças entre as orações anteriores podem ser descritas pelo parâmetro da pressuposição: uma oração de adição é factual, isto é, pressuposta como factual, já uma oração causal não o é. Uma condicional não real é contrafactual, isto é, pressuposta como não factual, já uma condicional potencial não o é. Abaixo, há a ilustração da hierarquia de pressuposição, que se aplica aos vários tipos de orações adverbiais:

❖ pressuposto > não pressuposto

Como ilustrado nos exemplos, em primeiro lugar, essa hierarquia pode ser aplicada aos domínios da factualidade e não factualidade. Em segundo lugar, pode ser aplicada a advérbios designando entidades de segunda e terceira ordem. Dentro do domínio factual, a pressuposição leva à factualidade, isto é, ao pressuposto de que um evento é real/não-real ou verdadeiro/não-verdadeiro. O exemplo (52) de Hengeveld (1998, p. 354) é pressuposta uma vez que o falante concebe o conteúdo nela descrito como real ou verdadeiro:

(52) “He got the job even though he had no qualifications!”.

“Ele conseguiu o trabalho embora não tivesse qualificações”.

No que se refere a orações não-pressupostas, estas caracterizam-se por um conteúdo proposicional descrito pela oração adverbial como sendo não-real ou não-verdadeiro. É o que se observa no exemplo (53) de Hengeveld (1998, p. 354):

(53) “Jenny went home because her sister would to visit her”.

“Jenny foi para casa porque sua irmã a visitaria.

Tendo em vista o estabelecimento dos parâmetros descritos nesta seção, sob os quais as orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *quando* e realizadas por futuro do subjuntivo serão submetidas à análise, pretende-se realizar uma descrição dos componentes sintático-semântico integradamente, tal como exige o escopo teórico funcionalista dentro do qual esta pesquisa se encaixa.

2. O OBJETO DE ESTUDO NA LITERATURA

Este capítulo apresentará um panorama a respeito do tratamento dado à construção temporal adverbial *quando* mais futuro do subjuntivo, primeiramente, sob a ótica de alguns estudos descritivos como os de Perini (1978), Comrie e Holmback (1984), Marques (2010), Reis (2014) e Vesterinen (2017) e, posteriormente, com o fito de contrastar as perspectivas traz-se à análise alguns estudos a partir da ótica da Gramática Tradicional, Cunha e Cintra (2017), Bechara (2012), Rocha Lima (2011) e Cegalla (2005).

Além disso, faz-se importante compreender, a partir da vertente da gramática tradicional e de estudos descritivos, a conjunção *quando*. Além da importância de se discutir os processos de coordenação e subordinação, estando, este último, implicado na estruturação do objeto de estudo deste trabalho. Por fim, tratar-se-á da ordenação nas orações adverbiais temporais e a correlação modo-temporal por elas configuradas. Esta seção, portanto, se destina a abordar tais aspectos.

2.1 Tempo, modo e modalidade

Ilari (2016) e Corôa (2005), a partir das ideias de Reichenbach (2011), compreendem três pontos temporais referenciais, os quais se dividem em: momento de fala (MF), momento do evento (ME) e ponto de referência (MR). O momento de fala está relacionado ao ato da comunicação e à pessoa do discurso, torna-se correspondente com o momento (real ou irreal) em que o enunciado é pronunciado. O momento do evento é o tempo da realização do predicado, isto é, é o tempo em que se dá o evento descrito, enquanto que o ponto de referência condiz aos acontecimentos naturais ou históricos, os quais a autora chama de “tempo dos relógios e calendários”. A partir dessa dimensão temporal, o tempo presente ocorre simultaneamente à enunciação, o passado possui relação de anterioridade ao evento da enunciação e o futuro posterior ao momento enunciativo.

Essa relação do tempo com a enunciação, para Castilho (2010), não pode ser descrita sem se considerar também o aspecto. Além de, para o autor, o tempo verbal retratar um estado-de-coisa apanhado no presente, passo e futuro, as formas temporais não servem unicamente para fixar cronologias dos estados-de-coisas, como também servem às necessidades expressivas do falante.

Tomando as reflexões de Castilho (2010) como exemplo, então, pressupõe-se que as flexões verbais correspondem a morfemas cumulativos, que podem ser analisados a partir de definições gramaticais, semânticas e discursivas. Do ponto de vista gramatical (levando em

consideração sua morfologia), o verbo dispõe de um radical e de morfemas flexionais prefixais ou sufixais; os morfemas flexionais compreendem os sufixos modo-temporais, que se aplicam ao radical, seguidos dos sufixos número-pessoais, os quais se aplicam aos sufixos modo-temporais. Do ponto de vista semântico, os verbos expressam os estados de coisas, entendendo-se por isso as ações, os estados e os eventos de que precisamos quando falamos ou quando escrevemos. No que tange à dimensão discursiva do verbo, este introduz participantes no texto, via processo da apresentação, por exemplo; os qualifica devidamente, via processo da predicação; e concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos.

A partir da reflexão acima, fica evidente que as categorias gramaticais não servem unicamente à cronologia passado, presente e futuro, como também às necessidades expressivas do falante e, nesse viés, traz-se à discussão os pressupostos teóricos de Givón (1995), os quais se voltam à diferenciação entre o tempo (*tense*) do (*time*). Para o autor, enquanto o primeiro se refere à expressão linguística e gramatical, a segunda se relaciona ao propósito comunicativo, isto é, é um conceito extralinguístico de dimensão mais abstrata correspondente à entidade experiencial.

A expressão de tempo, entendida a partir de uma dimensão linear marcada por um ponto referencial definido pelo observador, estabelece no presente um ponto de referência (que coincide simultaneamente à enunciação), o passado (corresponde à relação de anterioridade ao evento da enunciação) e o futuro (posterior ao momento da enunciação). Para Givón (1995), o tempo (*tense*), correspondente a essas cronologias presente, passado e futuro, envolve a dimensão *time*. *Tense* é a categoria linguística (gramatical) que remete ao tempo verbal, isto é, à experiência/conceito de Tempo como pontos numa sequência, correlacionando-se às noções de precedente e subsequente. *Time*, por outro lado, é um conceito extralinguístico de dimensão mais abstrata correspondente à entidade experiencial. No português brasileiro, é possível utilizar as categorias *tense* e *time* para situar um enunciado temporalmente.

Na próxima subseção, notar-se-á que a descrição do futuro do subjuntivo, nos estudos descritivos ilustrados, oscilará entre as categorias de tempo, modo e modalidade.

2.2 O Futuro do Subjuntivo em estudos descritivos

Desde a Vertente Grega da Gramática Tradicional (Neves, 2005) as definições entre o modo indicativo e subjuntivo estabelecem um distanciamento entre os dois: indicativo – afirmação, uma *synkatáthesis*, assentimento, afirmação de que o fato é expresso no verbo; subjuntivo – *hypotaktiké*, subordinado, subjuntivo justamente a partir do fato de que esse modo tem sempre de se subordinar à conjunção.

Da tradição grega à modernidade, as Gramáticas Tradicionais atualizam as definições binárias entre os modos indicativo e subjuntivo, levando às suas conceituações os mesmos critérios que os gregos, a saber:

Quando nos servimos do modo indicativo, consideramos o fato expresso pelo verbo como certo, real, seja no presente, no passado, ou no futuro. Ao empregarmos o modo subjuntivo, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa incerta, duvidosa, eventual ou, mesmo, irreal. (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 479)

Os fatores de ordem semântica descritos acima (afirmação/real *versus* não afirmação/não real) distinguem indicativo e subjuntivo; em contexto de orações adverbiais temporais com valor de futuro, a aparição de *quando* na oração subordinada mais a realização do futuro do subjuntivo (*quando eu for rico*), levará a oração núcleo à realização de distintos modos do indicativo (*compro/vou comprar/comprarei uma casa*) cujo valor semântico oscila entre futuridade, eventualidade, irrealidade, entre outros.

Na sequência, alguns estudos descritivos do português serão expostos com o objetivo de ampliar a compreensão sobre o futuro do subjuntivo em relação às categorias verbais de tempo, modo e aspecto.

De acordo com Perini (1978), o futuro do subjuntivo é uma variante posicional do futuro do indicativo em certos ambientes sintáticos.

Ao ler o subjuntivo a partir da categoria de *modo*, Perini (1978) o define como o modo próprio das orações principais optativas e das subordinadas nas quais se considera o fato como incerto e duvidoso; em contraposição, o modo indicativo indica o real, a existência ou não existência de um fato em orações principais expositivas, interrogativas e subordinadas.

A respeito das orações temporais adverbiais como as introduzidas por *quando*, o autor afirma existir uma correlação temporal obrigatória entre o tempo das orações principal e temporal. O exemplo (54) é gramatical, enquanto que o em (55) torna-se agramatical por não haver correlação de tempo entre as orações (PERINI, 1978, p.21-22):

- (54) “Quando eu saio/saía, levo/levava o guarda-chuva”.
- (55) * “Quando eu saio, levei o guarda-chuva”.

Perini (op.cit.) ainda faz uma observação relevante, ao mencionar que o futuro do indicativo não ocorre em orações introduzidas por *quando*, ao passo que o futuro do subjuntivo sim, como indicado nos exemplos 56 e 57 de Perini (1978, p.22):

- (56) “Quando eu sair, levarei guarda-chuva”.
- (57) * “Quando eu saírei, levarei guarda-chuva”.

Dessa forma, o futuro do subjuntivo preenche a lacuna sintática e semântica defectiva do futuro do indicativo, assumindo o mesmo significado que se esperaria do futuro do indicativo.

Ao analisar a escolha entre o futuro do subjuntivo e o futuro do indicativo nesses tipos de orações, Perini (1978) verificou que o princípio determinante para a aparição de um ou de outro modo tem relação com as características semânticas²⁸ da conjunção e da construção completa. Nesse sentido, o futuro do subjuntivo é obrigatoriamente exigido quando o verbo da oração principal estiver no futuro, sobretudo nos casos em que as orações temporais são introduzidas pelas conjunções *sempre que*, *depois que*, *logo que*, *assim que*, e *cada vez que*. Segundo o autor, o fenômeno da correlação de tempos é condicionado por características semânticas da estrutura, isto é, a correlação trata igualmente formas morfologicamente diversas, desde que sejam semanticamente equivalentes (ex.: quando eu sair, eu levo guarda-chuva) onde levo só pode ser interpretado como futuro, e nunca como presente. Assim, haveria, então, em nível morfológico, uma neutralização de modo que o futuro poderia realizar-se de maneira idêntica ao presente: levo.

Comrie e Holmback (1984) buscando caracterizar a natureza da oposição entre presente e futuro do subjuntivo chegam à conclusão de que a diferença entre os dois não está relacionada ao tempo morfológicamente marcado no verbo, e sim à maior definitude da situação em orações adverbiais expressas pelo futuro do subjuntivo.

²⁸ De acordo com Perini (1978, p. 21), as orações adverbiais introduzidas por *quando* requerem uma correlação temporal obrigatória, que faz com que o tempo da oração principal e o da subordinada sejam idênticos (ex.: quando eu saio, eu levo guarda-chuva; quando eu saía, eu levava guarda-chuva; quando eu sair, levarei guarda-chuva, *quando eu saía, levo guarda-chuva, sendo esta última oração agramatical), essa correlação, segundo o autor, depende não só de características semânticas da conjunção *quando* como também da construção inteira.

O ponto central da proposta de Comrie e Holmback (1984), para a interpretação de orações temporais introduzidas por *quando* realizadas pelo futuro do subjuntivo, está no fato de considerarem o aspecto do verbo no futuro do subjuntivo, isto é, a semântica interna do verbo (*aktionsart*), como exemplificado em 58 e 59 por Comrie; Holmback, (1984, p. 228):

(58) “Quando José estiver comendo, a família vai sair”.

(59) “Quando Pedro cair, vai levantar”.

A leitura aspectual semântica acionada em (58) pelo futuro do subjuntivo na oração temporal é de simultaneidade entre as ações descritas em ambas as sentenças; enquanto que em (59) a única leitura possível é, primeiramente, a de que Pedro cairá e, logo após, se levantará, sendo impossível cair e levantar-se ao mesmo tempo. No exemplo (58), na oração temporal existe uma perífrase aspectual cursiva/progressiva (estar + gerúndio), o que confere à sua leitura um valor de simultaneidade entre as ações descritas na oração temporal e na principal; já no exemplo (59), a ausência de uma perífrase aspectual só pode conferir sequencialidade entre as ações descritas, primeiro *cair* (na temporal) e depois *levantar-se* (na principal).

No que tange à correlação temporal mencionada acima ‘simultaneidade’ e ‘posterioridade’ entre as orações subordinadas e as principais, Comrie e Holmback (1984) adotam a noção de ponto de referência de Comrie (1981), mostrando que o modo mais básico para localizar gramaticalmente situações no tempo é adotando o tempo absoluto, que localiza situações como simultâneas (presente), anteriores (passado) ou subsequentes (futuro) ao momento presente²⁹.

Isso posto, os autores sugerem uma formalização da caracterização temporal do futuro do subjuntivo como a sugerida abaixo, a partir da ideia geral de que a situação descrita pelo futuro do subjuntivo deve se localizar em um ponto anterior à situação descrita na oração principal, sendo essa situação, por sua vez, localizada no futuro em relação ao momento de fala: **Futuro do subjuntivo** – *E* antes de/simultâneo a *R* depois de *S*.

Em síntese, de acordo com a proposta de Comrie e Holmback (1984) as orações temporais introduzidas por *quando* e realizadas pelo futuro do subjuntivo, para sua interpretação, considera-se o aspecto do verbo no futuro do subjuntivo, ou seja, a semântica interna do verbo (*aktionsart*), e, até mesmo, os autores levam em consideração conhecimento das possibilidades e probabilidades do mundo real à análise dessas orações.

29 O presente momento correspondente ao sinal *S* e a situação a ser localizada no tempo corresponde a *E*, desse modo, Presente (*E* simultâneo *S*), Passado (*E* antes de *S*) e Futuro (*E* depois de *S*).

Marques (2010) busca descrever o significado da relação do modo subjuntivo e seus tempos simples (pretérito, presente e futuro). A primeira proposta apresentada se refere aos tempos de subjuntivo como tempos anafóricos, dependentes do tempo da oração matriz, contrária à concepção do autor, pois o subjuntivo, por exemplo, pode ocorrer em orações independentes e nem sempre estabelecer concordância de tempo entre a matriz e a encaixada.

A segunda proposta descreve os tempos de subjuntivo como localizadores temporais, considerando que, conforme sugerem suas designações, a diferença entre as diversas formas estaria relacionada ao ponto de perspectiva temporal a elas associada: o pretérito imperfeito teria perspectiva temporal passada, o futuro teria perspectiva temporal futura, o presente teria como ponto de perspectiva temporal o tempo de enunciação.

Quando se comparam presente e futuro do subjuntivo, nos exemplos abaixo, ambos podem apresentar informação temporal idêntica, tendo o tempo de enunciação como perspectiva temporal. Nos exemplos extraídos de Marques (2010, p. 630), (60) e (61), a relação é de sobreposição com o tempo de enunciação, enquanto que em (62) tem-se relação de posterioridade:

- (60) “Se souberes a resposta, é melhor dizeres já”.
- (61) “Caso saibas, é melhor dizeres já”.
- (62) “Entrevista as pessoas que encontrares no caminho”.

O autor afirma que as diferenças entre presente e futuro do subjuntivo não são de natureza exclusivamente temporal. Para explicar essas diferenças, o autor propõe que as diversas formas de tempo do modo subjuntivo (passado, presente e futuro) devem ser consideradas operadores modais. Elas apontam para situações possíveis de serem consideradas e indicam que o estado de coisas descrito não se verifica em todas essas situações possíveis para a interpretação da sentença. Presente e futuro do subjuntivo ambos impõem que as situações possíveis a se considerar sejam parte do conjunto contextual e incluam o tempo de enunciação, restrições não aplicadas ao passado do subjuntivo. O futuro do subjuntivo faria referência a situações possíveis apresentadas como parte de outras situações.

Para Marques (2010), baseando-se em contextos de distribuição do futuro do subjuntivo, argumenta que ele só pode ocorrer em contextos que envolvem quantificação universal³⁰, como orações introduzidas por *se* e *quando*, como no exemplo (63):

(63) “Quando estiver em casa, deixo a luz acesa”.

No exemplo acima, as situações possíveis em que o enunciado está em casa são parte de situações em que ele deixa a luz acesa.

Para Reis (2014), cuja abordagem parte de amostras extraídas da fala, a distribuição do futuro do subjuntivo está relacionada à expressão da modalidade cuja função se associa à expressão do tempo.

Segundo a autora, para a leitura do futuro do subjuntivo os valores modais e temporais estão presentes concomitantemente, mas com força ou graus distintos de expressão e, portanto, os padrões funcionais do uso do futuro do subjuntivo distribuem-se entre mais tempo (futuro) e menos modalidade e menos tempo e mais modalidade:

Nos extremos do *continuum*, as principais forças atuantes são: (i) para o domínio mais temporal: a presença de fatores que reforçam a projeção futura e a ideia de predição no enunciado, como conector temporal, tempo verbal, futuro na oração principal, além de expressões da modalidade epistêmica de probabilidade e mais certeza do falante; (ii) para o domínio mais modal: a expressão da modalidade orientada ao agente, orientada ao falante e, sobretudo, da modalidade epistêmica de baixa certeza, assim como certos tipos de construções relativas, além da presença de dados em que o item verbal é de modalidade inerente ou modal. (REIS, 2014, p. 11)

No eixo da temporalidade, os valores temporais associados ao futuro do subjuntivo se distribuem entre tempo indeterminado (com maior força modal), presente relativo, presente e futuro. Já, no eixo da modalidade, o futuro do subjuntivo ocorreria em enunciados marcados pela expressão da modalidade epistêmica, com destaque para presença dos traços modais de possibilidade (64) e probabilidade (65) (REIS, 2014, p. 178).

(64) “Tirou o aumento de todo mundo, só vai dar aumento pro fim do de junho, se der, né? Se der”.

³⁰ Kratzer e von Stechow (apud Rui, M., 2010, p. 11) afirmam que as orações introduzidas por *quando* ou pela conjunção *se* envolvem quantificação universal, isto é, (necessariamente) *sep q*, (sempre) quando *p q*, e todos os N que *p q*. Torna-se evidente que o futuro do conjuntivo só pode ocorrer em restritores de quantificadores universais.

- (65) “No caso quando ele tiver dezoito anos, quando ele entrar no quartel ele não entra daí como recruta, como soldado”.

Sob o viés da gramática cognitiva, Vesterinen (2017), para a semântica do subjuntivo em português, baseia-se no conceito de domínio, o qual pode ser bipartido em: domínio epistêmico e o domínio de controle específico.

O domínio epistêmico reflete uma atitude epistêmica do conceptualizador em relação a um evento, correspondendo a sua concepção de realidade. Já, o domínio de controle específico se relaciona às intenções do conceptualizador em influenciar o que acontece, podendo designar a atitude emocional do conceptualizador em relação a um evento, expressar o desejo de que um evento se realize ou a tentativa de influenciar a sua realização.

Segundo Vesterinen (2017), o tipo de predicado (ou expressão linguística) determina o domínio relevante para a sentença, quer seja o epistêmico, quer seja o de controle efetivo. O autor assume que a escolha de modo, por sua vez, está associada à localização do evento descrito. O evento pode estar dentro do escopo do domínio relevante em caso de indicativo ou fora do escopo do domínio em questão em caso de sentenças com subjuntivo.

Quando o subjuntivo é acionado na sentença, o domínio relevante é o domínio de controle efetivo do conceptualizador. Nesses casos, no entanto, o participante ativo do evento descrito não é o próprio conceptualizador. Dessa forma, o evento é localizado fora do domínio relevante evocado. Em resumo, o subjuntivo evoca um determinado domínio, mas localiza o evento fora dele.

Levando em consideração as propostas aqui apresentadas sobre a caracterização do futuro do subjuntivo através de Perini (1978), Comrie e Holmback (1984), Marques (2010), Reis (2014) e Vesterinen (2017), objetiva-se estabelecer um panorama teórico que engloba sua leitura desde aspectos morfossintáticos a cognitivos, o que indica a possibilidade de se encontrar outras caracterizações para o futuro do subjuntivo no português brasileiro, objetivo este ao qual este trabalho se propõe.

Em face das caracterizações anteriormente apresentadas sobre o modo subjuntivo, é sabido que ele tem recebido bastante atenção na literatura dos estudos linguísticos, sobretudo no que diz respeito à sua distinção com o indicativo, sendo este (em termos modais) característico do *realis* (factual) e aquele *irrealis* (não factual). Nas orações adverbiais temporais introduzidas por *quando* existe uma correlação obrigatória, que faz com que o tempo da principal e o da subordinada sejam idênticos, assim, tem-se:

- (66) quando eu saio, levo guarda-chuva.
- (67) quando eu saía, levava guarda-chuva.
- (68) quando eu sair, levarei guarda-chuva.
- (69) *quando eu sairei/saio/saía/saísse, levarei guarda-chuva.

A leitura que se faz das ações descritas em (66 e 67), no que tange à modalidade, é de ações descritas no modo *realis* (são factuais), reais, possíveis de acontecer no mundo real; já em (68), a ação descrita na oração principal é projetada, pela oração subordinada, a um modo *irrealis*, não factual, daí a correlação modo-temporal entre elas acontecer no futuro (do subjuntivo, na temporal, e do indicativo, na principal). Para se chegar ao valor de futuro, como em (68), é preciso que o futuro do subjuntivo esteja presente na oração temporal – caso isso não aconteça, a oração se torna agramatical como em (69) –, porém, ao levar em consideração a relação entre as orações (temporal e principal), pretende-se aqui analisar como se dá (em quais contextos e de que maneira, a partir dos pressupostos teóricos elencados para este trabalho) o *irrealis* ou a não factualidade prototípica das orações foco deste estudo.

Observa-se, portanto, que nem todos os estudos que abordam o subjuntivo em orações adverbiais temporais levam à análise a estrutura interna da oração adverbial e sua relação com a oração principal, desconsiderando, assim, os aspectos temporais, modais, morfossintáticos e pragmáticos, é o que nesta dissertação se pretende realizar.

Na próxima subseção, ver-se-á o tratamento dado pela Gramática Tradicional e por estudos descritivos à conjunção *quando*.

2.3 A conjunção *quando* na gramática tradicional e em estudos descritivos

Na tradição gramatical, a conjunção subordinativa tem sido definida por referência ao estatuto sintático dos segmentos entre os quais a conjunção subordinativa liga um termo subordinado ao seu subordinante, como apontam, respectivamente, os manuais de Cegalla (2005, p. 289) (exemplo 70) e Cunha e Cintra (2017, p. 593) (exemplo 71):

- (70) “Saímos de casa **quando** amanhecia”.
- (71) “Eram três da tarde **quando** cheguei às arenas romanas”. (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 183.)

Cegalla (*op. cit.*) define a conjunção como um termo que liga duas orações que se completam uma à outra e faz que a segunda dependa da primeira; por isso, a conjunção *quando*

é subordinativa. Cunha e Cintra (*op. cit.*) a define como um vocábulo gramatical que serve para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração, sendo as conjunções subordinativas aquelas que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra.

As definições acima partem de uma análise, para o entendimento das orações adverbiais temporais conjuncionais, dos elementos menores para os maiores, focando, especialmente, os limites da frase, logo a conjunção *quando* funcionaria apenas como um elemento de ligação, relação ou união entre sentenças. Por outra análise, tais definições indicam a presença da conjunção como o termo gramatical definidor da dependência entre as orações.

Na abordagem tradicional, os estudos destacam as relações temporais marcadas pelo *quando* entre a oração por ele introduzida, a subordinada, e a oração que com ela coocorre, a principal. Buscam-se regularidades nas formas como o conector marca relações temporais distintas: anterioridade (quando o evento descrito na oração nuclear acontece antes do descrito na oração temporal), simultaneidade (quando ambas as ações, de ambas as orações, acontecem ao mesmo tempo) e posterioridade (quando o evento da oração nuclear acontece depois do descrito na oração temporal).

Na literatura de base funcionalista, como em Halliday e Hasan (1976), por exemplo, a noção de conjunção está atrelada ao processo textual (coesivo), pelo qual há uma relação semântica entre complexos oracionais, entre trechos de texto, e não apenas por elementos ditos conjuntivos, como as conjunções, isto é, em linhas gerais, o elemento que se segue está alinhado ao que veio antes. Os autores classificam quatro tipos de conjunção: aditiva (incluindo alternativa), adversativa, causal (incluindo razão, propósito, consequência, resultado, etc.) e temporal.

Conforme Braga e Dall’aglio-Hattner (2008), a sentença iniciada por um conector temporal pode apresentar várias funções, de acordo com os objetivos comunicativos dos interlocutores, como: se anteposta à principal, ela pode criar o pano de fundo para os eventos seguintes ou sinalizar uma mudança na orientação do discurso ou indicar a introdução de um novo argumento. Se posposta à principal, a sentença realizada por *quando* pode restringir a informação expressa na principal ou trazer um acréscimo de informação.

A respeito da multifuncionalidade da conjunção *quando*, Neves (1999) afirma:

[...] integra diversas classes de palavras (pronomes interrogativo, pronome relativo e conectivo) e, enquanto elo interacional, presta-se à sinalização de diferentes nuances semânticas. Com efeito, *quando* encabeça orações às quais se pode atribuir, predominantemente, leitura de superposição, prolongada ou não e de simultaneidade

coextensiva; muitas orações introduzidas por *quando* são compatíveis com duas ou mais interpretações, tais como: tempo-condição, tempo-causa, tempo-concessão[...].

As diferentes nuances semânticas de *quando* no latim falado somada à frequente aparição do item nas orações de tempo confirmam o que diz Neves (1999) ao apontar que, no discurso oral do português, as orações de tempo são introduzidas principalmente por *quando*, sendo antepostas à oração nuclear, ordem não marcada, ou não.

Corroborando com Rubio (1983) e Bassols de Climent (1956), Carmelino (2004) salienta que outras conjunções temporais são formas correlatas de *quando*, ou seja, esta pode substituir aquelas em contextos semelhantes, e, portanto, compartilha a mesma função sintática e semântica que outros conectivos temporais. Isto se deve ao fato de a conjunção *quando* ser a mais neutra de todas, servindo como base para os outros, fato que a torna a conjunção mais empregada no português escrito contemporâneo.

Koch (1987, p. 84 *apud* Castilho, 2010, p. 380) também afirma que no português falado culto do Brasil, predominam as conjunções *quando* (97,5% dos casos), ao passo que *logo que* e *enquanto* somam (2,5% das ocorrências).

Oliveira (2014), ao tratar da natureza categorial das conjunções adverbiais sob um enfoque funcionalista, propõe três grupos de conjunções cujos valores semânticos são graduais, que podem ser interpretados num continuum entre lexical e gramatical, a saber: no primeiro grupo, as conjunções carregam alto grau de conteúdo lexical, em que se verifica pouca mudança do significado original; conjunções desse grupo podem ser consideradas como usos mais gramaticais de uma fonte lexical e configuram construções elegíveis para gramaticalização. No segundo grupo, estão as conjunções com menos valor lexical concreto, porém ainda com certo grau de significado lexical; nessas conjunções, há abstratização, subjetivização e metáfora. No terceiro grupo, estão as conjunções de maior abstração, aquelas que se apresentam com pouco material fônico e são aplicáveis a uma grande variedade de contextos.

De acordo com a autora, a conjunção ‘quando’ pertence ao terceiro grupo, apresenta-se, então, com pouco material fônico, é aplicável a uma grande variedade de contextos e, portanto, num continuum entre lexicalidade e gramaticalidade, a conjunção *quando* está mais próxima do polo da gramaticalidade.

Tendo em vista as leituras acima, nesta seção, notou-se que a conjunção *quando* pode receber diferentes leituras, que dependem ora do ambiente sintático, de as orações que introduzem virem ou não pospostas à oração principal, ora de fatores semânticos, ou seja, da atitude expressa pelo emissor em relação à realização ou não do evento descrito na oração principal. A leitura desses estudos também possibilitou averiguar que o item em análise é, desde

o latim falado, o mais frequente e usado nas orações adverbiais temporais. Por outro lado, em relação à forma e ao sentido, outras interpretações decorrem do item *quando* e se refere não só a sua presença nas orações que expressam tempo, como também a correlação dos tempos verbais que implica – entre a oração núcleo e a temporal - e os efeitos de sentido daí gerados.

Na próxima subseção, analisar-se-á a articulação de orações sob o ponto de vista dos estudos tradicionais e descritivos, a fim de compreender como esses processos de ordenação linguísticos estão envolvidos na organização de estruturas complexas, como as de subordinação adverbial temporal.

2.4 A articulação de orações em estudos tradicionais e funcionalistas

Em todo processo comunicativo, o falante dispõe de recursos e procedimentos linguísticos para a produção de textos (orais ou escritos) mais ou menos complexos. Um desses procedimentos, sobre o qual esta pesquisa deter-se-á, é a subordinação, um processo fundamental na construção de textos complexos.

O fenômeno da subordinação corresponde aos processos pelos quais orações inteiras se encaixam como constituintes de outras, dentro desse processo de encaixamento ou articulação encontram-se as orações adverbiais. As orações adverbiais, segundo os manuais de referência, podem ser de: causa, comparação, concessão, condição, conformidade, consecução, finalidade, proporção e tempo. O foco desta pesquisa reside nas orações adverbiais de tempo, unicamente naquelas introduzidas pelo conectivo temporal *quando* e realizadas pelo futuro do subjuntivo.

Sob o ponto de vista da Gramática Tradicional, a subordinação consiste num processo – em linhas gerais – de encaixe entre os constituintes de uma oração, isto é, um constituinte matriz se encaixa, a partir da presença de um conectivo, a outro constituinte, como ilustram as sentenças exemplificadas de 72 a 74:

- (72) “É evidente que a homofobia faz muitas vítimas em nosso país”.
- (73) “O celular que comprei o ano passado já está ultrapassado”.
- (74) “Quando cheguei à casa de minha avó, a abracei com força”.

É notória, na oração (71), a presença de dois constituintes, sendo o primeiro [é evidente], e o segundo [que a homofobia faz muitas vítimas em nosso país] conectados pela conjunção “que”. Em (72), o constituinte [que comprei o ano passado] restringe o primeiro constituinte [celular]; e em (73) o constituinte [quando cheguei à casa de minha avó] localiza o tempo passado a ação feita na matriarca [a abracei].

Pela abordagem tradicional, para a relação entre os constituintes das orações adverbiais é imprescindível a relação que estabelecem com os conectores que introduzem; elas [as orações] funcionam como adjuntos adverbiais, de acordo com as definições exemplificadas de 75 a 77:

- (75) “Saímos de casa quando amanhecia. [= Saímos de casa de manhã cedo]. São iniciadas, quando desenvolvidas, pelas conjunções subordinativas (excluindo-se as subordinativas integrantes). Têm a função dos adjuntos adverbiais.” (BECHARA, 2005, p. 496)
- (76) “Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito. (G. Ramos, Ins., 79) As conjunções subordinativas temporais, como *quando*, e outras, iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstâncias de tempo”. (CUNHA;CINTRA, 2017, p. 601).
- (77) “Uma oração adverbial é um constituinte principal do período complexo que apresenta características sintáticas semelhantes às dos adjuntos adverbiais.” (FARACO; VIEIRA, 2021, p. 115)

Tal comparação feita pelas Gramáticas Tradicionais, das orações subordinadas adverbiais a advérbios e/ou adjuntos adverbiais se torna pouco precisa, pois, em termos sintáticos, se reduz a descrição dessas orações, única e exclusivamente, aos tipos de conectores que as introduzem, além de se desconsiderar – no caso das adverbiais temporais introduzidas por *quando* – o deslocamento entre a oração nuclear e a temporal, o que pode implicar no teor da informação transmitida pelo falante.

No que tange à relação sintática entre os constituintes de uma oração subordinada, diz-se ser indispensável à configuração dessas orações complexas a relação entre dois constituintes, a saber: um subordinante e outro subordinado, porém não só. A fim de se estabelecer uma relação lógico-semântica da oração é imprescindível que o segundo constituinte esteja presente, funcionando como um dos constituintes principais do período complexo, e, também, cumprindo o papel sintático-semântico de sujeito do período complexo.

Se nos exemplos anteriores (75 a 77) há uma relação maior – e até indispensável – de dependência entre os constituintes da oração, de modo que a inexistência de qualquer um dos constituintes prejudique a relação lógico-semântica da oração, nas orações adverbiais – por serem um constituinte sintático equivalente ao adjunto adverbial – uma oração adverbial, diferentemente de uma oração subjetiva ou completiva, não é uma necessidade sintática do verbo, nem, por conseguinte, uma exigência à boa formação lógico-semântica do período, como

afirmam Faraco e Vieira (2021, p. 114). Logo, assim como os adjuntos adverbiais, as orações adverbiais se tornam dispensáveis para a estruturação de períodos complexos e, quando presentes, expressam as circunstâncias sob as quais ocorre a ação neles descrita.

Faraco e Vieira (2021) atestam que a subordinação é um processo pelo qual orações se encaixam umas às outras, confirmando, unicamente, as propriedades sintáticas envolvidas nesse mecanismo. Isto, segundo os autores, levaria o falante a criar uma consciência exclusivamente sintática sobre tal processo, como se o uso da língua se restringisse a fatos conscientes de ordenação ou encaixe dos constituintes de uma oração.

Em estudos funcionais, como o Decat (1993), diferentemente da Gramática Tradicional, entende-se que há uma distinção entre subordinação e hipotaxe, não podendo um termo ser adotado pelo outro indistintamente, para se referirem a todo e qualquer tipo de relação de dependência entre as funções sintáticas. Em linhas gerais, a subordinação acaba se caracterizando como um fenômeno de encaixe de orações fundamentado em critérios ora formais, sintáticos e/ou gramaticais, ora semânticos.

Ainda segundo Decat (1993) é preciso considerar: (i) orações dependentes que se relacionam com os fatos da gramática da língua, ou seja, aquelas cuja dependência é determinada pela escolha do item lexical e desempenham um papel gramatical em constituição com um item lexical; (ii) orações dependentes que representam opções organizacionais para o falante. Neste segundo caso, encontram-se as adverbiais, desde que não sejam argumento do verbo.

Na corrente funcionalista, Matthiesen e Thompson (1988) discordam da comparação feita pelas gramáticas tradicionais entre orações adverbiais e os advérbios e adjuntos adverbiais, posto que embora possam ser parafraseadas por um adjunto adverbial, elas podem combinar com uma única oração ou com uma sequência de orações, o que excluiria sua aproximação àquelas classes.

Ao analisar os enunciados de tempo do português oral do Brasil, Braga (1997) corrobora com a visão dos autores citados anteriormente, especialmente no que tange à substituição da oração de tempo por um sintagma preposicional. Confirma que tal substituição é factível, porém restrita, e leva em consideração, apenas, o tipo de predicado, sem considerar a combinação de outras sentenças à adverbial temporal.

Esta imprecisão coloca em primeiro plano a necessidade de se discutir a questão da subordinação que, como afirma Cristofaro (2003 *apud* Braga e Paiva, 2013, p. 115), ainda parece referendar os critérios morfossintáticos empregados na descrição dicotômica para os processos de coordenação e subordinação, desde os clássicos critérios desenvolvidos com base

nas línguas indo-europeias. Para a análise de outras línguas não indo-europeias, utilizar os mesmos critérios, pode ser um tanto quanto limitador, tanto interlinguística quanto intralinguisticamente, delimitando classes de orações internamente inconsistentes.

Cristofaro (2003) defende a necessidade de se relacionar a subordinação e a não subordinação com outros parâmetros, além do encaixamento, devido à diversidade morfossintática advinda de diferentes línguas, já que há línguas que não apresentam orações subordinadas, codificando as relações semânticas e pragmáticas por meio de outros tipos de construção. Assim, a subordinação deve ser considerada como o resultado de situações conceituais particulares, e não de fenômenos puramente sintáticos.

Hengeveld (1998) considera que uma oração é considerada subordinada quando ela depende de outra oração com o objetivo de que possa ocorrer e uma oração é considerada adverbial se ela pode ser omitida sem afetar a gramaticalidade da oração principal. Segundo o autor, a omissão de uma oração adverbial, de fato, quer dizer que entre essas orações instaura-se uma dependência semântica, e não exclusivamente sintática.

Para a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a subordinação é um processo que acontece no Nível Morfossintático, quando uma oração ocorre como constituinte de outra (principal), seja como argumento seja como modificador. A oração subordinada é constituinte da oração principal, que, no Nível Interpessoal, corresponde a um único Ato Discursivo. Já a coordenação, difere da subordinação, uma vez que a Expressão Linguística é constituída de duas ou mais orações independentes, isto é, sem relação de constituência entre elas, e cada qual, corresponde, no Nível Interpessoal, a um Ato Discursivo.

Hengeveld e Mackenzie (2008) notam que nem todas as línguas dispõem de orações subordinadas, usando para isso construções paratáticas. O português dispõe dessas construções, e, ainda, as orações subordinadas podem ser distinguidas de orações principais por meio da presença ou ausência de conjunções; presença ou ausência de formas verbais especiais; presença ou ausência de marca especial em seus argumentos. As orações subordinadas introduzidas respectivamente pelas seguintes conjunções “Fico feliz **quando ele chega**” e “Ficaria feliz **se ele chegasse**” ilustram que elas introduzem conteúdo proposicional factual no primeiro exemplo e, no segundo, não factual.

Construções como estas corroboram a afirmação de Hengeveld e Mackenzie (*op. cit.*) de que a fatores interpessoais, representacionais e morfossintáticos são responsáveis pela escolha de determinados tipos de oração subordinada. Nesse sentido, as conjunções adverbiais serviriam para expressar a função semântica da oração adverbial dentro de sua principal, garantindo a expressão das relações adverbiais.

Tendo em vista a leitura dos autores acima, compreende-se que não há unanimidade no tratamento dado à relação entre uma oração núcleo e àquela encaixada, subordinada ou dependente a esta. Estudos gramaticais tradicionais e descritivos ainda transitam entre os termos, subordinação, encaixe, hipotaxe ou parataxe, tempo e modo, o que dificulta a análise das relações e da combinação de orações.

Na sequência, serão descritos alguns aspectos importantes concernentes à ordem nas orações adverbiais.

2.5 A ordem nas orações adverbiais

Dentro da organização textual, Givón (1993) discutiu o conceito de coerência discursiva que diz respeito às motivações que regem a ordenação de orações adverbiais. Para o autor, a coerência textual é uma entidade mental e pode ser abordada de dois modos, a saber: como um artefato observável no texto e/ou como um fenômeno cognitivo na mente de quem produz e compreende o texto. Elementos como: referentes, temporalidade, aspectualidade, modalidade e localização são manifestadores da coerência textual.

Importante apontar que Givón (1993) propõe o exame de combinação de orações a partir de um contexto discursivo amplo e nele estabelece uma correlação entre anteposição e descontinuidade temática versus posposição e continuidade temática. Esta correlação seria explicada pelo princípio³¹ icônico da ordem sequencial, mais especificamente pelo subprincípio pragmático da ordem linear, segundo o qual a informação menos acessível e a informação mais importante tendem a ser colocadas primeiro no fluxo discursivo. Em síntese, para o autor, acerca do controle pragmático da ordenação tem-se a seguinte correlação: anteposição – descontinuidade temática (sinaliza um ponto de ruptura no contexto discursivo); posposição – continuidade temática (manutenção da continuidade discursiva). Em se tratando de fluxo informacional, Givón correlaciona informação partilhada com primeira posição (continuidade do tópico) e informação nova com posposição (descontinuidade do tópico).

Para Ramsay (1987) e Thompson (1985) há um ponto de convergência sobre a ordenação de orações adverbiais; ambos consideram que, no discurso escrito, quando aparecem antepostas elas dependem de um amplo contexto temático precedente, para sua interpretação; quando pospostas dependem da principal imediatamente precedente. Ramsay (1987) ainda

³¹ Esse mesmo princípio, segundo o autor, recobriria a ordenação tanto de SNs na frase como de orações no período, sendo a descontinuidade assinalada pela anteposição e a continuidade pela posposição de constituintes.

aponta que as adverbiais antepostas estão associadas à sequenciação de eventos temporais e ao plano de figura; já pospostas se associam a complementos informacionais de fundo.

Gorski (2000), a partir dos apontamentos de Givón (1993), ao analisar contextos discursivos condicionantes da ordenação de orações adverbiais temporais, busca as motivações que regem a ordenação com base em dois princípios: o princípio icônico da ordem sequencial e o princípio do dinamismo comunicativo. A partir de 479 amostras provenientes do banco de Dados do Projeto VARSUL, sobre sua distribuição, encontrou 80% de anteposição da oração adverbial, o que mostra que essa ordem é a preferida para codificar a relação de temporalidade em enunciados orais.

Em síntese, segundo a autora, o lugar natural da oração adverbial temporal na fala é a anteposição, estando esta ordem correlacionada fortemente com sequencialidade de ações, escopo temático, ruptura temática e informação familiar. Os casos, com baixa frequência, de posposição o contexto preferencial é de cotemporalidade de ações, escopo semântico, ausência de ruptura temática e informação não-familiar.

Braga (1997), ao analisar a posição das orações de tempo no discurso oral, mostra que a anteposição constitui a ordem neutra. As ocorrências de posposição são mais raras e as de intercalação praticamente inexistentes. Segundo a autora, é provável que a anteposição requeira maior ancoragem temporal, já a posposição uma delimitação mais precisa da asserção codificada pela oração núcleo.

Em suma, esta pesquisa apoiar-se-á nos estudos acima para a análise da ordenação das orações adverbiais temporais, com valor de futuro, nas variedades do português.

2.6 A coerência referencial

A aparição do sujeito explícito (ou não explícito) nas orações adverbiais temporais, com valor de futuro, e sua retomada/correferencialidade (ou não retomada/não-correferencialidade) na oração núcleo podem trazer implicações para sua leitura. Nesse sentido, esta pesquisa se apoia na concepção de Givón (2001) a respeito da coerência referencial, que diz respeito à continuidade ou recorrência de elementos em porções do discurso.

De acordo com o autor, na articulação das orações adverbiais e suas respectivas nucleares, a posição em que os elementos referentes aparecem revela aspectos da coerência referencial que delas emerge. O autor pontua que: as orações adverbiais pospostas teriam uma conectividade mais estrita às suas nucleares, apresentando sujeito correferencial. Isso apontaria, sintaticamente, para um maior grau de integração entre as orações. Já as adverbiais antepostas,

voltando-se a cadeias, parágrafos ou episódios antecedentes, teriam um escopo mais amplo, e difuso, não restrito à sua nuclear.

Como decorrência, segundo Givón (2001) as orações pospostas são distribuídas em contexto de alta continuidade temática, refletindo coerência mais local, e as antepostas, em contexto de alta descontinuidade temática, apontando para maior coerência global. O autor não menciona as estruturas intercaladas.

Desse modo, com os devidos ajustes, objetiva-se aplicar as concepções de Givón (2001) à análise da coerência referencial, levando em consideração também o critério de ordenação das orações adverbiais temporais, uma vez que se acredita que o processamento linguístico advém da relação dos distintos domínios aos quais ela é submetida.

2.7 A correlação modo-temporal nas orações adverbiais

Segundo Neves (2008), a respeito da complexidade lógico-semântico-pragmática de um enunciado, afirma:

[...]se traduz numa configuração sintática que entra a serviço de sua expressão em cadeia linguística. O processo sintático, afinal, é o responsável pelo enunciado efetivo, dando conta materialmente das relações lógico-semânticas providas pelos processos cognitivos e decididas na escolha pragmática das relações interacionais (enciclopédico-situacionais). (NEVES, 2008, p. 28)

Em direção à reflexão de Neves (2008), pretende-se analisar as formas verbais que podem ocorrer nas orações adverbiais temporais iniciadas pela conjunção *quando*, levando em consideração o fato de que suas realizações morfológicas e sintáticas podem ser motivadas pelos processos cognitivos e decididos na escolha pragmática das relações interacionais.

Logo, apesar de acreditar que as orações adverbiais podem ser formalmente descritas em relação aos tempos e modos verbais que nelas surjam, esta pesquisa apoiar-se-á na ideia de que a correlação modo-temporal que figura na construção adverbial temporal não está relacionada unicamente à sua expressão formal, mas também, como apontado anteriormente, a uma escolha morfológica-sintática-semântica-pragmática, revelando, assim, diferentes graus de factualidade e pressuposição que a relação temporal pode assumir.

A abordagem teórica aqui adotada busca, portanto, construir um modelo de análise para as orações adverbiais temporais com *quando* e realizadas pelo futuro do subjuntivo, a fim de observar como falantes e ouvintes têm sucesso na comunicação uns com os outros por meio do uso de expressões linguísticas. E é nesse sentido que a Gramática Discursivo Funcional contribuirá para o entendimento da relação temporal, com valor de futuro, objeto foco desta

pesquisa, uma vez que o modelo *top-down* propõe que as regras que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões linguísticas são usadas (pragmática) condicionam a constituição das expressões linguísticas (regras semânticas, sintáticas e morfológicas).

A escolha pela teoria da Gramática Discursivo Funcional, então, coaduna-se à escolha aqui feita pela teoria de Hengeveld (1998), base teórico-metodológica para esta pesquisa, uma vez que este, ao estabelecer parâmetros semânticos internos de análise das orações adverbiais, se propõe a investigar as expressões linguísticas não por elas mesmas, mas sim para a compreensão de como a interação verbal constrói modelos linguístico-pragmáticos para o uso da língua. Nessa esteira, esta pesquisa também objetiva observar os fatores semânticos internos das orações adverbiais temporais, com valor de futuro, para a *posteriori*, poder descrevê-los e chegar a um modelo de expressão linguístico-pragmático, de acordo com os princípios da Gramática Discursivo Funcional.

Logo, na seção de análise dos dados, ver-se-á como os parâmetros descritos por Hengeveld (1998), de forma articulada à correlação modo-temporal, contribuem para interação/construção das orações adverbiais temporais. Na sequência, então, será exposta a metodologia deste trabalho.

3. METODOLOGIA DO TRABALHO

Tendo em vista que a expressão de tempo em orações subordinadas adverbiais, no português brasileiro, pode vir expressa por diferentes conectivos, como *assim que*, *desde que*, *logo que*, *depois que*, *antes que*, *sempre que* entre outros, escolheu-se para esta pesquisa o conectivo *quando*, pois, de acordo com Braga (1999) no português falado culto do Brasil predominam, nas orações temporais, as conjunções complexas *quando* (em 97,5% dos casos).

Em face dos pressupostos teóricos discutidos nas seções que constituem a fundamentação teórica desta pesquisa, toma-se aqui como orientação metodológica um viés não só quantitativo como também qualitativo, tendo como base dados reais do português brasileiro contemporâneo. Pretende-se levantar as propriedades funcionais (em termos de unidades pragmáticas e semânticas) e formais (em termos de unidades morfossintáticas) arroladas pelo uso da conjunção complexa *quando* realizada pelo futuro do subjuntivo. A GDF sustenta tal recorte, uma vez que sua abordagem se preocupa com fenômenos linguísticos formalmente codificados nas línguas, independente de sua produtividade no sistema linguístico e, portanto, seria adequada uma análise qualitativa centrada em parâmetros de natureza pragmática, semântica e morfossintática.

Nas seções posteriores, a partir dessa descrição, as orações foco desta dissertação serão analisadas à luz dos parâmetros de análise para orações adverbiais temporais, de acordo com Hengeveld (1998), observando-se as implicações do estudo dessas orações para o desenvolvimento dessa teoria.

Para tanto, os dados que farão parte do corpus desta pesquisa serão coletados em corpora disponível online, o Corpus do Português, a ser descrito na próxima subseção.

3.1 Da Natureza do Corpus

As ocorrências para a análise serão coletadas no banco de dados do *Corpus do Português*³². O *Corpus* do Português conta com quatro abas de pesquisas dos *corpora*: Género/Histórico, Web/Dialetos, NOW e WordAndPhrase.

Como esta pesquisa é de base sincrônica, a aba escolhida, em que se realizou a busca, foi a NOW (*News on the Web*). A aba NOW é a interface mais recente do Córpus do Português (agosto de 2018) e está constituída por mais de 1,1 bilhão de palavras das distintas variedades

32 Cujo link de acesso é: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, Acessado em: 13 set. 2022.

do português (Brasileira, Europeia, Africana). As palavras desse cópús são oriundas de revistas e jornais digitais.

Este cópús permite buscas por estruturas complexas em um universo de 1,1 bilhão de palavras espalhadas por quatro países de língua portuguesa. Para este trabalho, especificamente, considerar-se-ão apenas dados que vão de 2012 a 2019, contemplando as quatro variedades do português, a saber: brasileira, portuguesa, angolana e moçambicana. Como demonstrado na figura 6.

Figura 6– O corpus do português

Go to portal for the Corpus do Português

| Corpus | Description |
|-----------------------|---|
| Historical / Genres | 45 million words, 1300s-1900s. For the 1900s, divided evenly among spoken, fiction, newspaper, and academic Note: infinitives + clitic (e.g. <i>fazê-lo</i>), -ndo forms + clitic (e.g. <i>fazendo-o</i>), and words like <i>da</i> , <i>nesta</i> are all one word each |
| Web / Dialects | One billion words in web pages from four Portuguese-speaking countries. Note: infinitives + clitic (e.g. <i>fazer lo</i>), -ndo forms + clitic (e.g. <i>fazendo</i>), and words like <i>da</i> , <i>nesta</i> are all two words each |
| NOW (News on the Web) | 1.1 billion words, 4 countries, 2012-2019. Note: infinitives + clitic (e.g. <i>fazer lo</i>), -ndo forms + clitic (e.g. <i>fazendo</i>), and words like <i>da</i> , <i>nesta</i> are all two words each |

Fonte: *Print* do site: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

Considerando o universo de cerca de um bilhão de palavras presentes no cópús escolhido, e a variabilidade de contextos contemplados nele, cabe ressaltar que apenas as orações temporais plenamente desenvolvidas e ligadas a uma oração núcleo serão consideradas. Ficam excluídas também as orações com leitura ambígua, tais como as orações condicionais que permitem leitura condicional e/ou temporal.

3.2 Da Coleta de Dados e Critérios de Análise

A fim de não ampliar demasiadamente o escopo de análise desta pesquisa, escolheu-se aqui, por razão, então, quantitativa, delimitar – dentro do que a literatura classifica como orações subordinadas adverbiais temporais – somente as introduzidas pela conjunção *quando* e realizadas por futuro do subjuntivo. Haja vista a leitura de gramáticas tradicionais e descritivas sobre o fenômeno ilustrar uma tipologia de oração ([Quando + futuro do subjuntivo], [oração núcleo]) resolveu-se, portanto, estabelecer um padrão para elas, com o objetivo de, *a posteriori*, descrevê-las, a partir dos parâmetros semânticos para orações adverbiais temporais já aqui estabelecidos na seção primeira desta pesquisa.

Elege-se, portanto, a estrutura ilustrada abaixo para ser a base de busca, pois é a estrutura básica encontrada nos materiais de estudo para esta pesquisa; a partir dela outras ocorrências

correlatas poderão surgir, no banco de dados a ser utilizado, e que será descrito na próxima subseção:

*Oração Temporal (OT) = Quando (conjunção temporal) + [pronome sujeito explícito] + [futuro do subjuntivo], * que representa uma lacuna que pode ser preenchida por qualquer termo*³³.

Na figura 7 são expostas as bases sintáticas as quais servirão de busca para o *corpus* foco dessa análise.

Figura 7– fórmulas de busca de ocorrências

| | |
|--|---|
| <p>i) quando _ps% _vsf% *²⁹</p> | <p>- as de terceira ordem, segundo o parâmetro do tipo de entidade, de acordo com Hengeveld (1998);</p> |
| <p>ii) achar que quando _ps% _vsf% * crer que quando _ps% _vsf% * pensar que quando _ps% _vsf% * acreditar que quando _ps% _vsf% * imaginar que quando _ps% _vsf% *³⁰</p> | <p>- as de segunda ordem, segundo o parâmetro do tipo de entidade, de acordo com Hengeveld (1998);</p> |

Fonte: autoria própria

A fórmula representada no item (i) corresponde ao tipo de oração introduzida pela conjunção temporal *quando*, marcada por um sujeito explícito e futuro do subjuntivo, já o (*) representa uma lacuna que pode ser preenchida por qualquer termo na oração núcleo.

As fórmulas representadas no item (ii) correspondem a orações realizadas por estruturas modais (*achar que, crer que, pensar que, acreditar que, imaginar que*), marcadas por um sujeito explícito e futuro do subjuntivo, enquanto que o (*) representa uma lacuna que pode ser preenchida por qualquer termo na oração núcleo.

As orações em (ii) representam um Conteúdo Proposicional, que poder ser avaliado em termos de verdade; já as em (i) denotam um estado de coisa, que pode ser avaliado em termos de realidade.

Para a GDF, a fórmula representada no item (i) se refere a um conteúdo proposicional – configura-se como uma entidade de terceira ordem. Por ser um construto mental, não pode ser localizado no espaço nem no tempo, mas pode ser avaliado em termos de sua verdade e qualificado em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença). Já as orações

³³ Fórmula de busca das ocorrências a serem analisadas.

representadas no item (ii) configuram-se como estado de coisas, denotando uma entidade de segunda ordem e, como tal, pode ser localizado no tempo relativo e avaliado em termos de seu estatuto de realidade. Assim, estados de coisas se distinguem de conteúdos proposicionais unicamente por seu traço temporal.

Segundo Hengeveld (1998), as orações adverbiais devem ser analisadas sob o ponto de vista de sua estrutura semântica interna e, desse modo, o autor propõe que se considerem quatro parâmetros de análise a fim de identificar as relações estabelecidas entre a oração nuclear e a adverbial, são eles: tipo de entidade, factualidade, pressuposição e dependência temporal. Assim como na GDF, para Hengeveld (1998), quanto ao tipo de entidade, as de segunda ordem representam um estado de coisas, que pode ser avaliado em termos de realidade; as de terceira ordem descrevem um conteúdo proposicional, que pode ser avaliado em termos de verdade. A respeito da factualidade, são factuais (ou não factuais) estados de coisas reais (ou não reais) e conteúdos proposicionais verdadeiros (ou não verdadeiros). O modo como o falante elabora o conteúdo de sua mensagem diz respeito à noção de pressuposição; se o falante pressupõe que o conteúdo é de conhecimento do ouvinte, então, é pressuposto (real/verdadeiro) ou não pressuposto (não-real/não-verdadeiro) para o ouvinte. Em relação à referência temporal, analisa-se se a referência temporal é dependente entre a adverbial e a oração núcleo ou se se realiza com referência temporal independente.

Para o tratamento quantitativo, os dados serão processados no programa *excel*³⁴, divididos e enumerados em colunas correlatas quanto às suas afinidades semânticas e sintáticas, observando-se, também, as restrições por eles apresentadas.

A análise quantitativa consiste em analisar cada um dos aspectos descritos na subseção 4.2 em relação ao sentido expresso pela oração temporal. Serão considerados, assim, os seguintes aspectos:

- Tipo de entidade;
- Referência temporal;
- Factualidade;
- Pressuposição;
- Ordem;
- Coerência referencial;

³⁴ Utilizou-se neste trabalho o *excel* como ferramenta de divisão e enumeração dos dados por ser uma ferramenta que possibilita, de maneira mais fácil, quantificar os dados em colunas e analisá-los, uma vez que o *Corpus do Português* não traz os dados tabelados. Os dados foram retirados da plataforma *Córpus* do Português, inseridos em tabelas e analisados manualmente.

- Tempo-modo da oração temporal;
- Tempo-modo da oração núcleo.

Esta pesquisa, portanto, não se limita só e somente só a levantar o quantitativo de ocorrências como as descritas anteriormente, mas sim, analisá-las qualitativamente mostrando a importância de investigar os fenômenos da língua em toda sua complexidade e em contexto natural. Busca-se analisar, a partir dos enunciados encontrados, o que a produção de falantes do português brasileiro revela, de um ponto de vista sincrônico da língua, no que tange a aspectos sintáticos e semânticos da expressão em estudo.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista os pressupostos teóricos que fundamentam esta dissertação explicitados no capítulo primeiro, nesta seção, analisam-se as orações adverbiais temporais com foco nas introduzidas por *quando* e realizadas por futuro do subjuntivo, com a finalidade de caracterizar sua estrutura semântica interna a partir dos parâmetros estabelecidos por Hengeveld (1998), com base em dados reais de quatro variedades contemporâneas do português, a saber: brasileira, angolana, moçambicana e português europeu. Além disso, a partir dessa descrição, as estruturas adverbiais temporais encontradas serão submetidas à análise segundo os princípios da Gramática Discursivo-Funcional, observando-se as implicações dessa teoria para o entendimento das orações adverbiais temporais.

4.1. A conjunção *Quando* realizada com o Futuro do Subjuntivo no Português

No que tange à construção adverbial temporal expressa pelo futuro do subjuntivo, tem-se 1.003³⁵ ocorrências encontradas as quais servirão de base para esta análise. Apesar de não ser um quantitativo tão expressivo, opta-se, nesta pesquisa, pela abordagem das construções realizadas pelo futuro do subjuntivo, pois, como visto ao longo desta dissertação, o tratamento dado a ela ainda carece de uma visão de sua estrutura semântica interna nos estudos descritivos do português.

4.2.5 A estrutura formal

Nesta subseção, analisar-se-ão três aspectos formais das orações adverbiais temporais com valor de futuro, a saber: a coerência referencial, a correlação modo-temporal entre a oração temporal e a núcleo, e a ordem em que as orações adverbiais temporais ocorrem.

4.2.5.2 A correlação modo-temporal nas orações adverbiais temporais

Nas ocorrências analisadas, em todas as orações temporais encontrou-se o tempo-modo do futuro subjuntivo. Já, na oração núcleo figuram outros tempos-modos, como: futuro do indicativo, futuro perifrástico, presente do indicativo e imperativo. A tabela 6 traz o quantitativo referente aos tempos e modos expressos nas orações núcleo em relação à temporal.

³⁵ Importante salientar que, além das 998 ocorrências, as quais se referem a orações de terceira ordem, de acordo com o parâmetro da entidade, Hengeveld (1998), também foram analisadas outras cinco orações encontradas correspondentes a orações de segunda ordem. Logo, o total de ocorrências analisadas foi de 1003 ocorrências. Na subseção (4.2.1.) abordar-se-á as ocorrências de terceira ordem.

Tabela 1– Correlação modo-temporal entre a oração temporal e a núcleo

| T-M 36na oração temporal | Frequência | T-M na oração núcleo | Frequência | Porcentagem (%) |
|---------------------------------|-------------------|-----------------------------|-------------------|------------------------|
| Futuro do subjuntivo | 1003 | Presente do indicativo | 396 | 39,48% |
| | | Futuro perifrástico | 248 | 24,72% |
| | | Imperativo afirmativo | 168 | 16,74% |
| | | Futuro do indicativo | 99 | 9,87% |
| | | Pretérito indefinido | 19 | 1,89% |
| | | Infinitivo | 18 | 1,79% |
| | | Presente do subjuntivo | 17 | 1,69% |
| | | Imperativo negativo | 16 | 1,59% |
| | | Futuro do pretérito | 12 | 1,19% |
| | | Pretérito perfeito | 10 | 0,99% |
| Total: 1003 | | | 100% | |

Fonte: Dos autores

A frequência mostrada na tabela 6, referente à correlação modo-temporal entre as orações temporal e núcleo, evidencia que, diferentemente do arquétipo trazido pelos manuais de referência, o encaixamento entre essas orações pode ocorrer a partir da realização da expressão de outros tempos e modos, que não, exclusivamente, entre futuro do subjuntivo (na temporal) e futuro do indicativo (na núcleo).

À primeira análise essa inferência é relevante, pois se mostra divergente da concepção de Perini (1978), por exemplo, que diz que a correlação entre as orações temporal e núcleo deve, obrigatoriamente, ser correlata. Por outro lado, os dados da tabela acima fazem coro à análise de Marques (2010), ao dizer que o futuro do subjuntivo pode ocorrer em orações independentes e nem sempre estabelecer concordância de tempo entre a matriz e a encaixada.

Na sequência, exemplifica-se, respectivamente, cada uma das correlações modo-temporais que figuram nas construções temporais analisadas nesta pesquisa.

³⁶ Na tabela, T-M é a abreviação para tempo-modo.

- (1) Quando soube da morte da filha, Luiz Carlos, que até então ainda recorria do processo, se apresentou como familiar do bebê. " No último telefonema de Eliza, ela dizia que tinha uma coisa pra me contar e eu sempre brincava: ' Ó tá chegando meu neto!'. Ela dizia: ' Mãe, **quando eu tiver um filho, eu mato e morro, mas não deixo meu filho pra trás**'. Isso toda vida ela falou. Então, quando a Eliza sumiu, eu tinha certeza que ela estava morta." BR (17-04-03)
- (2) O senhor teria concedido os embargos infringentes a os réus? # Fiquei impressionado com os argumentos do ministro Celso de Melo, compatíveis com o amplo direito à defesa, que a Constituição assegura. Ele deu uma aula. Hoje são uns que estão na pauta, amanhã poderão ser outros. Eu não teria objeção aos embargos infringentes. # O senhor publicou recentemente Anônima Intimidade, um livro de poemas. Continua escrevendo poesia? # Rabisco. Um amigo me disse que tenho jeito muito cerimonioso, muito metálico e isso humaniza minha figura (risos). **Quando eu puder, vou escrever uma ficção**. Para vocês que cobrem Política eu recomendo Sexo na Casa Branca. Parece livro pornográfico, mas não é. Mostra a influência das esposas e de amantes na política americana, desde Thomas Jefferson. BR_9625805 (13-09-29)
- (3) Aos jornalistas o arcebispo de 50 anos e de origem polaca, que acompanhou o Papa João Paulo II nos últimos anos do seu pontificado. # E, para ser mais claro, dá o exemplo de um cardeal, não identificado, que, há alguns anos, se ufanava de dar todos os dias dois euros a um pedinte de uma rua próxima do Vaticano. # "Disse-lhe, Eminência, isso não é dar uma esmola. Talvez consiga dormir à noite, mas para dar uma esmola tem de lhe custar. Dois euros não é nada para si. Pegue em essa pobre pessoa, leve-o para o seu apartamento de três casas de banho, deixe-o tomar um banho - e a sua casa-de-banho irá ficar a cheirar mal por três dias - e **quando ele estiver no duche faça-lhe café e sirva-lho e dê-lhe talvez uma camisola sua**. PT (13-11-29)
- (4) O game se chamará " Carmageddon: Reincarnation " e os jogadores podem ajudar a empresa com o financiamento do game por meio do Kickstarter. **As doações a partir de US\$ 15 ganharão o jogo por meio de download quando ele for lançado**.
- (5) O valor investido na construção da linha 17-ouro chega por enquanto a R\$ 1, 67 bilhão -de um total que é estimado em R\$ 3, 58 bilhões. # **O prejuízo para a operação de esse monotrilha quando ele estiver pronto foi informado**

pelo Metrô ao TCE após pedido de explicações sobre a junção das linhas 5 e 17 em um mesmo pacote de concessão.

- (6) As recomendações são: fechar torneira ao lavar a louça, escovar os dentes e fazer a barba; tomar banhos rápidos; **só usar a máquina quando ela estiver com sua capacidade máxima de roupas sujas.** A Casan pede que as pessoas não lavem pátios, casas, calçadas, carros e vias com mangueira e só molhem plantas com o uso de regador. BR (18-05-25)
- (7) **É um cuidado com esse jogador para que quando ele vier, ele possa estar inteiro e nos ajudar com sua qualidade** ", disse o técnico Eduardo Baptista, que montará um meio-campo com a volta de Matheus Rossetto e a permanência de Lucho González. BR (17-06-10)
- (8) Em entrevista ao jornalista Mauricio Stycer, de o UOL, Datena explicitou suas dúvidas sobre o lançamento da candidatura. " **Em política, quando você estiver em dúvida sobre o que fazer, não faça nada.**
- (9) **A ONG PETA**, que luta pelos direitos dos animais, também **saiu** em repúdio às imagens e **pediu que os espectadores boicotem a filme quando ele estiver em cartaz.** BR (17-01-19)
- (10) **Eu não gostaria que amanhã, quando eu tiver um filho, ele tenha você como exemplo** ", escreveu Martin em uma de elas. BR (13-05-10)

A partir da tabela 6, pode-se observar que as correlações com referência no presente do indicativo são mais frequentes, uma vez que de 1003 ocorrências analisadas, 39,48% são apresentadas com correlação modo-temporal fazendo referência ao presente. Isso pode indicar que as diferentes correlações modo-temporais codificam variações no grau de futuridade e factualidade. Nesse sentido, quanto mais a referência modo-temporal entre as orações, temporal e núcleo, for independente mais próximo à factualidade ela estará; quanto mais dependente for a correlação modo-temporal entre elas, menor será seu grau de factualidade.

Outra análise que se pode fazer, a partir das orações adverbiais temporais encontradas, diz respeito à expressiva aparição, como ilustrado na figura 8, do verbo 'estar' no futuro do subjuntivo 'estiver' na oração temporal:

Figura 8–Os verbos expressos nas orações temporais

ON CLICK: [CONTEXT](#) [TRANSLATE \(77\)](#) [ENTIRE PAGE](#) [GOOGLE](#) [IMAGE](#) [PRON/VIDEO](#) [BOOK](#) [HELP](#)

| HELP | ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500 | FREQ | TOTAL 3,231 UNIQUE 1,723 + |
|------|---------------------------------|------|------------------------------|
| 1 | QUANDO VOCÊ ESTIVER EM | 61 | |
| 2 | QUANDO ELE ESTIVER EM | 59 | |
| 3 | QUANDO EU TIVER UM | 30 | |
| 4 | QUANDO ELA ESTIVER EM | 28 | |
| 5 | QUANDO ELE ESTIVER PRONTO | 23 | |
| 6 | QUANDO EU QUISER, | 22 | |
| 7 | QUANDO EU ESTIVER EM | 21 | |
| 8 | QUANDO ELE FOR LANÇADO | 19 | |
| 9 | QUANDO VOCÊ ESTIVER COM | 19 | |
| 10 | QUANDO VOCÊ QUISER, | 19 | |
| 11 | QUANDO ELE QUISER, | 18 | |
| 12 | QUANDO ELES ESTIVEREM EM | 17 | |
| 13 | QUANDO ELA ESTIVER COM | 15 | |
| 14 | QUANDO ELA ESTIVER PRONTA | 15 | |
| 15 | QUANDO EU TIVER A | 15 | |
| 16 | QUANDO ELE TIVER A | 13 | |
| 17 | QUANDO EU FOR PARA | 13 | |
| 18 | QUANDO VOCÊ ESTIVER FAZENDO | 12 | |
| 19 | QUANDO EU PUDEIR, | 11 | |
| 20 | QUANDO EU QUISER, | 11 | |
| 21 | QUANDO EU TIVER QUE | 11 | |
| 22 | QUANDO EU TIVER UMA | 11 | |
| 23 | QUANDO VOCÊ ESTIVER SEM | 11 | |
| 24 | QUANDO VOCÊ TIVER QUE | 11 | |
| 25 | QUANDO VOCÊ TIVER UM | 11 | |
| 26 | QUANDO ELA ESTIVER MAIS | 10 | |
| 27 | QUANDO ELA ESTIVER BEM | 10 | |
| 28 | QUANDO ELAS ESTIVEREM EM | 10 | |
| 29 | QUANDO ELE ESTIVER BEM | 10 | |
| 30 | QUANDO ELE ESTIVER DISPONÍVEL | 10 | |
| 31 | QUANDO ELE FOR PARA | 10 | |
| 32 | QUANDO EU ESTIVER DE | 10 | |
| 33 | QUANDO EU QUISER " | 10 | |
| 34 | QUANDO VOCÊ ESTIVER PRONTO | 10 | |
| 35 | QUANDO VOCÊ TIVER UMA | 10 | |
| 36 | QUANDO ELA ESTIVER DISPONÍVEL | 9 | |
| 37 | QUANDO ELE QUISER, | 9 | |
| 38 | QUANDO EU ESTIVER COM | 9 | |
| 39 | QUANDO EU FOR GRANDE | 9 | |
| 40 | QUANDO ELE ESTIVER COM | 8 | |
| 41 | QUANDO ELÉ VIER, | 8 | |
| 42 | QUANDO EU FIZER UM | 8 | |
| 43 | QUANDO EU PUDEIR, | 8 | |
| 44 | QUANDO VOCÊ FOR FAZER | 8 | |
| 45 | QUANDO VOCÊ TIVER A | 8 | |
| 46 | QUANDO ELA ESTIVER PARA | 7 | |

| | | | | | |
|-----|---|---|------------------------------------|---|----------|
| 47 | 3 | ★ | QUANDO ELA FOR MAIS | 7 | ████████ |
| 48 | 3 | ★ | QUANDO ELA VER A | 7 | ████████ |
| 49 | 3 | ★ | QUANDO ELE FOR EMBORA | 7 | ████████ |
| 50 | 3 | ★ | QUANDO ELE FOR PRESO | 7 | ████████ |
| 51 | 3 | ★ | QUANDO EU FOR ELEITO | 7 | ████████ |
| 52 | 3 | ★ | QUANDO EU FOR MAIS | 7 | ████████ |
| 53 | 3 | ★ | QUANDO EU FOR PRIMEIRO-MINISTRO | 7 | ████████ |
| 54 | 3 | ★ | QUANDO VOCÊ QUISER | 7 | ████████ |
| 55 | 3 | ★ | QUANDO ELA FOR LANÇADA | 6 | ████████ |
| 56 | 3 | ★ | QUANDO ELA TIVER UMA | 6 | ████████ |
| 57 | 3 | ★ | QUANDO ELE ESTIVER DE | 6 | ████████ |
| 58 | 3 | ★ | QUANDO ELE ESTIVER MELHOR | 6 | ████████ |
| 59 | 3 | ★ | QUANDO ELE FOR A | 6 | ████████ |
| 60 | 3 | ★ | QUANDO ELE FOR ELEITO | 6 | ████████ |
| 61 | 3 | ★ | QUANDO ELE FOR MAIS | 6 | ████████ |
| 62 | 3 | ★ | QUANDO ELE FOR SOLTTO | 6 | ████████ |
| 63 | 3 | ★ | QUANDO ELE QUISER * | 6 | ████████ |
| 64 | 3 | ★ | QUANDO ELE SOUBER QUE | 6 | ████████ |
| 65 | 3 | ★ | QUANDO ELE TIVER COM | 6 | ████████ |
| 66 | 3 | ★ | QUANDO ELE TIVER CORAGEM | 6 | ████████ |
| 67 | 3 | ★ | QUANDO ELE TIVER UM | 6 | ████████ |
| 68 | 3 | ★ | QUANDO EU DISSER QUE | 6 | ████████ |
| 69 | 3 | ★ | QUANDO EU ESTIVER A | 6 | ████████ |
| 70 | 3 | ★ | QUANDO EU FOR A | 6 | ████████ |
| 71 | 3 | ★ | QUANDO EU FOR EMBORA | 6 | ████████ |
| 72 | 3 | ★ | QUANDO EU SOUBER QUE | 6 | ████████ |
| 73 | 3 | ★ | QUANDO EU TIVER COM | 6 | ████████ |
| 74 | 3 | ★ | QUANDO EU TIVER O | 6 | ████████ |
| 75 | 3 | ★ | QUANDO VOCÊ ESTIVER A | 6 | ████████ |
| 76 | 3 | ★ | QUANDO VOCÊ ESTIVER ESTUDANDO | 6 | ████████ |
| 77 | 3 | ★ | QUANDO VOCÊ ESTIVER FORA | 6 | ████████ |
| 78 | 3 | ★ | QUANDO VOCÊ ESTIVER VIAJANDO | 6 | ████████ |
| 79 | 3 | ★ | QUANDO VOCÊ FOR A | 6 | ████████ |
| 80 | 3 | ★ | QUANDO ELA ESTIVER QUASE | 5 | ████████ |
| 81 | 3 | ★ | QUANDO ELA ESTIVER LÁ | 5 | ████████ |
| 82 | 3 | ★ | QUANDO ELA FOR EMBORA | 5 | ████████ |
| 83 | 3 | ★ | QUANDO ELA QUISER | 5 | ████████ |
| 84 | 3 | ★ | QUANDO ELA TIVER ALTA | 5 | ████████ |
| 85 | 3 | ★ | QUANDO ELE DISSER QUE | 5 | ████████ |
| 86 | 3 | ★ | QUANDO ELE ESTIVER COMPROVADAMENTE | 5 | ████████ |
| 87 | 3 | ★ | QUANDO ELE ESTIVER MAIS | 5 | ████████ |
| 88 | 3 | ★ | QUANDO ELE ESTIVER PRESTES | 5 | ████████ |
| 89 | 3 | ★ | QUANDO ELE FIZER O | 5 | ████████ |
| 90 | 3 | ★ | QUANDO ELE QUISER E | 5 | ████████ |
| 91 | 3 | ★ | QUANDO ELE TIVER ALTA | 5 | ████████ |
| 92 | 3 | ★ | QUANDO ELE TIVER QUE | 5 | ████████ |
| 93 | 3 | ★ | QUANDO ELES ESTIVEREM DISPONÍVEIS | 5 | ████████ |
| 94 | 3 | ★ | QUANDO ELES FOREM PARA | 5 | ████████ |
| 95 | 3 | ★ | QUANDO EU FOR PRESIDENTE | 5 | ████████ |
| 96 | 3 | ★ | QUANDO EU TIVER DINHEIRO | 5 | ████████ |
| 97 | 3 | ★ | QUANDO EU TIVER EM | 5 | ████████ |
| 98 | 3 | ★ | QUANDO EU TIVER MAIS | 5 | ████████ |
| 99 | 3 | ★ | QUANDO VOCÊ ESTIVER CONECTADO | 5 | ████████ |
| 100 | 3 | ★ | QUANDO VOCÊ ESTIVER LENDO | 5 | ████████ |

Fonte: Print do site: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

Observa-se que, 466 das orações temporais, isto é, um total que corresponde a 46,46% das orações analisadas (levando em consideração as 1003 ocorrências encontradas e analisadas), são realizadas – na oração temporal - pelo verbo ‘estar’, em forma plena, em futuro do subjuntivo. Essa alta frequência do verbo ‘estar’ pode demonstrar a sua produtividade em orações adverbiais com valor de futuro. De acordo com a classificação sintático-semântica dos verbos feita por Neves (2011), o verbo ‘estar’ representa um verbo estativo (ou de estado), ou seja, ele descreve um estado-de-coisas ou uma situação não dinâmica. Chafe (1979), bem como Neves (2011), subdivide os verbos em: verbos de ação, processo, ação-processo e estado. Dik

(1989) diz que o estado-de-coisa pode descrever um evento ou uma situação, a dinamicidade está para o evento e o caráter estativo do verbo está para a situação.

Nesse sentido, o estatuto de um verbo estativo é atribuir ao sujeito oracional um estado, uma qualidade ou uma condição. No que diz respeito às características semânticas de um verbo de estado, estão, para a sua leitura, duas outras características internas: mais duratividade e menos dinamicidade.

Sob a leitura dos conceitos de telicidade e não-telicidade, o verbo ‘estar’ se encaixa à leitura de não-telicidade, que diz sobre a dimensão qualitativa do aspecto gramatical. Verbos de não-telicidade são os que denotam uma ação não-acabada, ou, imperfectiva, em contraposição aos verbos télicos, que são aqueles cujas ações são acabadas e perfectivas.

Portanto, em considerando a expressiva aparição do verbo ‘estar’ nas orações adverbiais temporais encontradas, pode-se inferir que a preferência por esse verbo, na oração temporal, pode estar relacionada, em primeiro lugar, a uma questão temporal, isto é, a localização de um estado-de-coisas - por parte do falante - a um momento posterior ao momento da enunciação; e, em segundo lugar, a uma leitura aspectual do verbo, à condição de não-telicidade do verbo ‘estar’ em futuro do subjuntivo, ou seja, lança-se, a um futuro não concreto, durativo, longínquo. Isto pode estar relacionado ao fato de que, ainda, muitos manuais de referência analisem as orações adverbiais temporais, com valor de futuro, como sendo orações eventuais ou factuais, não levando em análise o aspecto da duratividade do verbo encabeçado pela oração temporal. A duratividade verbal pode indicar a instância temporal do ponto de culminância atingido (ou a ser atingido) pela realização da situação. No caso do verbo ‘estar’ como ele é menos dinâmico, sua instância temporal é mais durativa, quando aparece em futuro do subjuntivo.

4.2.5.3 A ordem nas orações adverbiais temporais

A análise da ordem das orações adverbiais temporais considerou as posições antepostas (ATP), intercalada (INT) e pospostas (PPT). A tabela 7 traz os resultados da análise quantitativa do posicionamento da oração adverbial temporal. Foram analisadas 1.003 ocorrências, as quais se organizam do seguinte modo:

Tabela 2– Ordem nas orações adverbiais temporais

| Anteposta (ATP) | Intercalada (INT) | Posposta (PPT) | Total |
|------------------------|--------------------------|-----------------------|--------------|
| 415 | 83 | 505 | 1.003 |
| 41,35% | 8,27% | 50,34% | 100% |

Fonte: Dos autores

Como se observa na tabela 7, as orações adverbiais analisadas se realizam, preferencialmente, em relação à oração núcleo, pospostas a estas. Na sequência, estarão ilustrados dois exemplos que evidenciam a anteposição (frequência intermediária 41,35%) da oração temporal à núcleo:

- (11) **Quando você tiver um compromisso no dia seguinte, planeje-se para dormir pelo menos 8 horas e repousar bastante, pois quanto menor for a quantidade de horas de sono, maiores serão as chances de perder a hora quando o despertador tocar.** 2 – Acorde com antecedência # Não deixe para acordar em cima da hora: calcule o tempo que será necessário para que você se vista, tome café da manhã e chegue ao seu trabalho sem correrias ou estresses.
- (12) **Quando você estiver na tela que deseja capturar, basta dizer " OK Google, tire uma captura de tela " e isso será obrigatório, salvando uma imagem da tela abaixo da interface do Assistente.** Mas, se você quiser capturar a tela do assistente do Google, você precisará usar os botões de hardware. White Papers # Empreendimentos realmente transformadores demandam softwares eficientes e modernos.

Na sequência, os próximos dois exemplos vão ilustrar as orações temporais intercaladas (com baixa 8,17%) a outras orações. Nestes casos, elas vêm intercaladas por vírgulas:

- (13) Para nossa surpresa, fizemos o teste com o Vitor, que é O+, como eu. Deu 99% de compatibilidade ", lembra. " O Vitor é meu segundo pai. Combinamos que, **quando eu tiver um bebê**, ele e minha mãe serão os padrinhos ", anuncia Carla, expressando gratidão. BR (14-08-10)
- (14) Eles combinaram de, **quando ela estiver no Rio**, os dois saírem em uma boa, mas está tudo resolvido. E a Aline também foi convidada, mas ainda não deu retorno. Ela está em a estrada, dirigindo, voltando de Belo Horizonte ", explicou a assessora. BR (15-04-17)

Abaixo, com maior frequência na tabela (50,34%), estão os exemplos ilustrativos da posposição das orações temporais à núcleo; aparentemente posição essa preferida pelas orações temporais:

- (15) " **Eu posso, devo, coloquei e vou colocar aquele tipo de roupa quando eu quiser.** Quem paga as minhas contas sou eu. Não preciso provar nada para ninguém. Tenho um marido que me ama do jeito que eu sou e é com ele que pretendo ficar casada para o resto da vida. É isso que importa. BR (16-01-21)
- (16) **Vou começar a fazer agora, quando eu for para Paris.** Até o projeto do quarto eu deixei para fazer no mês que vem. Quero esperar um pouco, ter mais algumas ideias, pra poder curtir mesmo", acrescentou a Ana. BR (13-09-19)

As ocorrências analisadas (1.003) apresentam-se (em maior quantitativo), em relação à sua ordem, como preferencialmente pospostas no discurso escrito das variedades do português. Ao associar esse dado à proposição de Givón (1995) – segundo o princípio da ordem sequencial, o qual diz que a informação menos acessível e a informação mais importante tendem a ser colocadas primeiro no fluxo discursivo – tem-se que a preferência, no discurso escrito, pela posposição da oração temporal à núcleo indica a continuidade tópica ou temática.

Além da continuidade temática, ainda segundo Givón (1995), a coerência discursiva se caracteriza também por uma série de continuidades, dentre as quais a de referentes e de ação – contexto em que teria lugar a continuidade temática. Nesse âmbito, fala-se em sequencialidade cronológica de ações, isto é, a ordem das orações tende a corresponder à ordem temporal dos eventos descritos. Logo, com base nos dados analisados e à luz da questão da continuidade temática, pode-se notar que a preferência pela posposição pode indicar a concatenação/sequenciação dos estado-de-coisas descritos responsáveis pela continuidade temática.

Segundo os preceitos de Gorski (2000), também analisando o discurso oral, os dados aqui encontrados se contrapõem aos da autora, pois a preferência de ordem para codificar a relação de temporalidade nas adverbiais, em enunciados escritos, é a da posposição. De acordo com a autora, a posposição indica a cotemporalidade de ações, escopo semântico, ausência de ruptura temática e informação não-familiar.

Ao se comparar os dados aqui obtidos à concepção de Braga (1997) nota-se que há uma divergência, pois, para autora, à luz do discurso oral, a ordem neutra é pela anteposição, enquanto para esta pesquisa, no discurso escrito, é a posposição. Portanto, conclui-se que a

posposição, à luz dos estudos de Braga (1997), comparada a este trabalho indica uma delimitação mais precisa da asserção codificada pela oração núcleo.

4.2.5.1 A coerência referencial

Nesta subseção, ver-se-á a correlação entre os referentes – encabeçados por pronomes sujeito – explícitos na oração temporal e sua retomada (ou não retomada) na oração núcleo. Seguindo os princípios de Givón (2001), leva-se aqui à análise da coerência referencial definida como a continuidade ou recorrência de elementos em porções do discurso e suas implicações para a leitura das orações adverbiais temporais com valor de futuro.

Para esta análise, levou-se em consideração os pronomes sujeito explícitos mais recorrentes nas orações temporais investigadas, os quais são: ele, eu, você, ela, eles, elas. A tabela 4 ilustra a distribuição desses pronomes sujeito nas adverbiais temporais:

Tabela 3– Explicitação do pronome sujeito na oração temporal

| Explicitação do pronome sujeito na oração temporal (<i>quando</i> _ps% _vsf%) | | | | | |
|--|-----------|-------------|------------|-------------|-------------|
| <i>Ele</i> | <i>Eu</i> | <i>Você</i> | <i>Ela</i> | <i>Eles</i> | <i>Elas</i> |
| 297 | 292 | 227 | 146 | 27 | 14 |
| 29,61% | 29,11% | 22,63% | 14,55% | 2,69% | 1,39% |
| Nº total de ocorrências: 1003 | | | | | |

Fonte: Dos autores

Observa-se que a explicitação do pronome sujeito ‘ele’ (29,61%) é mais recorrente em relação, por exemplo, à aparição de outros pronomes de terceira pessoa, como ‘ela’, ‘eles’ e ‘elas’. Competem, em nível próximo de recorrência, os pronomes ‘eu’ (29,11%) e ‘ele’ (29,61%). A princípio, pode-se dizer que a preferência na aparição de um sujeito pronome na oração temporal está nas formas, majoritariamente, de terceira e primeira pessoas ‘ele’ e ‘eu’. A forma ‘ele’ como dêitica, expressando pessoa indeterminada ou uma não pessoa ou uma coisa, ao passo que as formas ‘eu’ e ‘você’ apontando para as pessoas do discurso. O uso frequente de ‘ele’ na oração adverbial temporal vai ao encontro de que, em posição de sujeito, esse pronome é preferencialmente usado em português brasileiro.

Na sequência, a tabela (5) ilustra o tipo de correlação estabelecida entre os pronomes sujeito encontrados nas orações temporais e os tipos de referentes encontrados nas orações núcleo. Os pronomes sujeitos já foram explicitados na tabela (4), bem como sua frequência em números, na tabela 5 foram encontrados os seguintes referentes: (i) aparição de outro pronome

sujeito, (ii) aparição do mesmo pronome sujeito, (iii) correferência morfológica (aparição de um pronome sujeito na oração temporal e sua marcação morfológica correlata na oração núcleo) e (iv) um sintagma nominal (composto por nome um próprio ou um substantivo, singular ou plural):

Tabela 4-- Coerência referencial entre a oração temporal e a núcleo

| Pronomes sujeito na oração temporal | Tipos de referentes na oração núcleo | | | | Total de Ocorrências |
|--|--------------------------------------|-----------------------------|------------------------------|---------------------|-------------------------|
| | Outro Pronome Sujeito | Mesmo Pronome Sujeito | Correferência Morfológica | Sintagma Nominal | |
| <i>Ele</i> | 75/25,25% | 55/18,51% | 60/20,20% | 107/36,02% | 297 |
| <i>Eu</i> | 48/16,43% | 61/20,89% | 127/43,49% | 56/19,17% | 292 |
| <i>Você</i> | 54/23,78% | 55/24,22% | 70/30,83% | 48/21,14% | 227 |
| <i>Ela</i> | 44/30,13% | 18/12,32% | 23/15,75% | 61/41,78% | 146 |
| <i>Eles</i> | 6/22,22% | 4/14,81% | 3/11,11% | 14/51,85% | 27 |
| <i>Elas</i> | 4/28,57% | 2/14,28% | 2/14,28% | 6/42,85% | 14 |
| | Total | | | | 1.003 |

Fonte: Dos autores

O que se pode observar é que, o pronome sujeito ‘ele’, quando na oração temporal, existe uma retomada referencial, pois, majoritariamente (36,02%), tal pronome presente (ele) se conecta a um sintagma nominal que o retoma (o carro), a exemplo (17):

- (17) Na reta final da história de Daniel Ortiz, o rapaz tentará fugir e se machucará ao pular do carro da advogada **quando** ele estiver em movimento. BR (16-10-30)

Diferentemente do pronome ‘ele’, o pronome ‘eu’ presente na oração temporal se correlaciona à sua marcação morfológica (nunca vou deixar), com pronome nulo, majoritariamente (43,49%), na oração núcleo, a exemplo (18):

- (18) Às vezes as coisas mudam. Eu também sempre disse que nunca ia tatuar o nome de uma pessoa que não fosse o meu filho, mãe, pai, avó ... e no ano passado tatuei o nome do " Miguel "! Sempre disse à minha irmã "

Ai! **Quando** eu tiver um filho nunca vou deixar que ele faça isso! PT (18-02-08)

Assim como o pronome ‘eu’, o pronome ‘você’ presente na oração temporal se correlaciona, preferencialmente (30,83%), à sua marcação morfológica (irá falhar) na oração núcleo, com pronome nulo, como se vê no exemplo (19):

(19) **Quando** você estiver em os seus 30 anos, irá falhar bem menos. BR (15-08-25)

As correlações estabelecidas entre os pronomes sujeito ‘ela’, ‘eles’ e ‘elas’ presentes na oração temporal se assemelham a do pronome ‘ele’, isto é, preferencialmente, são estabelecidas entre um sintagma nominal na oração núcleo, como se observa nos exemplos (20 a 22):

(20) Safira pede para Tomás trancar a porta do escritório de Otávio **quando** ela estiver com ele. BR (19-04-18)

(21) Barulho: Amplificadores de som não são permitidos a menos de 200 metros de sedes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, de hospitais, escolas, igrejas e teatros, **quando** eles estiverem em funcionamento. BR (13-04-10)

(22) O histórico das conversas no WhatsApp só pode ser restaurado **quando** elas estiverem na cópia de segurança. BR (17-08-27)

Observa-se que os pronomes ‘ela’, ‘eles’, ‘elas’ presentes, respectivamente, nas orações acima são responsáveis por retomarem sintagmas nominais presentes nas orações núcleo, como ‘Safira’, ‘os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário’ e ‘as conversas’.

Nota-se que a maior recorrência nas orações adverbiais temporais reside no uso de pronomes de terceira pessoa em relação à primeira pessoa (ele, você, ela, eles e elas em detrimento de ‘eu’). Averígua-se, também, que os pronomes de terceira pessoa como (ele, ela, eles e elas) retomam mais frequentemente, e de forma anafórica, elementos já enunciados nas orações, por meio de sintagmas nominais, característica esta também do escopo semântico do pronome ‘ele’ ao retomar coisas, nomes, objetos, entre outros.

De outro lado, estão os pronomes ‘eu’ e ‘você’ que encontram suas correlações, na oração núcleo, por meio de sua marcação morfológica explícita no verbo, com pronome nulo.

Pode-se afirmar então que em todos os casos encontrou-se sujeitos correferentes, porém, faz-se aí uma observação: a correlação preferida para as terceiras pessoas, na oração temporal, acontece por formas nominais, enquanto a correlação preferida pela primeira pessoa presente na oração temporal ocorre, na oração núcleo, por meio da marcação morfológica verbal, com pronome nulo na oração núcleo.

4.2 A Estrutura Semântica Interna

De acordo com Hengeveld (1998), as orações adverbiais devem ser analisadas sob o ponto de vista de sua estrutura interna. Assim, o autor propõe a análise de quatro parâmetros semânticos, a saber: tipo de entidade, referência temporal, factualidade e pressuposição. Estes parâmetros serão analisados a partir da base sintática mencionada na metodologia desta pesquisa, a saber: aparição da conjunção temporal *quando*, explicitação do sujeito pronome mais a realização do futuro do subjuntivo, somado a aparição da oração nuclear.

As subseções na sequência apresentarão os resultados da análise das adverbiais temporais com *quando* e futuro do subjuntivo em relação a cada um desses parâmetros.

4.2.1 Tipo de entidade

Para a classificação de categorias semânticas, Hengeveld (1998) distingue três tipos de entidades de ordens diferentes (entidades de zero ordem, entidades de primeira ordem, entidades de segunda ordem, entidades de terceira ordem e entidades de quarta ordem). Os tipos de entidades relevantes para o tratamento dado às orações adverbiais temporais são conteúdo proposicional e estados de coisas.

Conteúdos proposicionais (entidades de terceira ordem) são as unidades mais altas do nível representacional, representam construtos mentais e podem ser avaliados em factuais e não factuais.

Estados de coisas incluem eventos e estados, são entidades de segunda ordem, e são localizáveis no tempo e avaliáveis em termos de seu estatuto real.

O quadro 7 ilustra a distribuição das adverbiais temporais de acordo com o tipo de entidade designada:

Quadro 5– Orações adverbiais temporais e tipos de entidade

| Tipos de entidades | Base sintática | Nº de ocorrências |
|---------------------------|------------------------|--------------------------|
| Segunda Ordem | quando + fut. do subj. | 998 ocorrências |

| | | |
|------------------------------|---|---------------|
| Terceira Ordem ³⁷ | acho que(4)/acha que /acham que(1)/achamos que quando + fut. do subj. | 5 ocorrências |
| | creio que/crê que/creem que/cremos que quando + fut. do subj. | 0 ocorrências |
| | penso que/pensa que/pensam que/pensamos que quando + fut. do subj. | 0 ocorrências |
| | acredito que/ acredita que/acreditam que/acreditamos que quando + fut. do subj. | 0 ocorrências |
| | imagino que/imagina que/imaginam que/imaginamos que quando + fut. do subj. | 0 ocorrência |
| TOTAL | | 1003 |

Fonte: Dos autores

Como observado no quadro 7, o quantitativo de ocorrências revela que as orações adverbiais temporais de segunda ordem são as mais frequentes entre os dados do corpus, ou seja, em maior número elas expressam estado-de-coisas que podem ser avaliados em termos de realidade e podem ser avaliados quanto à sua temporalidade. Já, as construções de terceira ordem são as que apresentam menor frequência entre os dados, o que pode revelar que esse tipo de oração é mais avaliada em termos de temporalidade e realidade em detrimento da avaliação em termos de verdade, característica de um conteúdo proposicional.

As orações adverbiais de segunda ordem descrevem um evento ou estado-de-coisas ocorrido em um mundo real ou imaginário, que pode ser avaliado em termo de sua realidade e ser qualificado no tempo e no espaço. As ocorrências a seguir (23 a 24) ilustram esse caso, elas são introduzidas pela conjunção *quando* e realizadas por futuro do subjuntivo:

- (23) O comunicado da empresa informa que no final do ano, **quando** estiver disponível comercialmente, seu botão de login " será necessário como uma opção para usuários em aplicativos que suportam o login de terceiros ". # Com isso, desenvolvedores que oferecerem botões de login de Facebook e Google em aplicativos para iPhone também deverão incluir a alternativa da Apple. BR (19-06-04)
- (24) Oposição venezuelana diz que não estão previstas novas reuniões de negociação com o regime # A oposição venezuelana anunciou hoje que não prevê participar em novas reuniões de negociação com o regime, em Oslo, enquanto não houver uma aproximação à sua agenda e que passa por eleições

³⁷ As orações de terceira ordem realizadas por estruturas modais (*achar que, pensar que, crer que, imaginar que, e acreditar que*) estão conjugadas em 1ª pessoa do singular; 3ª pessoa do singular; 3ª pessoas do plural e 1ª pessoa do plural, respectivamente.

livres no país. # " **Quando** houver uma nova reunião eu vou dizer-lhes. PT (19-06-07)

(25) # O genocídio de 1977 é ato de coerência e incoerência; o MPLA não foi movimento, foi bando de terroristas sem treino e organização política [a razão de a tão politizada independência ser adiada para 1991 à causa disto]; na visão do MPLA os angolanos eram todos inimigos, não sabia definir, simpatizantes e não simpatizantes; matou milhares de inocentes como matou na mata; os carrascos foram da máfia que criaram a " Disa; o povo sabe quem são e se vivos onde estão se já não morreram, mas valeu aos carrascos do mpla não terem desaparecido do cenário angolano e mundial em 1977, os cubanos, [os conviventes ou cúmplices] os cubanos estarem em Angola. Fica a Opinião de um comentarista em 2005 sobre este genocídio; " O MPLA apenas se tornará um bom partido **quando** tiver passado por a oposição " Nesse dia a caça às bruxas ainda vai continuar. AO (18-05-27)

(26) Um voto consciente não é aquele feito com base em paixões, admirações vãs e simpatias. Ele, simplesmente, deve ser objectivo. # Caro eleitor de Nampula, podemos testar a qualidade do seu voto? Tente responder, com clareza e honestidade, estas perguntas: (1)- Conhece para que cargo os candidatos concorrem? (2) – Conhece o número de partidos que concorrem e o seu historial? (3) – Sabe como as campanhas foram financiadas? (4) – conhece o perfil sócio-político dos candidatos? (5) – teve acesso ao manifesto eleitoral dos candidatos? 6 – as promessas do manifesto são, verdadeiramente, tangíveis? 7 – os candidatos nunca estiveram envolvidos em escândalos públicos?... São apenas algumas perguntas que julgamos pertinentes **quando** for votar hoje. MZ (18-01-24)

Na oração em (23), dois estados de coisas se relacionam temporalmente (estiver disponível), na oração temporal, e (será necessário) na oração núcleo, sendo a ação descrita pelo segundo estado de coisa necessária para o acontecimento do descrito na oração temporal. Em (24), a relação entre os estados de coisas (houver uma reunião) na oração temporal, e, (eu vou dizer-lhes) na oração núcleo parece estabelecer uma relação de simultaneidade entre os estados de coisas descritos, sendo possivelmente substituível a conjunção *quando* por *assim que*. Já na oração em (25), o estado de coisa descrito na oração núcleo (O MPLA apenas se tornará um bom partido) sugere que ‘*só e somente só*’ realizar-se-á se o estado de coisa descrito

na oração temporal acontecer (tiver passado pela oposição), isto denota uma condição obrigatória para a realização do descrito na oração núcleo. Na oração em (26), o estado de coisa descrito na oração núcleo parece sugerir uma constatação para o evento descrito na oração temporal.

Já as orações adverbiais temporais de terceira ordem veiculam um conteúdo proposicional, isto é, um construto mental elaborado pelo falante. Em outros termos, descrevem uma ideia, pensamento ou hipótese que pode ser avaliado com base em sua verdade, podendo também ser qualificado por meio de expressões que expressam a atitude do falante em relação ao que fiz. É o que ilustram os exemplos 27 e 28:

(27) Quero ter filhos, só que não agora. É uma decisão importante e acho que ainda sou um pouco filha demais para ser mãe. **Acho** que quando for a hora, vou sentir " # Marina Ruy Barbosa e Xande Negrão se casaram em outubro de 2017. BR (18-06-01)

(28) A única coisa que gostava era que andasse de canadianas, sente-se insegura, mas acho que é uma coisa que vai conseguir ultrapassar, é como aprender a nadar, tem de ganhar confiança, **acho** que quando tiver essa liberdade ninguém a para! " PT (15-11-08)

Nos exemplos acima, como já dito, os conteúdos proposicionais são descritos/avaliados em termos de ideia, pensamento ou hipótese. Conforme se observa nos exemplos (27) e (28), as temporais de terceira ordem somente são modificadas em termos de sua validade, nesses casos, especificamente, as construções podem ser modificadas pela expressão modalizadora ‘acho que’, reveladora da atitude do falante em relação a seu enunciado. Outro fato visível para a análise trata-se de que, em ambos os exemplos (27 e 28), a oração temporal introduzida por *quando* vir intercalada entre o predicado modal e sua oração completiva.

4.2.2 Referência temporal

De acordo com Hengeveld (1998), as orações adverbiais podem ser analisadas a partir de sua estrutura temporal, podendo se classificar em: (i) referência temporal dependente (RTD) – quando apresenta referência temporal dependente da referência temporal da oração núcleo e (ii) referência temporal independente (RTI) – quando apresenta referência temporal independente da referência temporal da oração núcleo. Segundo o autor, sintagma oracional adverbial pode estabelecer, em relação ao verbo do qual depende, uma relação que ele rotula de como

dependência de referência temporal, logo as orações adverbiais têm referência temporal dependente quando se realizam como uma consequência necessária do significado da oração matriz, e têm referência temporal independente quando se realizam como uma consequência não necessária ao significado da oração núcleo.

Tradicionalmente, no que tange às orações adverbiais temporais, especificamente aquelas com valor de futuro, as gramáticas normativas prescrevem sua relação temporal, obrigatoriamente, a partir da relação entre futuro do subjuntivo (na temporal) e futuro do indicativo (na matriz).

Ao observar os dados coletados, nota-se que tal correlação – no uso efetivo da língua – mostra-se divergente ao que é prescrito nos manuais de referência; seguem os dados ilustrativos dessa divergência, os quais serão analisados na tabela 3:

Tabela 5 - Distribuição das ocorrências de acordo com a referência temporal entre as orações

| Referência Temporal Dependente (RTD) | Referência Temporal Independente (RTI) | %(porcentagem) de ocorrências |
|---|---|--------------------------------------|
| 428 | 575 | 42,67% (RTD) 57,32% (RTI) |
| Total: 1003 | | |

Fonte: Dos autores

Como se observa na tabela 3, o quantitativo mais expressivo se refere, para a relação entre oração temporal e a matriz nas adverbiais temporais, à referência temporal independente entre elas. Isto é, nas temporais do corpus verifica-se que a referência temporal da oração temporal não está, obrigatoriamente, ligada à referência temporal contida na oração núcleo. É o que se nota nas ocorrências de 29 (no qual a referência é independente) a 30 (possui referência dependente):

(29) Essa é uma Sentinela importante e bastante disputada entre os dois suportes. Esse tipo de arbusto é popularmente chamado de Tri-Brush. Caçadores gostam bastante de utilizá-las para realizar seus Ganks. **Quando você estiver no Lado Vermelho, será interessante tentar conquistar a visão nesse lugar.** BR (18-08-08)

(30) **Isso significa o smartphone passa a renderizar de forma mais precisa o posicionamento – e eventuais movimentos – do usuário no mapa do**

smartphone, quando ele estiver em locais como aeroportos, hospitais e campus de empresas, por exemplo. BR (19-01-09)

(31) # Lucas revela para Caruso: 'Entrei na Prova do Líder para ganhar e indicar você' # A conversa na cozinha continua e Caruso diz para Lucas: "**Quando eu tiver um problema com você, sempre vou falar contigo e vou manter isso até o final.** Gostaria muito que você também tivesse essa atitude". BR (18-02-16)

(32) **Reconheça os sentimentos dele e o abraçe mais forte quando ele estiver pronto para isso.** BR (14-11-03)

No exemplo (29), verifica-se que a oração temporal pode realizar-se com a forma do futuro do indicativo e o valor expresso, por meio da correlação entre as orações, é o de futuro. Em (30), o valor de futuro se permanece, apesar de a correlação entre as orações temporal e núcleo ser realizada a partir da forma do presente do indicativo.

No exemplo (31), a correlação entre as orações temporal e núcleo é realizada a partir da presença da forma do futuro perifrástico na oração núcleo. Aí, o valor de futuro também se mantém e é interessante observar que a presença de 'sempre' instaura, na sentença, uma leitura de repetição do estado-de-coisa no tempo.

Em (32), diferentemente dos outros exemplos nos quais há correlação, também, entre os referentes das orações temporal e núcleo, existe uma interlocução na qual um enunciador se dirige a outrem, ordenando-o a realizar uma ação, num tempo futuro.

Do ponto de vista semântico temporal das orações em (29 a 32), levando em consideração a correlação modo-temporal entre as orações temporal e núcleo, observa-se a projeção das asserções ao futuro que, ao se realizar, será em um futuro próximo, posterior ao momento de fala. As orações em (29 a 32) estabelecem entre a oração temporal e a oração matriz uma relação semântica que projetam seus eventos a um futuro, em (29) há correção entre futuro do subjuntivo e futuro do presente, em (30) há correlação entre presente do indicativo e futuro do subjuntivo e em (31) há correlação entre futuro do subjuntivo e futuro perifrástico; em (30) e (31), apesar de não haver correspondência morfológica entre futuro do subjuntivo na oração temporal e futuro na oração matriz, a leitura semântica que se faz dessas formas verbais é, inequivocamente, a de futuro;

Os exemplos vistos mostram que a referência temporal da oração temporal pode ser dependente ou independente, majoritariamente são independentes da referência temporal da oração núcleo. Os dados analisados corroboram, dessa forma, a afirmação de Marques (2010)

de que o subjuntivo pode ocorrer em orações independentes e nem sempre estabelecer concordância de tempo entre a matriz e a encaixada.

Dos exemplos analisados também pode-se depreender, segundo afirma Reis (2014), que a distribuição do futuro do subjuntivo, em orações introduzidas por *quando*, está relacionada também à expressão da modalidade cuja função se associa à expressão de tempo.

4.2.3 Factualidade

No que diz respeito ao parâmetro da factualidade, Hengeveld (1998) afirma que uma oração adverbial pode ser avaliada em factual ou não-factual, e essa avaliação dependerá do modo como seu conteúdo é concebido pelo falante. No caso das orações adverbiais temporais com valor de futuro, levando em consideração, nesse tipo de oração, a realização do modo subjuntivo, tradicionalmente expresso como o modo do não-real, segundo os manuais de referência, elas descrevem um estado-de-coisas eventual, não-real, e, portanto, são consideradas não factuais.

Se se considera o parâmetro da factualidade em relação ao tipo de entidade, as orações adverbiais, foco desta pesquisa, seriam avaliadas em termos de veicular estado-de-coisas como sendo não-reais ou proposições como não-verdadeiras, como ilustra o exemplo 33:

- (33) A relação do casal não teria passado de uma noite, mas a psicóloga também não fez questão de manter contato, alegando que não faria diferença se o modelo assumisse sua filha. # Em resposta, Jesus disse: "**Quando eu tiver um filho, serei o melhor pai do mundo!** Eu desejo toda a LUZ do mundo pra essa equipe que se esforçou tanto em criar isso sobre mim ". E ainda brincou: "Tenho 3 filhos e são 3 cães! Vocês conhecem! " BR_5199719 (14-06-06)

Em (33), o estado-de-coisa descrito pela oração adverbial temporal é apresentado como sendo um evento que pode se realizar num tempo futuro incerto, mas que, de fato, tem estatuto de não-realizado, portanto, não-factual.

De acordo com os dados apresentados, é possível notar que a correlação modo-temporal entre a oração adverbial e a oração núcleo pode ocorrer não somente pela correlação entre futuro do subjuntivo e futuro do indicativo, como também entre o futuro do subjuntivo (na adverbial) e o presente do indicativo, futuro perifrástico, imperativo afirmativo (na oração núcleo), entre outros tempos-modos verbais. Isto pode indicar que as orações realizadas pelo presente do indicativo e imperativo afirmativo (orientando uma ordem ao interlocutor) sejam mais factuais

em relação àquelas cuja correlação modo-temporal são realizadas pela correlação entre futuro e futuro.

As orações adverbiais de terceira ordem veiculam um conteúdo proposicional, isto é, um construto mental elaborado pelo falante. De outro modo, elas descrevem uma ideia, um pensamento ou uma hipótese que podem ser avaliados em termos de sua verdade e também qualificados por meio de expressões atitudinais. Houve apenas 5 (cinco) ocorrências de adverbiais de terceira ordem, é o que ilustram as ocorrências abaixo:

- (34) Acho que quando eu tiver com uns 40 anos essa rotina de shows e turnês vai ficar muito cansativa, provavelmente vou escolher ser ator ", declara. BR (15-08-05)
- (35) Acho que quando eu fizer uma música com ele, tem que ser com calma. BR (15-08-22)

A diferença entre as adverbiais de terceira ordem e de segunda ordem pode ser mais bem observada pelo tipo de modificação que admitem. As orações de terceira ordem somente são modificadas em termos de sua validade. É o caso das ocorrências acima, 34 e 35, nas quais a construções pode ser modificada pela expressão modalizadora ‘acho que’, reveladora da atitude do falante em relação a seus enunciados. Essas ocorrências por serem avaliadas em termos de sua validade são consideradas não-factuais.

4.2.4 Pressuposição

Sobre o parâmetro da pressuposição, Hengeveld (1998) propõe que o conteúdo veiculado por uma oração adverbial pode ser avaliado em pressuposto ou não-pressuposto. Tomando a pressuposição como critério pragmático, ela se refere ao modo como o falante estrutura sua mensagem em relação ao que espera ser do conhecimento de seu ouvinte.

Uma oração, portanto, pode ser classificada como pressuposta se o falante formula seu enunciado partindo do suposto de que seu ouvinte tem conhecimento de que o conteúdo veiculado na adverbial é real/não-real ou verdadeiro/não-verdadeiro. Por outro lado, uma oração é classificada como não-pressuposta se o falante produz seu enunciado partindo do suposto de que seu ouvinte não tem conhecimento de que o conteúdo descrito pela oração adverbial é real/não-real ou verdadeiro/não-verdadeiro.

Levando em consideração o tratamento dado pelos manuais de referência às orações adverbiais com valor de tempo futuro, estas seriam, portanto, avaliadas como não-pressupostas, pois o falante estrutura sua mensagem com base em uma informação sobre a qual o ouvinte não tem acesso ao seu conhecimento; os eventos são descritos com base na eventualidade e na não-factuality.

Para uma análise de base funcional, acredita-se que, como realizado com o parâmetro da factuality, o parâmetro da pressuposição não deve ser examinado isoladamente, podendo ser mais bem compreendido se analisado em relação aos parâmetros da factuality e tipo de entidade.

Ao observar, primeiramente, as orações não-pressupostas, nestes casos o falante, quando elabora seu enunciado, parte do pressuposto de que seu ouvinte desconhece o fato de que a oração adverbial veicula uma informação não-factual, daí constrói essa informação como não-pressuposta. Assim, o falante constrói a informação contida na oração temporal como se seu ouvinte não tivesse conhecimento de que o conteúdo da oração é não-real ou não-verdadeiro. É o caso do seguinte exemplo:

- (36) Simaria emocionou os espectadores ao responder uma pergunta do apresentador Serginho Groisman sobre a doença que ela teve, e que a fez pausar a carreira mais de uma vez. " Se eu não tivesse passado por todas as coisas que passei hoje, eu não saberia colocar limite em as coisas que não posso fazer ", disse. " A saúde da gente é o bem mais precioso. Se não cuidar da saúde, pode ter todo dinheiro do mundo que **quando você estiver na cama do hospital você fala'** eu trocaria todo o dinheiro que guardei até hoje para ter saúde' e o dinheiro não vale nada ", concluiu. BR (19-04-21)

No exemplo (36), o falante apresenta o conteúdo da oração adverbial, como não-real, isto é, sua não-realidade é apresentada como não-pressuposta. É como se o ouvinte não dispusesse dessa informação fornecida pelo falante, e, portanto, este empacota a informação como não-pressuposta. O conteúdo empacotado como desconhecido é, por sua vez, por este avaliado como não-real ou não-verdadeiro, isto é, o falante tem em mente o fato de que seu ouvinte não tem conhecimento da não-factuality do conteúdo enunciado e por esse motivo o constrói com base na não-pressuposição.

Nas orações pressupostas, por outro lado, ao elaborar seu enunciado, o falante parte do pressuposto de que a informação por ele apresentada é conhecida por seu ouvinte. Dessa

maneira, o falante constrói a informação contida na oração temporal como sendo um estado-de-coisas assumidamente não-real ou não-verdadeiro, acreditando que seu ouvinte tem conhecimento dessa irrealidade ou falsidade. É o que se observa nos exemplos 37 e 38:

- (37) E é muito fácil distinguir esses grupos. Aqueles que o amam e fazem críticas para o seu bem levantarão seus braços na hora da vitória e empunharão a espada ao seu lado na hora da batalha. **Os demais darão um sorrisinho de canto quando você estiver em apuros.** BR (18-03-03)
- (38) Atitudes preventivas: # Nunca deixe seu filho dormir fora de casa ainda que seja em casa de parentes ou amigos. Nunca contrate prestadores de serviços quando não estiver em casa. **Faça isso quando você estiver em casa** e não se descuide jamais. # Ao levar seu filho à escola, coloque-o do portão para dentro, e só se retire quando ele estiver dentro do estabelecimento. Tenha certeza de que ele não saiu. # FOTO ESCOLA # Quando não puder ir buscá-lo, avise antecipadamente à Direção da Escola, passando o nome completo da pessoa que irá apanhá-lo. BR (17-09-30)

No exemplo (37), a informação apresentada pelo falante e descrita pelo estado-de-coisas “dar um sorrisinho de canto” é apresentada como não-real, isto é, sua não-realidade é apresentada como pressuposta. O mesmo ocorre no exemplo em (38) no qual o conteúdo proposicional é não-verdadeiro e, então, pressuposto. Observa-se que neste último exemplo o estado-de-coisas (não-real) é uma recomendação, que está direcionada ao ouvinte.

Ao observar os exemplos na sequência (39 e 40), nota-se que as orações adverbiais de terceira ordem, isto é, aquelas que veiculam um conteúdo proposicional ou, em outras palavras, apresentam um construto mental elaborado pelo falante, podendo ser avaliado em termos de sua verdade e/ou qualificado por meio de expressões atitudinais, são menos frequentes entre as ocorrências analisadas, porém demonstram comportamento próximo, no que tange ao parâmetro da pressuposição, às de segunda de ordem, como ilustram os exemplos:

- (39) Quando eu chego em um lugar, e as pessoas dizem "ô, cê lê!" [risos], eu e meu parceiro Renan zoamos... "nos dia bom, nóiz até escreve!". As pessoas constroem uma ideia, e eu evito entrar nesse tema com profundidade para não constranger – o quão primitiva é a visão de eles sobre nós. Mas eu faço

questão de enfatizar, tipo: " Sua cabeça está em 1800, e lá em 1800 vocês já estavam errados ". # P. Com quem você ainda não gravou, mas gostaria de gravar? # R. Djavan. Eu queria ter gravado com o Djavan nesse disco, mas estavam corridas as coisas. **Acho que quando eu fizer uma música com ele, tem que ser com calma.** Com todos os artistas que amo eu gostaria de fazer música.

(40) " Eu sabia disso. Não quero me intrometer no que ela está dizendo, mas sei o que está acontecendo. Sim, está acabando para Ronda. Depende de quando ela vai dizer, e eu não quero me meter, porque é a carreira dela. Mas ela tem lutas o bastante para nós assistirmos e aproveitarmos. Ronda Rousey ganhou muito dinheiro e conquistou o que queria. Quando você chega a um ponto, especialmente neste ramo, você tem que começar a pensar nessas coisas. Ela ama atuar, é boa nisso, e será melhor ainda quando se dedicar mais a isso. **Acho que quando ela disser que parou, vai parar.**

Em ambos os contextos (39 e 40) as orações adverbiais temporais são condicionadas pelas expressões atitudinais “acho que”, o que confere ao conteúdo proposicional dessas sentenças a ideia de que elas podem ser avaliadas em termos de verdade em relação aos seus conteúdos, em (39) “ter que ser com calma” e em (40) “parar”. As duas orações veiculam conteúdos proposicionais empacotando as informações como se estas fossem desconhecidas pelo ouvinte, ou seja, são informações não-factuais (ou não-verdadeiras), daí ele empacotar as informações como pressupostas.

Ao observar os dados analisados, a partir dos parâmetros semânticos propostos por Hengeveld (1998), observa-se – sobre a expressão do futuro em orações adverbiais temporais – que as orações adverbiais temporais apresentam as seguintes características semânticas internas:

Segunda ordem/RTD/não-factual/pressuposta:

Quando você estiver no período de Proteção contra Ataques, você poderá atacar apenas aldeias bárbaras caso não queira quebrar com a proteção. Após esse período inicial,

você poderá atacar e ser atacado. Então tome cuidado e construa seu exército para atacar e defender. # Conquistas # As conquistas fazem parte dos adicionais que entraram nessa segunda versão do game. Elas irão recompensar o jogador por suas evoluções e guiá-lo pelo caminho. Ao acessá-las e procurar completá-las, o jogador evita o fortalecimento de uma parte da aldeia somente. Elas também auxiliam para melhor entender o game e todas as suas propriedades, tanto de ataque, quanto defesa, recurso e espionagem. # Procure sempre estar de olho nas conquistas. BR (14-12-05)

Segunda ordem/RTI/não-factual/não-suposta:

“Seu âmagô, Destiny é um jogo de tiro em primeira pessoa que bebe pesadamente da mesma fonte que a série Halo. # Porém, ele incorpora vários outros elementos de gêneros diferentes. Por exemplo, suas armas são personalizadas com diversas peças e você saberá quanto dano elas causam, como em um RPG. Há grandes áreas abertas a se explorar como se fosse a série Borderlands, mas um amigo pode entrar ou sair do jogo a qualquer momento, como Journey. Há ainda eventos aleatórios que podem envolver outras pessoas online, como em um MMO. # Todas essas coisas parecem acontecer a o mesmo tempo, mas Destiny se esforça para se dividir em áreas.

Quando você estiver apenas explorando, pode surgir um evento inesperado, mas nunca acontecerá de uma pessoa vir atrapalhar a sua experiência quando você estiver em o meio de a história”. BR (14-09-07)

Quando você estiver em o seu limite, tente agendar uma sessão de brainstorming ou uma reunião. Produzir enquanto você prova esta estratégia? Lucro! # Dance em a cadeira! # Ok, talvez a sua mesa de trabalho não seja o lugar mais apropriado para uma balada, mas pelo menos ligue seus fones de ouvido por alguns minutos. A música pode melhorar o seu humor e lhe dará a oportunidade de desfrutar de uma mini fuga. Perca-se na batida e em seguida volte ao trabalho revigorado e pronto para enfrentar a próxima tarefa. # Hidrate-se. Pode ser tentador pegar aquele refrigerante diet, mas isso não vai ajudar no seu nível de energia se você estiver secretamente desidratado. Pesquisas sugerem que uma leve desidratação pode contribuir para a sonolência. Troque os refrigerantes pela velha e boa água mineral e se fortaleça contra o fogo do meio da tarde. BR (15-01-06)

Terceira ordem/RTI/não-factual/pressuposta:

Não quero me intrometer no que ela está dizendo, mas sei o que está acontecendo. Sim, está acabando para Ronda. Depende de quando ela vai dizer, e eu não quero me meter, porque é a carreira dela. Mas ela tem lutas o bastante para nós assistirmos e aproveitarmos. Ronda Rousey ganhou muito dinheiro e conquistou o que queria. Quando você chega a um ponto, especialmente neste ramo, você tem que começar a pensar nessas coisas. Ela ama atuar, é boa nisso, e será melhor ainda quando se dedicar mais a isso. **Acho que quando ela disser que parou, vai parar.** Ela parou de lutar judô, foi para o MMA e seguirá para a interpretação ", declarou o chefão, em entrevista ao TMZ. BR (16-11-03)

Uodson na trama e está adorando finalmente poder interpretar, o que era um grande sonho da sua vida desde novinho. Por isso, o cara não planeja largar essa profissão tão cedo: " Eu sempre falei pra minha mãe que ia atuar e cantar quando crescesse, ela não acreditava, mas eu corri atrás pra que isso virasse realidade (risos) ", compartilha. # E se você é um dos fãs apaixonados pelo bonitão do sertanejo universitário com certeza vai ficar chocado com o que ele falou para a equipe do Purebreak, durante a coletiva que rolou da nova temporada da novelinha. Lucas afirmou que pretende investir na atuação: " Não me vejo fazendo os dois no futuro. Por incrível que pareça, eu só me vejo atuando. **Acho que quando eu tiver com uns 40 anos essa rotina de shows e turnês vai ficar muito cansativa, provavelmente vou escolher ser ator "**, declara. BR (15-08-05)

CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho foi descrever as orações adverbiais temporais introduzidas pelo conectivo *quando* e realizadas pelo futuro do subjuntivo, à luz da corrente teórico-metodológica do Funcionalismo holandês, levando em consideração os componentes pragmáticos, semânticos e morfossintáticos envolvidos, ao se investigar as motivações funcionais subjacentes à relação entre essas estruturas e as situações conceituais que delas surjam.

Considerou-se para este trabalho a análise das orações adverbiais temporais introduzidas pela conjunção *quando* e realizadas pelo futuro do subjuntivo no Nível Representacional da Gramática Discursivo-Funcional, foi estabelecido um conjunto de parâmetros pragmáticos, semânticos e formais, usados para o exame do objeto em análise.

A hipótese inicial deste trabalho era a de que as orações adverbiais temporais introduzidas por *quando* e realizadas por futuro do subjuntivo e a oração núcleo manifestassem interpretações diferentes daquela que a caracterizava formalmente como um advérbio ou adjunto adverbial.

Em síntese, a análise aqui realizada com base em 1003 ocorrências extraídas do Corpus do Português, corpus este que permite analisar a língua em uso, possibilitou dizer que as orações adverbiais temporais são heterogêneas e apresentam alguns comportamentos semânticos, pragmáticos e formais.

A respeito da coerência referencial, preferencialmente as orações adverbiais temporais apresentam sujeitos correferentes entre a oração temporal e a núcleo; essa correlação acontece majoritariamente entre pronomes de terceira pessoa (na oração temporal) e formas nominais na oração núcleo; em segundo plano está a correlação estabelecida entre a primeira pessoa na oração temporal e sua marcação morfológica verbal na oração núcleo; sobre a ordem nas orações adverbiais temporais nas variedades do português, até o momento, pode-se dizer que: (i) são preferencialmente pospostas à oração núcleo; (ii) indicam continuidade tópica ou temática (manutenção da continuidade discursiva); (iii) indicam a sequenciação dos estado-de-coisas no discurso;

A correlação modo-temporal entre a oração temporal e a núcleo é, predominantemente, realizada pelo futuro do subjuntivo (na temporal) e presente do indicativo (na núcleo), outros modos e tempos verbais se fazem presentes na oração núcleo o que cria uma variabilidade de combinações modo-temporais e leituras (importante pontuar que o foco desta pesquisa está na

análise da adverbial temporal com valor de futuro); além de o verbo ‘estar’ ser o mais produtivo na oração temporal com sentido futuro.

Podem figurar-se como de segunda ordem, com referência temporal dependente, não-factual e não-pressuposta.

Podem figurar-se como de segunda ordem, com referência temporal independente, factual e não-pressuposta.

Podem, também, figurar-se como de terceira ordem, com referência temporal independente, não factual e não-pressuposta.

Nota-se que, no que tange ao valor de futuro exposto nas adverbiais temporais, parece haver um grau semântico para sua leitura, que varia entre uma leitura mais próxima à temporalidade (consequentemente, apresentam um menor grau de factualidade) em direção a um maior grau de factualidade (com menor grau de temporalidade), assim, coaduna-se aqui com a leitura de Reis (2014) para as adverbiais temporais.

A análise do objeto foco deste trabalho com base no aporte teórico da linguística funcional permitiu observar a língua em uso e não somente como abstração, observando que as escolhas dos falantes não são aleatórias, mas que no momento de construir enunciados temporais, por exemplo, é possível construir realidades com maior ou menor grau de factualidade.

A análise que se fez não pretendeu ser exaustiva nem definitiva, porém motivou o interesse em estudar as orações adverbiais, a fim de que outras descrições surjam no português brasileiro. Espera-se que este trabalho tenha contribuído, nem que seja minimamente, para a ampliação do aporte teórico já existente a respeito do objeto de análise aqui escolhido.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. F. **A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade.** 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- BAGNO, M. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 1998.
- BAGNO, M. **Português ou Brasileiro?** um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BRAGA, M. L. **Os enunciados de tempo no português falado no Brasil.** In: NEVES, M. Gramática do português falado. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- BRAGA, M. Luiza. O discurso oral e as orações de tempo. *Alfa*, São Paulo, v. 4, p. 39-53, 1997.
- CARMELINO, A. C. **Um estudo das categorias tempo, aspecto, modo e modalidade na oração hipotática adverbial temporal introduzida por quando e enquanto na literatura romanesca do português contemporâneo do Brasil.** 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.
- CARVALHO, M. A. A. As construções temporais em Epiphany dias, Rocha Lima e Moura Neves. **Web-Revista Sociodialeto: Bach; Linc, Mestrado – Letras – UEMS/Campo Grande**, v. 4, n. 12, mai.2014.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.
- CAVAGUTI, A. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. A configuração semântica de orações causais-condicionais no português do Brasil segundo a Gramática Discursivo-Funcional. **Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras**, v. 18, n. 1, p. 102-120, jul. 2014.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- COAN, M.; PONTES, V. O. Variação modo-temporal em livros didáticos de língua espanhola e de língua portuguesa: uma análise comparativa. Universidade Federal do Ceará. **Linguagem & Ensino, Pelotas**, v. 16, n. 2, p. 363-392, jul./dez. 2013.
- COMRIE, B.; HOLMBACK, H. The future subjunctive in portuguese: a problem in semantic theory. North-Holland: **Elsevier Science Publishers**, 1984. 213-253 (número de páginas?)
- COROA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos em português: uma introdução à sua interpretação semântica.** Brasília: Thesaurus, 1985.
- COSTA, V. M. Oração adverbiais temporais em duas gramáticas do final do século XX: Luft (1979) e Neves (2000). **Verbum**, v. 6, n. 2, p. 43-51, fev. 2017.
- CRISTOFARO, S. **Subordination.** Oxford: University Press. 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DUARTE, M. E. L. **A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos**. In: PAIVA, M. da C.; Duarte, M. E. L. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, pp. 115 - 128.

FREITAG, R. M. K. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GALVES, C. **A sintaxe do português brasileiro**. *Ensaio de Linguística*, 13, Belo Horizonte, 31-50, 1987.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax: An Introduction – Volume I**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. **Syntax: An Introduction – Volume II**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GORSKI, E. *Motivações Discursivas em Competição na Ordenação de Orações Temporais*. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.35, n. 1, p. 97-120, março de 2000.

HALLIDAY, M.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. Great Britain: Hodder Education, 2004.

HENGEVELD, K. *Adverbial clauses in the languages of Europe*. In: AWERA, J.; BAOILL, D. P. (Eds). **Adverbial constructions in the languages of Europe**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.

HIRATA-VALE, F. B. M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2005.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 2016.

ILARI, R.; NEVES, M. H. M. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

KOCH, I. G. Villaça. **Linguística aplicada ao ensino do português**. Porto Alegre: Mercado Alegre, 1987.

LOBO, M. **Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português**. 2003. Dissertação (Doutorado em Linguística/Sintaxe). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2003.

MARQUES, R. Sobre a semântica dos tempos do conjuntivo. **Actas do XXV Encontro da Portuguesa de Linguística**. Textos Seleccionados, APL, p. 549-565, 2010.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. Araraquara. Editora: UNESP, 2011.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. **Revista Alfa**, São Paulo, 38, p. 109-127, 1994.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L. **Hipotaxe e Gramaticalização**: uma análise das construções de tempo e de condição. **Delta**, v. 14 special issue São Paulo, 1998.

NEVES, M. H. de M., BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.. As construções hipotáticas. In: ILARI, R.; NEVES, MHM. **Gramática do português culto falado no Brasil**: classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp 2, 2008, p. 937-1015.

OLIVEIRA, A. P. **A relação adverbial temporal na lusofonia sob a perspectiva da GDF**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Paulista - Júlio de Mesquita Filho. São José do Rio Preto, 2013.

OLIVEIRA, M. C. **O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

OLIVEIRA, T. Peres. **As conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2008.

OLIVEIRA, T. Peres. Conjunções adverbiais no português. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.22, n. 1, p. 45-66, jan/jun. 2014.

PALMER, F. R. **Mood and Modality**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001-2. ed. 2006.

PERINI, M. A. Sintaxe e Semântica do futuro do subjuntivo. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Centro de Extensão, 1978.

PEZATTI, E. Goreti. **Construções subordinadas na lusofonia**: uma abordagem discursivo-funcional. São Paulo: Editora UNESP, 2016, 357 p. ISBN 978-85-6833-480-5.

PIMPÃO, T. S. **Variação no presente do modo subjuntivo**: uma abordagem discursivo-pragmática. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

REIS, D. L. **O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade.** 2014. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, p. 345. 2014.

REIS, D. L. Variação no futuro do subjuntivo: um estudo sociofuncionalista. *In: Anais [...]* CELSUL, GT Variação e Mudança em Morfossintaxe, 2008, p. 1-12.

SALDANYA, M. P. **El modo en las subordinadas relativas y adverbiales.** *In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. Gramática Descriptiva de la lengua española.* Madrid: Editorial Espasa Calpe, ed. 2., 1999.

SALLES, H.; SILVA, C. F. **Orações temporais iniciadas por quando: uma comparação entre o português e o espanhol.** *In: XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (Alfal),*2014, João Pessoa: Paraíba. *Anais [...].* João Pessoa, 2014.

SANTOS, C. Cristina Silvestre. **O futuro do subjuntivo em orações relativas do português brasileiro.** 2019. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, p. 99. 2019.
SANTOS, J. F. G. **Sintaxis del Español.** Nivel de perfeccionamiento. Madri: Editorial Santillana, 1993.

SANTOS, R. M. A. **O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas.** 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2005.

SOUZA, M. S. C. **O papel discursivo e coesivo das orações temporais.** *In: NEVES, M. Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa.* São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

VESTERINEN, R. Uma aproximação cognitiva ao modo conjuntivo [*A cognitive approach to the subjunctive mood*]. **Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos**, 14(1), 151-174, 2010.